

REVISTA DA SEMANA

N. 25 23-6-56 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

Capanema, ex-ministro da Educação, opina:

— O ANALFABETO DEVE VOTAR!

Os trágicos acontecimentos da Argentina

Por que Grace Kelly não poderá ser mãe





Da máxima confiança...

O precioso equipamento técnico desta máquina fotográfica com espelho refletor para fotografias pequenas, com objetivas-baioneta, rapidamente cambiáveis, de diferentes distâncias focais, novo obturador de cortina para 1-1/1000 de segundo e visor sincronizado cambiável com prisma de inversão adaptável para formação de imagem não-invertida sobre o vidro despolido, com prismas transparentes de vidro para focalização exata, diafragma de molas adaptável, e numerosos outros acessórios garantem a máxima capacidade da Praktina em todos os campos da fotografia.

Nosso representante, a firma **IRMÃOS KRYSS**

Avenida Ipiranga, 795 - 14.º andar, salas 1402/3 - São Paulo

fornecerá prazerosamente qualquer informação
Deutsche Export- und Importgesellschaft

feinmechanik - Optik m. b. H.

Berlin C 2 · Schicklerstraße 5—7
República Democrática Alemã

Ano 56 — Nº 25 — Rio de Janeiro — 23-6-1956

REDATOR-CHEFE — Celestino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Os trágicos acontecimentos na Argentina	4/7
Uma Gravura põe o Salão em pânico	16/18
Oilenta modelos	22/25
São João — Junho canta lá fora	31/34
O analfabeto deve votar?	40/43
A maior rival de Grace Kelly	46/49
A moda masculina	59/61

SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Flash Paulista	19
Literatura	20/21
Arte	21
Palavras Cruzadas	26
Itinerário do Brasil	27
Pelas esquinas da noite	30
TV na Revista	35
Por esse mundo de Deus	36/37
Música	38
Revista há 50 anos	44
Astrologia	45
Conversa de mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Último Flash	62
Figura em Foco	63

HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

LITERATURA

São João disse (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	14/15
O Espanto	50/51

VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	12/13
A Coroa e a Espada	28/29
Que sabemos das grandes religiões?	39

CAPA

São João (Ektachrome de VAN ERVEN).

Este número consta de 64 páginas.



SÃO JOÃO DISSE...

◆ Cidadãos da cidade grande, não temos a alegria das fogueiras queimando castanhas enquanto vamos fazendo novos parentescos: «S. João disse, S. Pedro confirmou que havemos de ser compadres que Jesus mandou». As crianças dos arranha-céus que hoje brincam com bombas tremendamente barulhentas não sabem, nunca saberão da beleza e da alegria das fogueiras no fundo do quintal (onde andam hoje os quintais? Nos subúrbios apenas). O S. João que comemoraremos esta semana é para os pequeninos de agora apenas um motivo de soltar fogos mortíferos. (São proibidos pela polícia, vocês sabiam?). Ontem encontrei na praia de Copacabana dois jovens rapazes brincando com aquele fogo de artifício chamado «pistola». Não sei se todos o conhecem: de um bastonete aceso saem bolas de várias cores. A mão precisa ficar firme para não atrapalhar a chegada das bolas que espocam no ar sem ruído, mas tão belas nas suas diversas cores. E' ainda um brinquedo do tempo em que S. João era lírico, sereno, com fogueiras e balões. Hoje os kalões são muito perigosos; podem cair em árvores, cometer crimes incendiando-as, ou provocar desastres muito sérios tantos os fios elétricos que enchem uma cidade grande como a nossa.

◆ Mas S. João está aí. Não promete nada, esse santinho que gosta apenas de luzes, de fogo puro, de fogo que não queime ninguém, muito menos as crianças, porque todos sabem que S. João é muito mais bonito do que outros santos, pois parece um menino, com seu cordeirinho no ombro. São João manda a gente se amar com pureza; é capaz de tornar parentes as pessoas menos aparentadas, de criar laços de amizade e parentesco nas criaturas que, sem ele, jamais conseguiriam fazê-lo.

«S. João disse, S. Pedro confirmou».

Na «noite fria tão fria de junho» como diz aquela nossa canção, risadas cortam o ar enquanto sobrevoam balões de papel de seda. E nas fogueiras vermelhas estão sendo cozinhadas as castanhas enquanto em torno dela, pulando-a, vamos tornando maior a nossa família.

Perdoai esta evocação de um S. João passado longe, muito longe no tempo e no espaço. E' que quando chega junho, as lembranças me envolvem como carícias. Junho na minha cidade, no meu tempo de menina, era isso que estou descrevendo agora aqui. Os homens gostam sempre de recordar. Por menos que sejamos saudosistas o passado surge sempre para acentuar os bons pedaços já vividos.

◆ Todas as ruas desta cidade grande, quando junho se apresenta e S. João se anuncia, se enchem de aterradores ruídos. Meninos sem culpa brincam com «cabeça de negro» e «bombas». (Onde andarão os pais desses meninos?) O noticiário dos jornais se enche com registros de fatos dolorosos: crianças queimadas, crianças em hospitais, crianças vítimas de seus próprios brinquedos. Todos os anos a polícia anuncia que a pessoa pegada com esses fogos será presa. Eles continuam. Por que não proibem que fábricas os produzam? Por que não vão liquidar na fonte o mal? Se estão à venda ilegalmente, por que não procurar quem os fabrica? Onde andam as «estrelinhas» mudas e lindas? Por que em tantos dias de tão grande barulho eu vi apenas dois mocinhos brincando com uma «pistola»?

S. João não gosta disso; posso garantir. Porque S. João é um santinho bom, alegre, que gosta de fogo silencioso, de balões, da poesia das fogueiras fazendo compadres, primos, afilhados e até noivos. Conheço muita gente do meu tempo que ficou noivo ainda pequenino. E foi muito feliz com esse noivado.

— S. João: estão transformando você num santo guerreiro. Dê um geito nisso.

Estava o Presidente Aramburú em excursão pelas províncias quando teve ciência do movimento «peronista-comunista» (assim denominado oficialmente), apressando-se em voltar a B. Aires para tomar providências na defesa do seu governo. Flagrante do desembarque na capital.



LA PLATA: — O bombardeio da aviação determinou a fuga dos ocupantes do Quartel do Regimento 7. À esquerda, tropas descansam depois de uma noite de insônia, diante do quartel já retomado. — A foto imediata, mostra os impactos causados pelas granadas na parede ao lado da en-



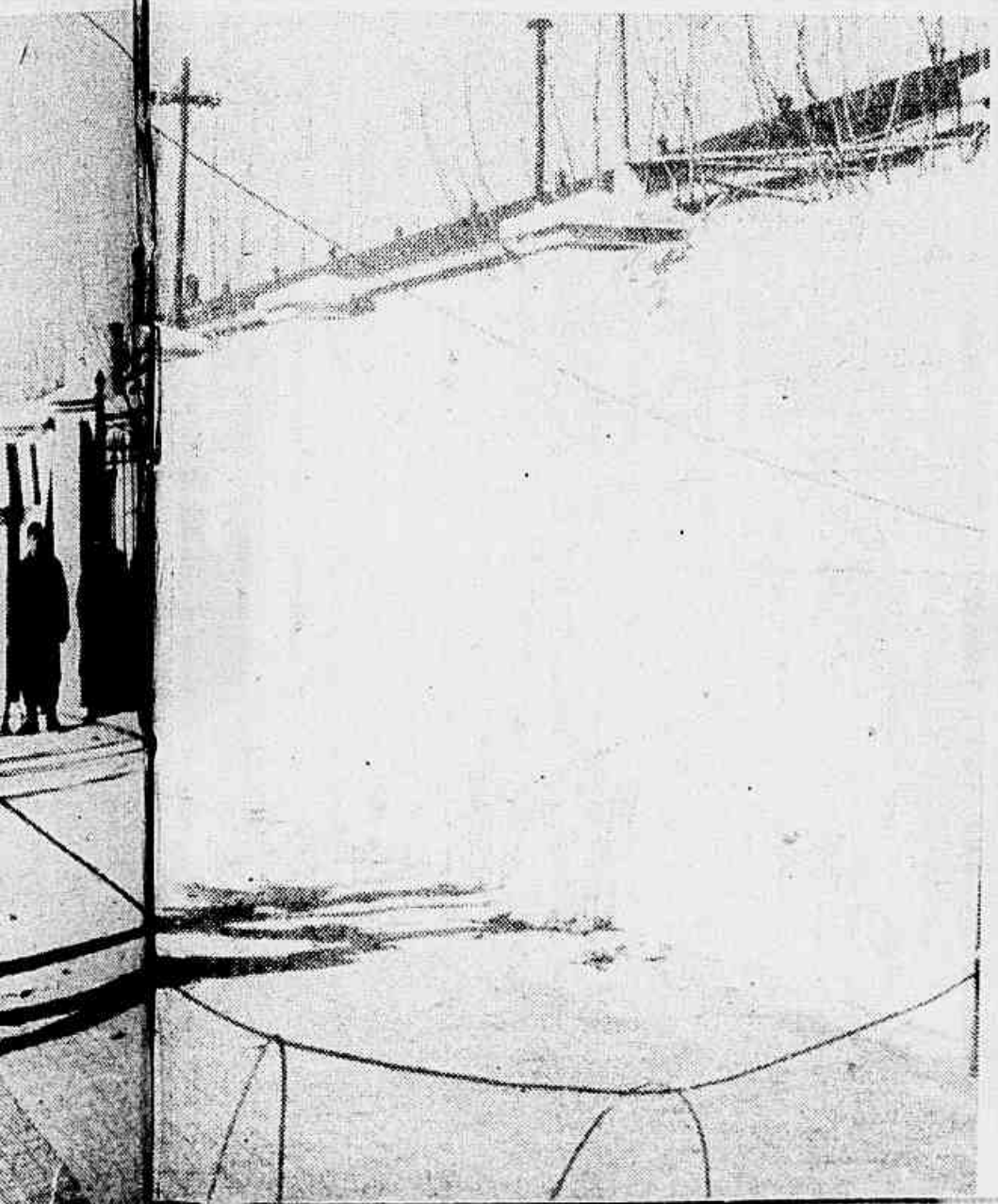


MAIS SANGUE DERRAMADO NA ARGENTINA

♦ Qualquer que tenha sido o espírito do novo movimento que eclodiu no país vizinho, a dez do corrente, foi ele motivo do nosso pesar. Assistimos, de coração alanceado, aos acontecimentos que provocaram mais algumas centenas de mortos, inclusive os fuzilamentos executados pelo governo, para repelir o adversário. Fracassada a intentona, que, segundo a palavra oficial, foi de caráter «peronista-comunista», funcionaram os pelotões de fuzilamento, por imposição da lei marcial que se estendeu por alguns dias, lei que permitiu, inclusive, a morte do general Juan José Valle, um dos «cabeças» do movimento frustrado. A partir de 13, novo decreto foi assinado, levantando a lei marcial e declarando entre outras coisas, que «as sentenças de morte não executadas, não mais o serão». Contudo, o almirante Isaac Rojas, vice-presidente da República, afirmou que a lei voltaria a ser promulgada, se necessário fôsse. As ocorrências culminaram em La Plata, capital da província de Buenos Aires, onde os rebeldes chegaram a ocupar o Quartel do Regimento 7, do qual foram expulsos e mortos, pela ação dos bombardeiros da aviação. Isso provocou muitos incêndios e conseqüentemente a morte de inúmeras pessoas. Os números exatos de vítimas, não são ainda conhecidos quando redigimos estas linhas. — (Fotos U PRESS e I.N.S.)

pois de
da en-

trada do Quartel referido. — A direita, em baixo, elementos da força anti-aérea, que extinguiram os focos de incêndio produzidos pelas inúmeras bombas ali caídas. La Plata foi cenário dos principais episódios desse novo acontecimento revolucionário e que muitas mortes causou.



Mais sangue derramado na Argentina



Aqui está a linda Plaza de Mayo, agora em freqüente evidência, quando se repetem os movimentos revolucionários argentinos. Ao fundo, a Casa Rosada, palácio governamental onde Peron governou por alguns anos, agora ocupado por Aramburu.

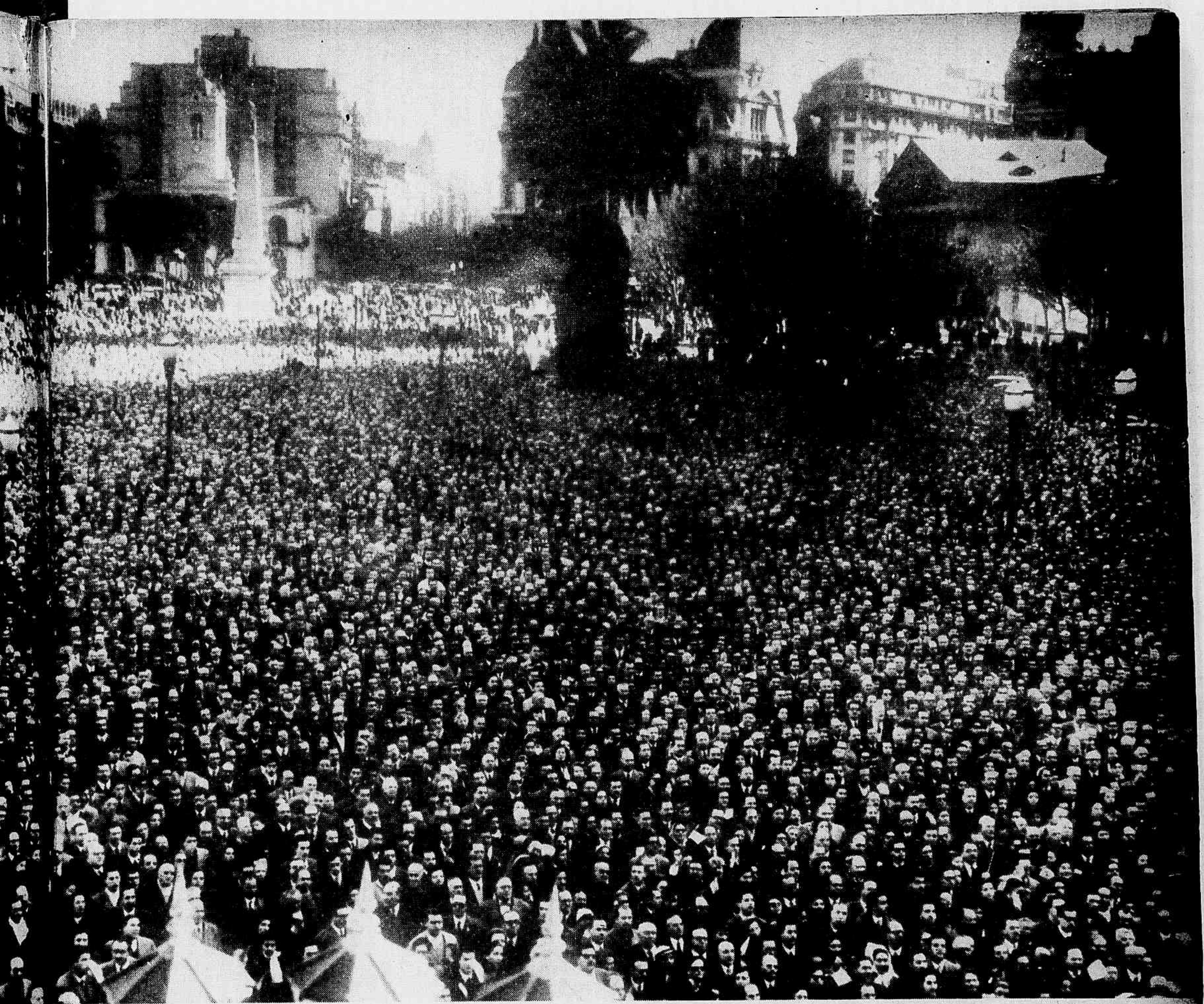


Rojas quando, em outubro de 55, manifestava o seu contentamento pela vitória do movimento do qual foi um dos chefes. O citado contra-almirante desempenhou agora, novamente, papel predominante, sempre solidário com Aramburu.



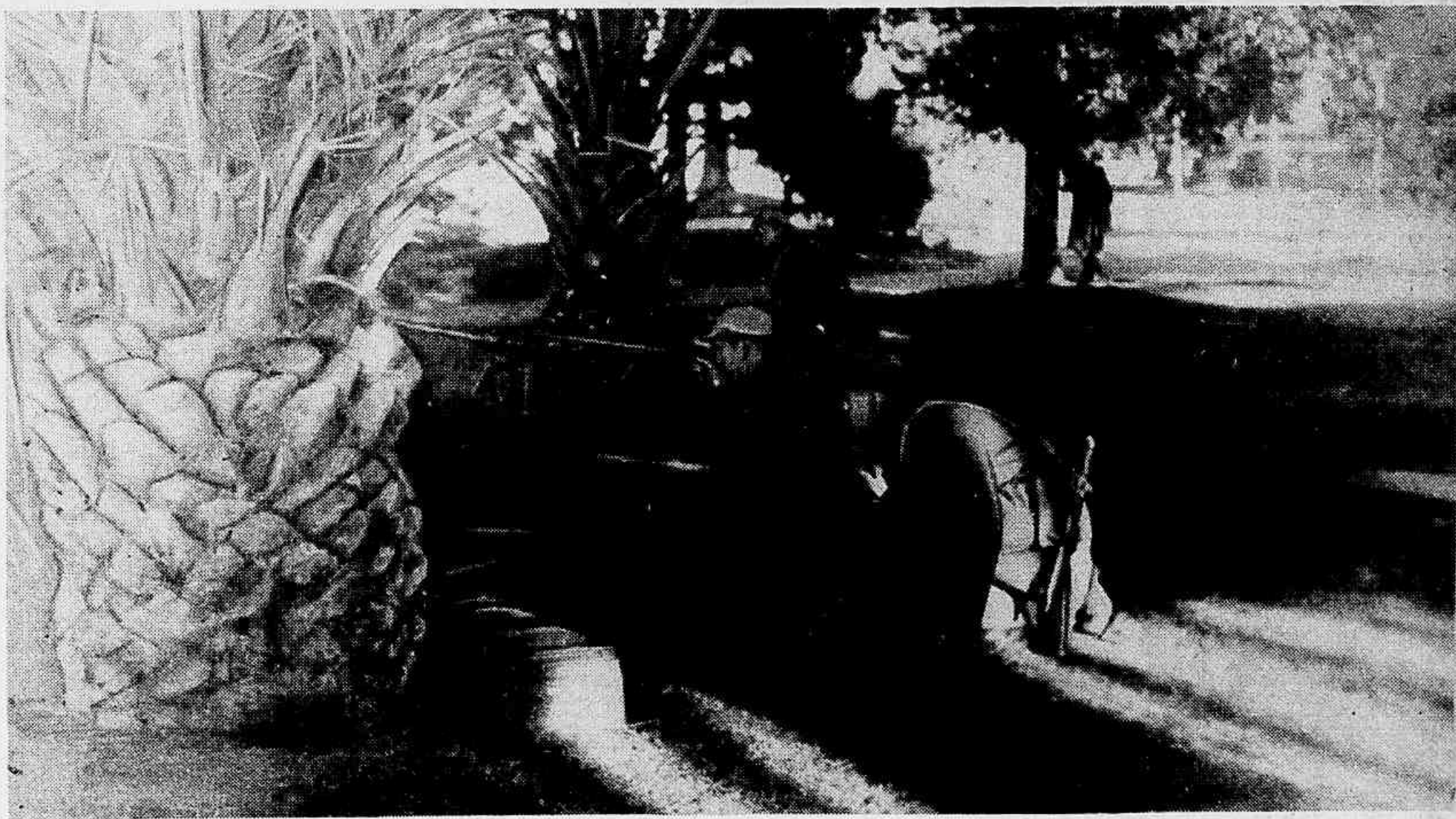
Em Buenos Aires, depois de uma noite de insônia e sucessivas agitações, o Presidente General Aramburu, procedente de Rosário, da sacada do palácio, agradece, sorridente.

as aclamações do povo, na Plaza de Mayo. Está acompanhado pelo contra-almirante Rojas, que dirigiu as operações de repressão aos revoltosos.



E a multidão, entusiástica, reúne-se mais uma vez na Plaza de Mayo, quando os informes oficiais proclamam estar terminada a sublevação. A tradicional praça oferece igual aspecto sempre que um acontecimento dessa ordem se repete.

Soldados no seu posto de sacrifício, para defender o governo, procuram esconder-se para atacar, no momento preciso, os revoltosos. Informes oficiais registraram vinte e seis mortos, dos quais 24 eram revoltosos.





PICASSO
Espírito de porco



RUBIROSA
Papou um dente



ELIZABETH
Casou, ficou papuda



GERARD PHILIPPE
Metteur-en-Scène



BEECHAM
Fulminou Mozart

A semaninha

— Duzentas pessoas estão desaparecidas em consequência de naufrágio, ocorrido no golfo de Bengala...

Não chegamos a perceber como foi que as bengalas — utensílios de apoio — não auxiliaram desta vez aos tripulantes!

— Perdeu os recursos o PSP do Maranhão...

Dão-se alvissaras a quem os encontrar!

— De New York dizem que um novo tipo de gasolina terá um teor de octanas superior a 97...

Vemos nisso uma alteração matemática, que desconhecíamos por completo: octo (oito) ser superior a nove!

— Por motivos históricos, o Brasil e a Rússia têm assegurado o direito à Antártica!

Mas se os russos fizerem muita questão poderão levá-la, conquanto que nos deixem outra marca de cerveja.

— Terror no Estado do Pará, imposto pelo baratismo...

É o que acontece a quem já está tão habituado ao... "carestismo!"

SANTOS ALVES



Der Stern

A SEMANA

NINGUÉM SABE ao certo o que seja a Declaração do Panamá, há pouco firmada pelo governo daquela nação. Mas que ela anda correndo as demais repúblicas americanas, à cata de assinaturas, lá isso anda mesmo.

CAMILO PONCE Enriquez é o novo Presidente do Equador. Já deitou falação, agradecendo a seus eleitores. Prepara-se para tomar posse. E seja o que Deus quiser.

GERARD PHILIPPE está filmando, atualmente, «As Aventuras de Till, Eulenspiegel», baseado no célebre texto de Coster, e desenrolado na Bélgica, num cenário que muito recorda os quadros de Bosch e Bruegel. Gerard é também o diretor do filme.

O ACONCAGUA parece ter perdido sua condição de mais alta montanha sul-americana, ao que dizem os chilenos: para eles, o pico culminante do continente é o vulcão «Ojos del Salado», com 7.084 metros, cinquenta a mais que o Aconcagua.

THOMAS BEECHAM scandalizou há pouco o mundo musical, ao declarar em Chicago: — «Não pus uma só vez Mozart em meus concertos, esse ano. E' um compositor bastante executado, e, a meu ver, ultrapassado».

O PRESIDENTE de um clube de pesca submarina na Austrália há pouco executou uma exploração no casco de um navio que naufragara, há 70 anos, com oitenta mil litros de uísque de carga. Só conseguiu recuperar 12 garrafas, e essas mesmas deterioradas pela prolongada imersão...

ELIZABETH TAYLOR engordou demasiadamente, e agora, que vai reiniciar as filmagens, se submete a um duro regime. Já perdeu cinco quilos, porém, precisa perder outros cinco.

OS LEITORES estarão lembrados do casamento suntuoso da princesinha Ira Fuerstenberg com o príncipe Afonso Hohenlobe-Langenburg, em Veneza. A princesinha, que mora no México, e tem apenas 16 anos, espera uma criança para novembro.

A CHINA custou, mas resolveu adotar o alfabeto latino, acrescido de cinco letras, que representarão cinco sons típicos chineses.

GRETA GARBO está inclinada a aceitar o convite que lhe dirigiu Walter Wanger, no sentido de filmar sob sua direção. Será uma grande vitória para os fãs da fabulosa sueca.

PELA PRIMEIRA vez acabam de ser traduzidos para o árabe livros como «Discurso sobre

INTERNACIONAIS

o Método», e «Espírito das Leis». Coube a iniciativa à U.N.E.S.C.O.

O SALÁRIO do rei Frederico da Dinamarca sofreu um bom aumento. Sinal dos tempos, não há dúvidas.

PICASSO EXULTOU quando soube que mais de metade dos espectadores do filme «Mystère Picasso», apresentado em Cannes, durante o Festival, tinham se levantado; e abandonado o cinema: «Não é todos os dias que consigo aborrecer duas mil pessoas durante uma hora inteira».

PORFÍRIO RUBIROSA jogava seu pólo, quando zás! uma bolada lhe bateu em cheio na boca, derrubando-o por terra. O diplomata engoliu um dente, com a brincadeira. Muito marido enganado riu com a coisa.

SONJA HENIE, que esteve no Rio e dele partiu um pouco apressadamente, divorciou-se, como todos sabem, de seu marido número não sei quantos. Mas já está de olho no não sei quantos mais um, que é um colega de infância, Niels Onstad, armador de navios.

EM BARCELONA, um homem foi condenado à prisão. Seu cão deitou-se à porta da mesma, e ali passou dias, sem se afastar um só passo, recusando-se a comer e a beber. Decidiram afinal prendê-lo, também, já que não podiam devolver-lhe o dono...

CENTO E CINCO navios americanos, velhos e imprestáveis, serão postos a pique ou vendidos pelo Departamento de Estado. Para nós, eles serão vendidos. Já até desconfiávamos para quem...

PORTUGAL EMPATOU com a Hungria, no jogo de futebol realizado em Lisboa. Dois a dois, sendo que o goleiro português falhou as duas vezes em que foi vazado.

EINSENHOWER, NOVAMENTE enfêrmo, dessa vez dos intestinos, foi submetido a delicada intervenção cirúrgica, e vai passando bem.

UM INGENUO peruano acaba de comprar, por 150 dólares, o transatlântico francês «Nopal Express», que se achava ancorado no porto de Callao. O espertalhão que lhe vendeu o bicho fugiu, depois de lhe passar um recibo...



NEGRÃO
Perdeu o bonde



PIXINGUINHA
Rua na Penha



TOUMANOVA
No Municipal



MESQUITINHA
Enfarto do miocárdio



HEBER
Trem sem maquinista

EM REVISTA

NACIONAIS

O BONDE subiu a dois cruzeiros, e logo baixou para 1,50. Disso resultou: um prefeito desmoralizado, os estudantes vitoriosos, uma corporação de manguinhas de fora (a Polícia Militar), um chefe de Polícia desautorizado, e um JK demagogo, concedendo a pelegos o que o povo inteiro exige.

FOI DESCOBERTO, ao lado da Delegacia de Costumes e Diversões, na rua Buenos Aires, um cassino clandestino. Não pela própria Delegacia, é claro — seria exigir demais dos pobres policiais —, mas pelo irmão de um dos jogadores, que resolveu, a fim de preservar as finanças do mano, denunciar ao promotor Emerson de Lima a existência da casa.

EM ITAPARICA, Bahia, uma procissão, organizada para celebrar o Corpus Christi, foi dispersada por uma manada furiosa de bois, certamente ignorantes das coisas da liturgia. O vigário e o prefeito foram atingidos. O primeiro deles, depois dos fatos acontecidos, fez uma pregação em que falava em «Bêstas do Apocalipse», «enviados do mal», etc., certamente ignorando as coisas sobre bois.

CARLOS DRUMMOND de Andrade, que além de grande poeta é excelente prosador, contista e cronista, saiu-se com essa frase deliciosa: «O desaparecimento da cabeça, entre nós, não foi instantâneo, nem data por exemplo de 1937, como insinuam os eternos descontentes e liberais».

HOVE ELEIÇÕES no Círculo Brasileiro de Ilusionismo, situado na Lapa. Os mágicos residentes nessa capital, bem como seus admiradores, compareceram em grande número à sede do «sindicato», para cumprir com seu dever de eleitores.

A RESPONSABILIDADE pelos acontecimentos de fins de maio, que envolveram estudantes e policiais, ainda não está bem apurada. O coronel (será promovido agora) Ururahi, o chefe de Polícia Magessi, o ministro Nereu, ninguém, em suma, tem culpa no espancamento dos universitários. Para muitos, nem houve espancamento.

O POETA José Paulo Moreira da Fonseca explica que não é, como alguns críticos literários afirmam, um «último dos helenos»: «Onde se quer descobrir o Pireu ou Atenas, veja-se simplesmente Ipanema ou o Morro da Viúva».

DIZEM que o Reitor Pedro Calmon, tão logo soube que a portaria dos dois cruzeiros dos bondes ia ser revogada, saiu-se com essa frase magnífica: «Se o caso dos bondes não for resolvido até à meia-noite de hoje, não me considerarei mais reitor».

A RÁDIO Ministério da Educação, outrora o melhor do país, cai rapidamente em um nível lamentável de qualidade, graças à direção do factotum Celso Brant, diretor, produtor, poeta, ensaísta aos domingos, oficial de gabinete do Ministério da Educação, o diabo. Ai, que saudades que eu tenho de Mestre Tude de Souza.

JOSÉ LINS DO RÊGO seguirá para a Europa, onde, pelo que dizem, estudará os «modernos métodos de impressão de livros didáticos».

A MORTE de Heber de Bôscoli foi o acontecimento triste da semana. O «Trem da Alegria» perdeu seu maquinista. Heber morreu moço, em pleno apogeu de sua carreira radiofônica, cheio de merecida popularidade.

PIXINGUINHA, conhecido flautista e compositor popular, vai ser rua brevemente, aqui mesmo no Rio. Ainda não se sabe se a rua chamar-se-á «Pixinguinha» ou mais sisudamente «Alfredo Viana».

ANTÔNIO CURVELO, professor de mineralogia, estava ministrando uma aula prática no Alto da Boa Vista, no dia do quebra-quebra dos bondes e dos estudantes. Passou a polícia, viu as pedras, viu os estudantes. Resumindo: professor preso, alunos presos, pedras espalhadas pelo mato.

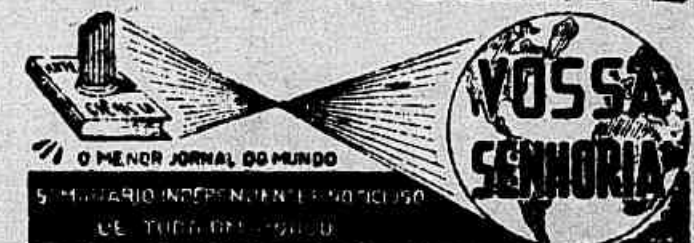
SURGIRA BREVE na Guanabara uma nova ilha, mandada construir pelo Ministério da Viação. Destina-se a ajudar o sobrecarregado pôrto do Rio de Janeiro.

COSME E DAMIÃO perderam seu carinhoso epíteto, dado pela população carioca: são, agora, Mau-Mau, Casse-Tete, ou Sarampo-Coqueluche. Motivo dessa última denominação: só dão em criança...

NO RIO a bailarina Toumanova, para uma breve visita ao Municipal, onde já se apresentou várias vezes.

FRASE DE M.E.K. Tongorang, membro da Embaixada da Costa do Ouro que veio ao Brasil em missão comercial, e que passou pela Bahia, há pouco: «A sede da O.N.U. devia ser na Bahia, terra democrática por excelência».

MICRO JORNAL



N. 384 — PITANGUI, 27-5-1956 - ANO 10

FAÇAMOS UMA REVOLUÇÃO

Façamos uma revolução de alta envergadura em todo sentido do quadrante da pátria, de norte a sul, de leste a oeste. Uma revolução que sacuda as energias adormecidas da gente brasileira. Governantes, políticos, militares e toda a massa vivente da economia nacional. Uma revolução integral que envolva até os mais comodistas e insensíveis à tortura que aflige a nação. Todos devem pegar em armas, dispostos a realizar uma nova era, sob a égide de paz e de trabalho honesto. Mas essa revolução não pode e nem deve ser feita por homens inconformados elementos que trazem n'alma e no coração o vírus do ódio e ressentimento, consequência de lutas política partidárias. Não, essa revolução mormente nesse instante que o Brasil precisa de entrar em fase de trabalho e prosperidade. Mas a revolução que o Brasil necessita e o povo espera aguarda ansiosamente a revolução da produção da moralização dos costumes político-administrativos, do patriotismo dos nossos homens públicos e de todos em toda a fonte da economia humana. Uma revolução capaz de proporcionar ao povo e à Nação um futuro melhor sem preságios da desgraça.

TAMANHO É LÁ DOCUMENTO!

♦ O LEITOR pode ver, acima, a reprodução, em tamanho natural, de «Vossa Senhoria», que se intitula, orgulhosamente de «o menor jornal do mundo», «semanário independente e noticioso». Publica-se aos domingos, em Pitangui, Minas Gerais, e já está no número 384, tendo sido fundado há dez anos passados. Seu diretor é o senhor Leônidas Schwindt, o qual, ao que parece, escreve, pagina e imprime o seu jornal, que possui dezesseis páginas, não se vende avulsamente (só por assinaturas) e tem cinco mil exemplares de tiragem. O jornalzinho pode ser o menor do mundo — acreditamos. Mas como tamanho não é documento, logo na primeira página da edição do dia vinte e sete de maio, lá vinha um artigo fulminante, não assinado, sob o título: «Façamos uma Revolução». Como pode o leitor averiguar, o convite é singelo e sem rodeios. Façamos uma revolução. Mas lá dentro tem mais coisa: tem, por exemplo, um bruto artigo, «Nos Segredos dos Bastidores», artigo que ocupa as duas páginas centrais, embarafusta por mais uma porção de outras, para ir morrer ao fim do exemplar; e tem também a crítica a um livro de um «aedo paulista», «bandeirante da espiritualidade», o qual desbrava, com as armas da inteligência e da intuição, os inóspitos sertões.

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

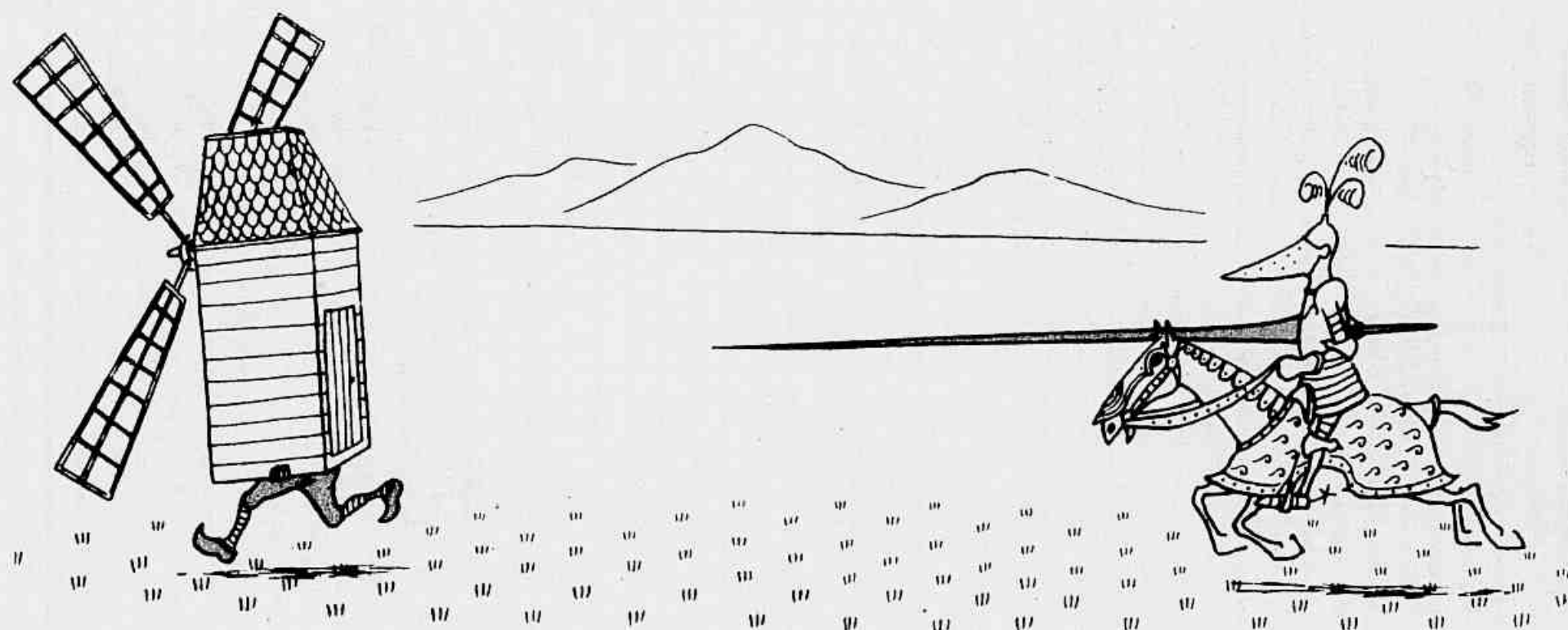
PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

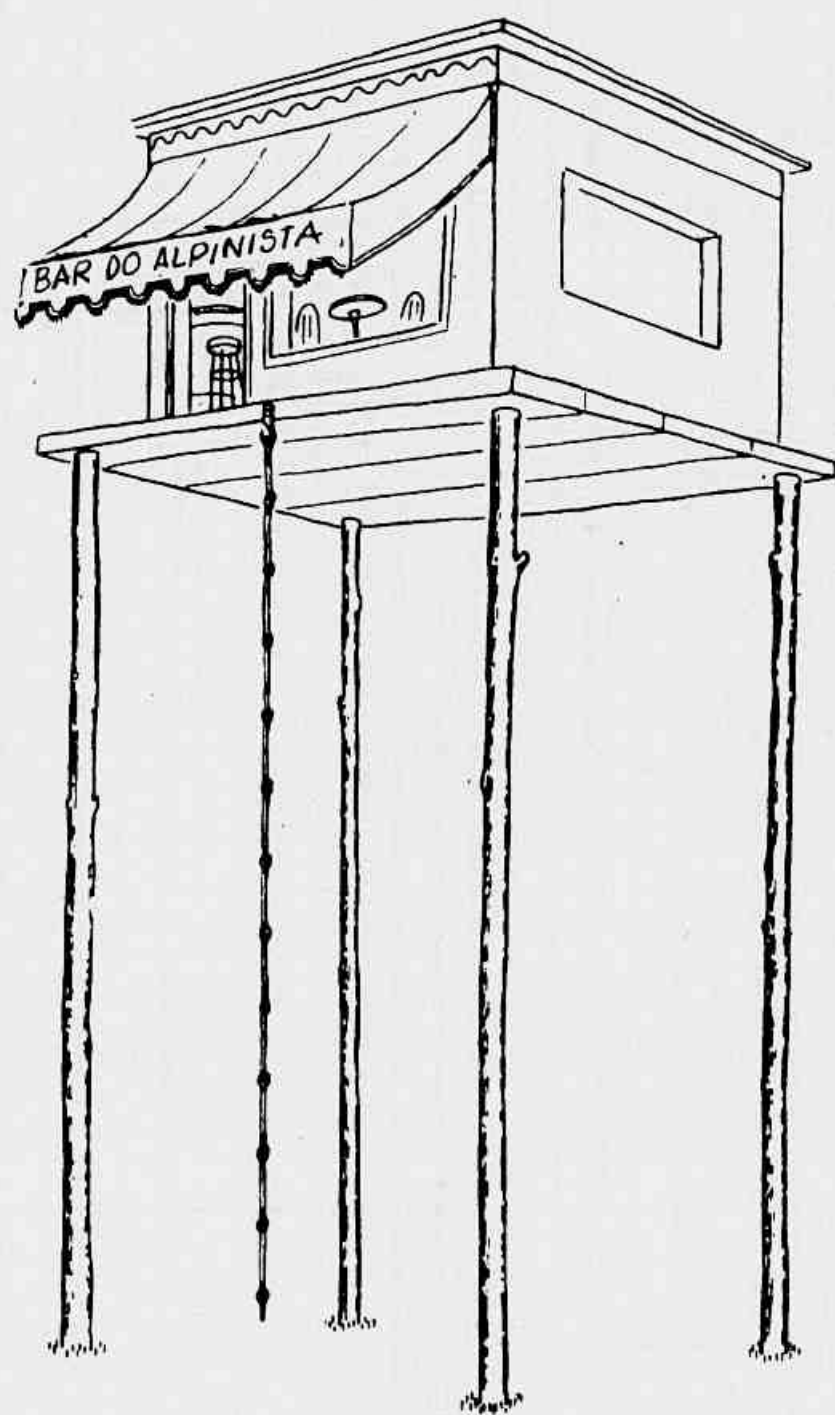
- 1—A palavra «Alcool» é de origem:
 - Árabe?
 - Hebraica?
 - Aramaica?
- 2—Escreveu um livro «Alcools»:
 - Fagundes Varela?
 - Apollinaire?
 - Fernando Pessoa?
- 3—Qual desses poetas portugueses escreveu um poema sobre «Alcool»:
 - Camilo Pêçanha?
 - Sá-Carneiro?
 - Cesário Verde?
- 4—Qual desses pintores realizou suas melhores obras sobre a inspiração do álcool?
 - Bosch?
 - Picasso?
 - Utrillo?
- 5—Dizem que Beethoven a escreveu em estado de embriaguez:
 - Quinta Sinfonia?
 - Sétima?
 - Nona?
- 6—A «Aria da Flor» é da ópera:
 - Djamilah?
 - Butterfly?
 - Carmen?
- 7—Florbela Espanca foi famosa:
 - Poetisa portuguesa?
 - Freira espanhola?
 - Romancista galega?
- 8—Foi famoso pintor de flores:
 - Bruegel o Velho?
 - Bruegel de Velours?
 - Bruegel o Moço?
- 9—Escreveu um soneto sobre a «Última Flor do Lácio»:
 - Bilac?
 - Raimundo Correia?
 - Teófilo Dias?
- 10—Qual o primeiro nome de Tosca, na ópera de Puccini:
 - Flora?
 - Ada?
 - Alda?
- 11—Chamaram-no «Tigre»:
 - Clement Marot?
 - Edmond Clement?
 - Clemenceau?
- 12—Qual o país que tem em seu escudo um elefante:
 - Libéria?
 - Sião?
 - Índia?
- 13—A minhoca é um:
 - Platelmino?
 - Ortóptero?
 - Lepidóptero?
- 14—O ganso guardava, em Roma:
 - O Quirinal?
 - O Forum?
 - O Capitólio?
- 15—O Cisne, na Idade Média, era o emblema:
 - Da Elegância?
 - Da Hipocrisia?
 - Da Altivez?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

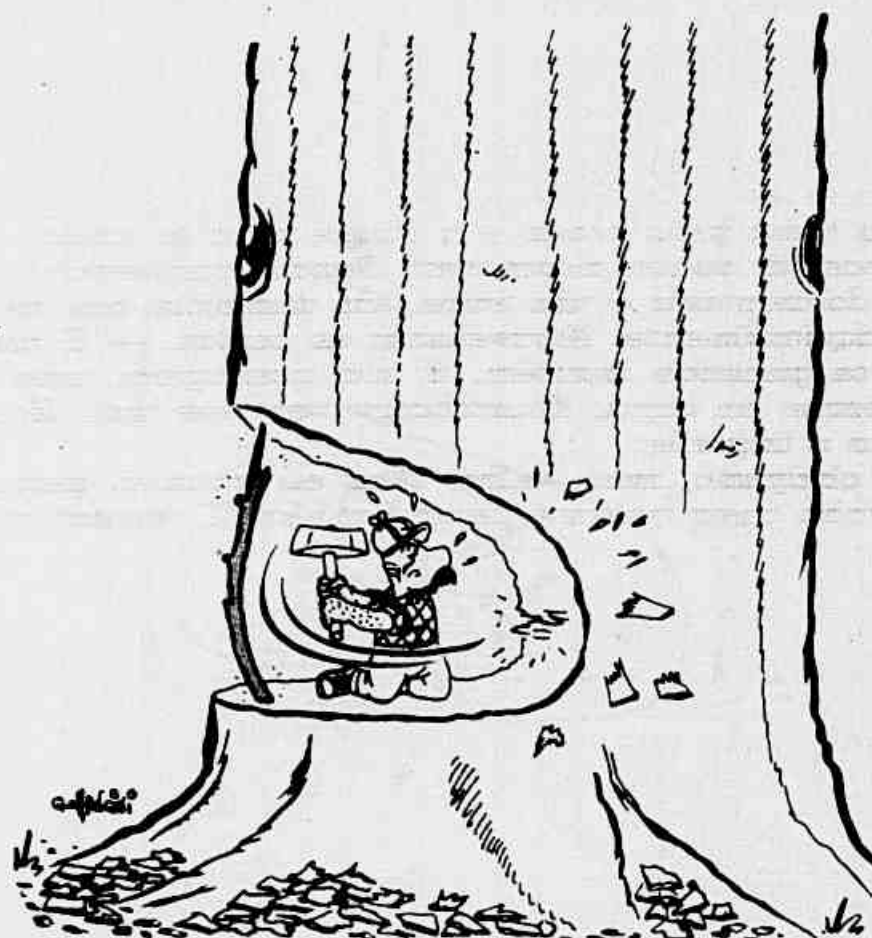
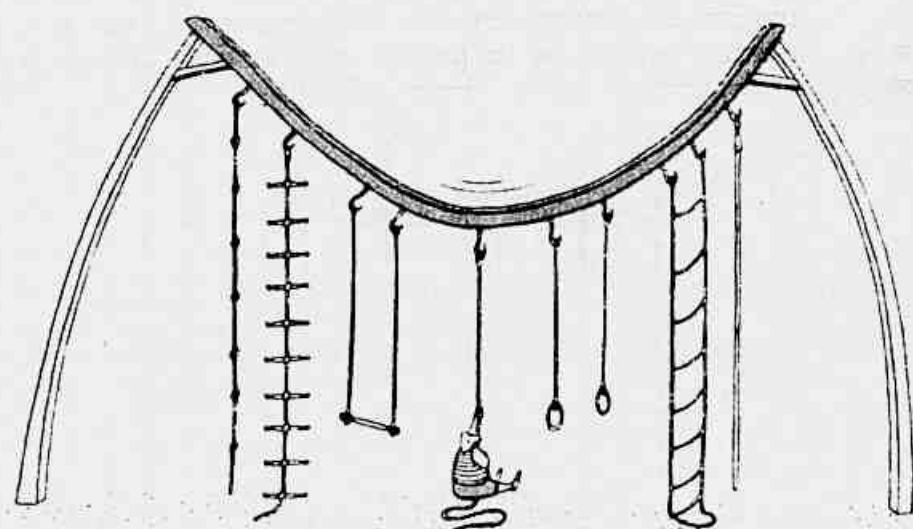
RESPOSTAS: 1 — Árabe. 2 — Apollinaire. 3 — Sá-Carneiro. 4 — Utrillo. 5 — Sétima sinfonia. 6 — Carmen. 7 — Poetisa portuguesa. 8 — Bruegel de Velours. 9 — Bilac. 10 — Flora. 11 — Clemenceau. 12 — Sião. 13 — Platelmino. 14 — Capitólio. 15 — Hipocrisia.



O RISO DOS OUTROS



Maria! Acho que me ocultas algo!



O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M.A. BIEW

Desenho de RAMON

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright Keystone e Pierre Horay.

O

senhor deveria estar dirigindo o carro — diz Kapitza. Não sei me guiar nesse labirinto de politicagens e de espiões, de prisões e de planos.

Iégor sorri, humildemente. Mas seus olhos são implacáveis.

— O senhor por acaso não tentou reencontrar os seus amigos?

— E' claro que sim, de todas as minhas forças. Porém, é como procurar uma agulha em palheiro.

— E' quase impossível, com efeito. Conhecemos o valor deles, e por isso os guardamos com cuidado. Porém, estão muito perto daqui, em Lubianka.

UM CERTO MALENOV...

Do Kremlin até Lubianka, a distância é curta. O imenso prédio não conseguiria passar despercebido, mesmo numa cidade enorme como Moscou. Kapitza freiou à porta da prisão.

Diante deles, a porta, que pesa muitas e muitas toneladas, abriu-se. Um soldado, à vista de Iégor, perfila-se respeitosamente. A um gesto do grandalhão, passam todos pela guarda, até mesmo o cachorro de Kapitza. Após franquearem muitas e muitas outras barreiras — que o físico não achou prudente contar — Iégor se detém, e diz para seu companheiro:

— Aqui nos espera alguém. Entre, por favor.

Kapitza obedece. Uma peça magnificamente mobiliada se descerra a seus olhos. E', sem dúvida, o escritório do administrador. Estaria vazia, a um olhar mais descuidado. Porém, vendo-se com observação, ali estava um homem, sentado a uma escrivaninha. A seu lado, postava-se, em atitude atenta, um auxiliar. Kapitza ficou irado:

— Afinal, Iégor, onde está Kourtchatov? Não aprecio esses jogos de desistamento.

Dessa vez, a surpresa de Iégor é grande. Com um gesto da mão, Iégor aponta para o prisioneiro, e Kapitza, só então, por um característico torcer de mãos que o companheiro sempre possuiu, termina por reconhecer-lo.

— Meu Deus!! Kourtchatov... é você? Em quatro meses somente, eles transformaram você totalmente.

Virando-se indignado para Iégor, Kapitza vocifera:

— Parabéns! Vocês fizeram uma monstruosidade perfeita.

Do vigoroso quinquagenário que havia pouco mais de cem dias entrara em Lubianka, restava agora um velhinho de cabelos brancos e de corpo encurvado.

Kourtchatov ergue para Kapitza a mão, em sinal de precaução:

— Cuidado. Esse homem é...

— Sei quem é esse tipo. Mas é apenas um instrumento. O verdadeiro senhor da situação, a águia mestra, capaz de movimentar todos os maquinismos, acabo de ver, há quinze minutos. Não é verdade, Iégor?

Iégor, polidamente, faz que sim com a cabeça. E seu gesto tem o dom de irritar ainda mais Kapitza, que indaga, indignado:

— E o que fizeram de Dorfmann? Certamente está sendo cozinhado numa fogueira?

Iégor em pessoa sai em procura do segundo prisioneiro. Também este está irreconhecível. Envelheceu de maneira espantosa.

Kapitza o toma pelo braço e o dirige para a saída.

— Saíamos já dessa masmorra! Depois conversaremos.

O passo do cientista é tão firme, tão decidido, que os infelizes o acompanham maquinalmente. Atravessam as portas. — E coisa quase inacreditável — os guardas mantêm, à sua passagem, uma atitude cheia de respeito. Diante do carro, Kourtchatov sente-se mal. Iégor tenta ajudá-lo, mas Kapitza o impede:

— Muito obrigado, meu velho. Mas eu tratarei, pessoalmente, de ambos. Em minha casa tentarei reconfortá-los. E espero que, para o futuro, você não me retire sua proteção...

No carro, Kourtchatov é o primeiro a falar, com muita dificuldade ainda:

— Com você, Kapitza, ninguém morre de tédio. A surpresa é uma das notas características de sua vida. Porém, como lhe foi possível nos arrancar de Lubianka? E', praticamente, um milagre.

— Sim, um milagre que provavelmente, teremos de pagar com um outro milagre. Ou, quem sabe, com uma taxa muito pesada para nossos

ombros. Porém, dessa incumbência por mim assumida, eu mesmo tenho toda a responsabilidade. Eu também já fui prisioneiro...

O carro saiu dos quarteirões mais afastados da cidade, e Kapitza dirige em silêncio. Seus companheiros, cansados, adormeceram.

— Já sei! grita Kourtchatov, subitamente despertando. Sei o nome que Iégor dava constantemente a um homem que, ao que parece, é o verdadeiro senhor de nosso destino. E' o camarada Malenkov. Lembra-se acaso de ter ouvido esse nome?

— Nunca ouvi, nos meus quarenta e três anos de existência.

Dia vinte e dois de junho de 1937. A idade atômica soviética principia.

Kapitza foi preso! A notícia correu célere pelo país inteiro, tão misteriosa como rápida. Não deixava de ser esquisito: tudo o que em Lubianka se passava, todos os confins da Rússia logo ficava sabendo. Mas de onde provinham tais rumores, é o que não se poderia dizer. Milhares de infelizes, arrancados à vida de todos os dias, expulsos do mundo, construíram para seu uso um sistema de comunicações que burla toda e qualquer vigilância. Não se pode dizer, dele, nada, a não ser que existe.

Estamos a 29 de junho de 1937, e Victor Jdanov, que trabalha numa mina, em Goly Noss, na outra extremidade da União Soviética, murmura, num suspiro:

— Até ele foi preso...

E' um jovem físico de muito talento, que, tombado em desgraça viu-se tirado de sua cátedra de professor. Condenado a morte, ainda assim teve um pouco de sorte, pois a sentença foi abrandada, e convertida em dez anos de prisão, findos os quais, foi ele servir em Magadan — uma região quase tão vasta como toda a Inglaterra. — Em Magadan, sua função é controlar os dados relativos ao minério que extrai, cada dia, da imensa mina de ouro.

PRISIONEIROS ÚTEIS EM O.K.B.

Sim, porém QUEM é Kapitza, e o que fez ele para que sua sorte fôsse a tal ponto importante? Raros são aqueles que conhecem a natureza de seus trabalhos. Para o vulgo, ele é um físico a mais, nesse mar de físicos que é a União Soviética. E' verdade que todos conhecem seu nome. Sábios e escritores, como ele, foram cumulados de honrarias: Ivan Pavlov, fisiologista contemplado com o Prêmio Nobel; e sobretudo o grande escritor Máximo Gorki. Esses dois nomes são «tabu» no país dos soviets. Fizeram parte da propaganda interior e exterior do regime. Porém, morreram há vários anos, e Piotr Kapitza, seu sucessor, não deixa de ser, ele também, uma espécie de «tabu», ou, pelo menos, assim o acredita o povo, que sabe que o governo lhe adquiriu, na Inglaterra, um laboratório formidável, por uma quantia fabulosa. Muito embora se fale de seu sentimento anti-social, sabe-se que Stalin o tem em alta conta, dedicando-lhe, inclusive, uma sincera amizade.

Como então, agora, essa notícia absurda? Em junho de 1937, poucas semanas após a execução sumária do marechal Touchatchevsky, grande chefe do Exército Vermelho, após a queda de Jagoda, chefe do N.K.V.D., e «espantalo do mundo», após a desapareição de ministros e de marechais) chegava agora o momento de o próprio Kapitza ser detido!

O rumor corre rapidamente. O que Victor Jdanov acaba de saber, em Goly Noss, passara-se na véspera, 28 de junho de 1937, em Moscou, na grande sala de trabalho de um O.K.B. — abreviatura do «Ossoboie Konstruktoroie Buro». E' desses O.K.B. que saem as diretivas gerais concernentes ao trabalho de alguns milhões de prisioneiros.

Na imensa sala, existem setenta pranchetas de desenho do tipo mais moderno. O engenheiro Grigorovitch vai de mesa em mesa. E' o chefe de todos os O.K.B., e também o inventor almadíssimo de um tipo de avião de caça muito utilizado pelas forças aéreas. A uma mesa, num canto, senta-se o professor André Toupoulev, o mais conhecido construtor aeronáutico da União Soviética. Seus aparelhos bateram todos os recordes de velocidade e de eficiência.

Trabalha-se ali, no momento, em aviação ártica pesada. Toupoulev e Grigorovitch, ambos condenados à morte, viram suas penas convertidas em prisão de dez anos, em virtude de um princípio largamente utilizado na Rússia comunista: a compensação, pela utilidade.

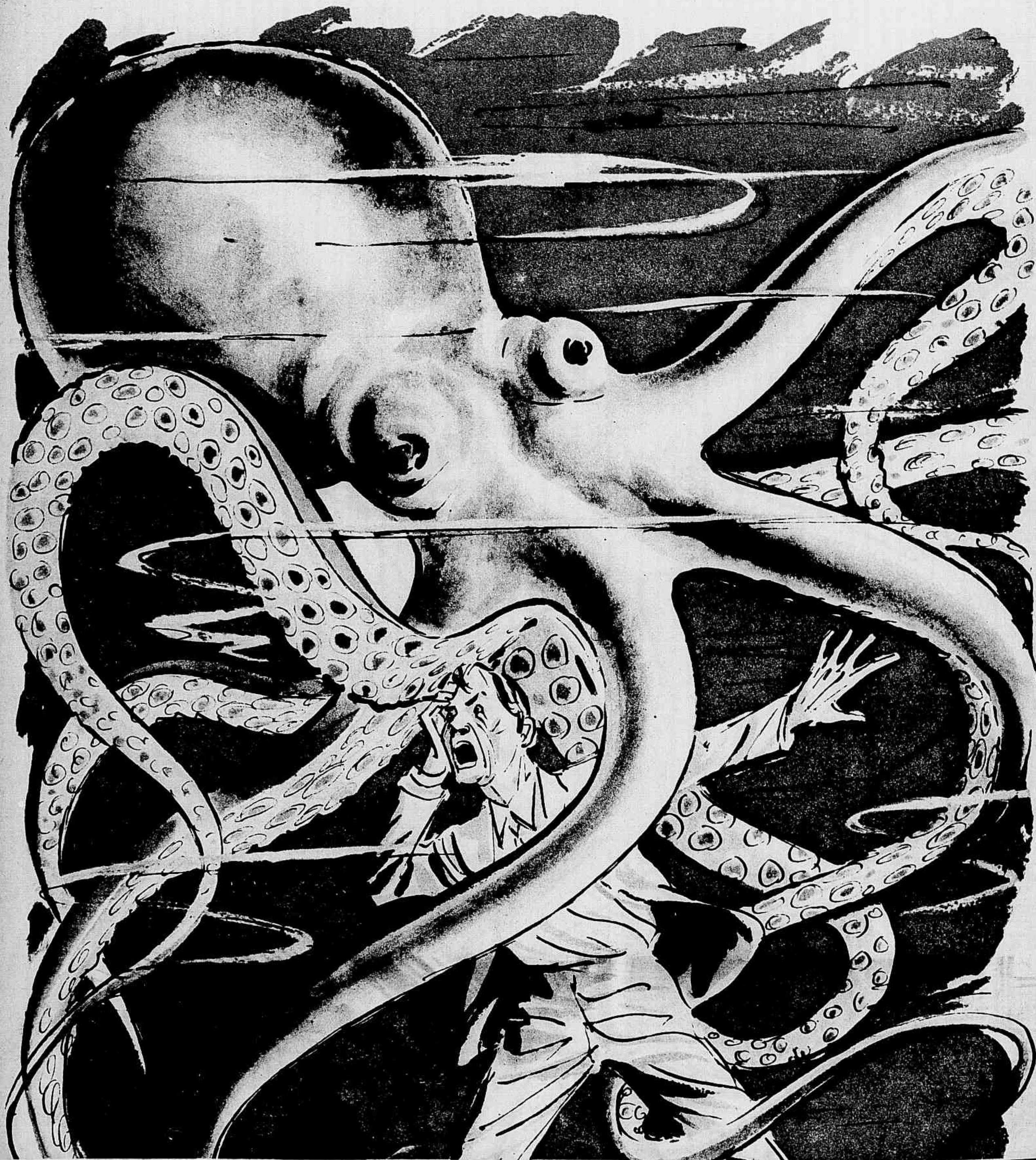
(Cont. no próximo número)

O RECÉM-CHEGADO VAI DE MESA EM MESA. FALA COM ANTIGO CAMARADA E UM DESCONHECIDO.

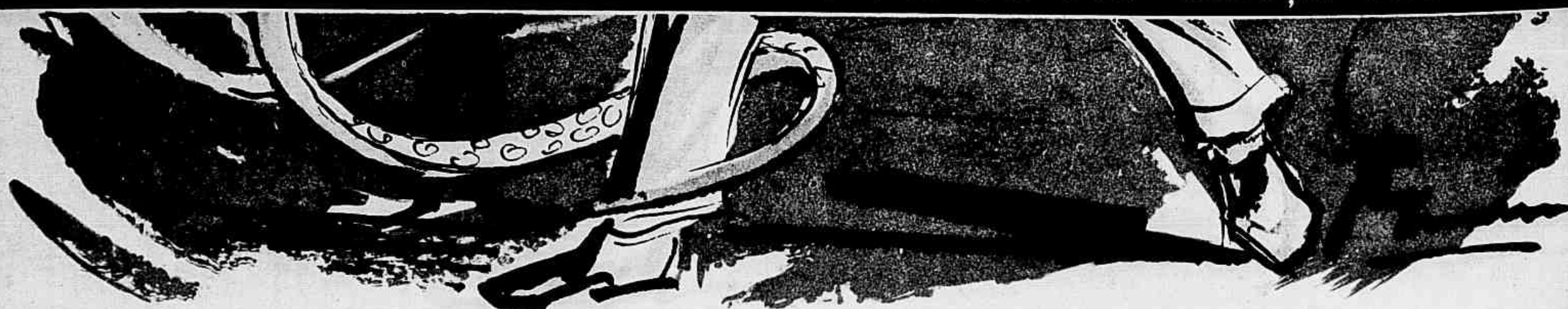
RESUMO DA PARTE PUBLICADA

★ O cientista Kapitza, após ser chamado, em plena noite, por Joseph Stalin, para uma partida de xadrez, recebe misteriosa incumbência. Para cumpri-la, exige que alguns cientistas seus amigos, prisioneiros de Estado, sejam imediatamente postos em liberdade. Sua proposta é imediatamente aceita.





HÁ UM MOLUSCO QUE SE CHAMA POLVO. DA SUA CABEÇA SAEM TEN-



O POLVO

Novela de FEDOR GLADKOV

Desenho de ILAMPAYAS

(Continuação do número anterior)

PELA primeira vez senti, sombria e insistente, no cérebro, a imagem, ainda imprecisa, de alguma coisa semelhante àquele sujeito. Refleti algum tempo, atormenti-me, quase todo o dia, e não consegui fixar a imagem fugidia. Tornei-me incapaz para o trabalho e, quando falava com os engenheiros, dava-lhes respostas atravessadas. Esquecia-me de comer, retorcia-me na impotência de querer recordar aquele rosto, aquelas mãos, aqueles olhos, aquela cabeça achatada, característica. E tive medo: não estaria enfermo? Não estaria subjugado pelo tormento de uma idéia fixa?

A noite, quando procurava conciliar o sono, aquele rosto apareceu diante de meus olhos como uma alucinação estardalhaçante. Há um molusco que se chama polvo. Da sua cabeça saem grandes tentáculos com ventosas. São flexíveis, elásticos, escorregadios. Arrastam-se e escorrem por cima das pedras, penetram nos interstícios como as cobras. Lutar com eles é difícil. São irresistíveis. Causam horror. Este polvo fundiu-se, de repente, na minha imaginação com a figura de Kovaliov! Um polvo humano! E imediatamente me senti aliviado, quase satisfeito, como se houvesse conseguido uma importante vitória sobre ele. Adormece com a certeza de saber como devia agarrá-lo e tê-lo, a partir desse momento, nas minhas mãos.

Fui convidado a comparecer perante o juiz de instrução da Comissão de Contrôlo. Contei sinceramente tudo quanto se dera. O juiz de instrução era um homem simpático, um bolchevista de velha cêpa, do tempo da ilegalidade. Depois do interrogatório oficial, tomou-me do braço e perguntou com expressiva entonação:

— Diga-me, irmão, como foi que esse homenzinho fez uma carreira tão rápida?

Essa pergunta envolveu-me como uma onda quente. Senti-me aliviado e tive a impressão de que havia encontrado um verdadeiro irmão e camarada. Comoveu-me tanto esse instante de cordialidade e franqueza, que jamais o esquecerei. Apertei-lhe a mão, olhei-o, mudo, durante alguns segundos mal contendo as lágrimas. E disse, por fim, com dificuldade:

— Lutamos muitos anos, fugindo do cárcere, emigrando daqui para ali, desafiando a morte, e esforçamo-nos, agora, por construir uma nova vida, com o nosso sangue, honradamente, renunciando ao nosso próprio

Nesse período, a produção aumentou e melhorou extraordinariamente. E foi este o motivo pelo qual me esqueci do cidadão Kovaliov. Evaporou-se da minha memória com admirável rapidez. Durante um ano, aproximadamente, trabalhamos a todo vapor. Depressa conseguimos elevar a produção ao nível de antes da guerra. Num grande esforço renovamos a técnica: alguns elementos nos vieram do estrangeiro e aperfeiçoamos outros por iniciativa própria. A fábrica voltou a funcionar em todas as suas seções e quase todos os operários voltaram a ocupar seus antigos postos. Pouco a pouco se foram desenrugando os sobrecenhos, tranquilizando-se os espíritos. A antiga amizade com Andriuscha foi reatada e também Aniuta pareceu mostrar-se menos insensível. Entretanto, lá bem no fundo de seus olhos ainda não se haviam diluído de todo as névoas frias da prevenção. Certo é que lá uma vez por outra, sentia a gente o hálito frio do monstro; ele arranhava alguém, aqui e acolá, projetando, de momento a momento surgia a sua negra sombra entre nós.

Nas manifestações de Primeiro de Maio, na casa sindical, Kovaliov esteve patético e disse em tom enérgico, enquanto contemplava deslumbrado a massa operária:

— Minha finalidade é guiar os homens. Tolo é aquele que não passa de soldado raso, podendo ser general em chefe. Todo homem ativo é guiado pelo amor próprio. Talento só se compreende quando aplicado a um objetivo firme. Para alcançar um fim, todos os meios são bons. E preciso ser um bolchevista puro para não retroceder diante de nada, nem desdenhar nenhum meio e instrumento de luta.

E de novo suas mãos me atraíram o olhar: eram compridas, flexíveis e inquietas. Continuavam peganhentas como ventosas.

Era um dia ensolarado, primaveril e cálido; o azul estava impregnado de aromas da terra jovem, das folhas jovens e das ervas das ruas. No céu lavado, límpido, as nuvens passavam como bandeiras brancas e festivas. Até os tordos piavam ébrios de vida nas árvores. Para não me irritar, retirei-me da coluna. Queria ficar o mais longe possível de Kovaliov. Ele, entretanto, avançava, cabeça erguida, cheio de ênfase, inventível na segurança de si mesmo e do seu domínio sobre os homens. Ia adiante, junto do estandarte, com os dirigentes sindicalistas.

Uma noite, só eu ficara no gabinete de direção da fábrica, a fim de preparar as informações do «trust» têxtil, quando entra em minha saleta Andriuscha, o presidente do Conselho Fabril, e fecha a porta, cuidadosamente, com a chave. Nunca o tinha visto como naquele momento.

— E' você, Andriuscha, que se esconde como um bêbedo que desconhece a própria sombra?

Ele avançou para mim como um touro, movendo, confuso, as guias do bigode. Seus olhos tinham um brilho singular.

— A sombra é um elemento inorgânico e inofensivo. Aqui, porém, cada pulga tem orelhas. Isto lhe parecerá um tanto absurdo; eu, no entanto, já o notei de modo direto e brutal.

— Mas, que há? Fale claro.

Andriuscha sentou-se à mesa, tirou o gorro, que há quatro anos não tirava, arremessando-o ao solo, para em seguida apanhá-lo, rasgá-lo e de novo enterrá-lo na cabeça. Este movimento denotava nele o máximo de excitação.

— Olhe, Grischa, o caso é que... em que classe de imbecis e idiotas cre você que nos deve catalogar a mim e a Aniuta?

Sinto necessidade de rir, pois só agora percebo que os estimo a ambos com a mesma força de sempre.

— Você me coloca em apuros, Andriuscha. Creio que os posso catalogar entre aqueles que, às vezes, sentam em cima de urtigas e só então compreendem que não se acham a gosto...

— Você fala de maneira muito confusa! A meu ver, somos uns rematados idiotas. Aniuta é cem por cento imbecil. Além disso, não percebe que o é. E eu perdi há pouco, excelente ocasião de fazer-lhe companhia. Basta. Sabe que Aniuta está unida ao cidadão Kovaliov?

— Uma parelha magnífica! Oxalá sejam fecundos e se multipliquem, aumentando a espécie.

Andriuscha olhou-me de esguelha. Notei que estava furioso. As guias do seu bigode freíam.

— Não se faça de bôbo, irmão, diretor. Não se trata disso. Que diria você se lhe comunicassem que na sua seção e no meu Conselho Fabril há agentes e informantes de Kovaliov?

— Que quer dizer isso de «agentes e informantes»? Espias, com certeza?

— Sim, espias! O sujeito fez de mim o que quis. Há quantos anos eu e você somos alma e coração e eis que, de repente, traiçoei-o por causa desse verme! Nunca me perdoarei!

Levantei-me e lancei-me aos braços de Andriuscha. Ele arquejava como um tigre ferido e as pontas do seu bigode faziam-me cócegas no peito.

— Você me perdoará.

TÁCULOS COM VENTOSAS. SÃO FLEXÍVEIS, ELÁSTICOS, ESCORREGADIOS.

Eu, E. eis que saem os polvos dos seus esconderijos, para enroscar os tentáculos em nosso corpo. E nós os aceitamos, nós alimentamos, nós acreditamos em tudo quanto dizem, acobertando-lhes as infâmias, rendidos à filúcia desses tipos.

Ele pôs-se a rir, meneando a cabeça.

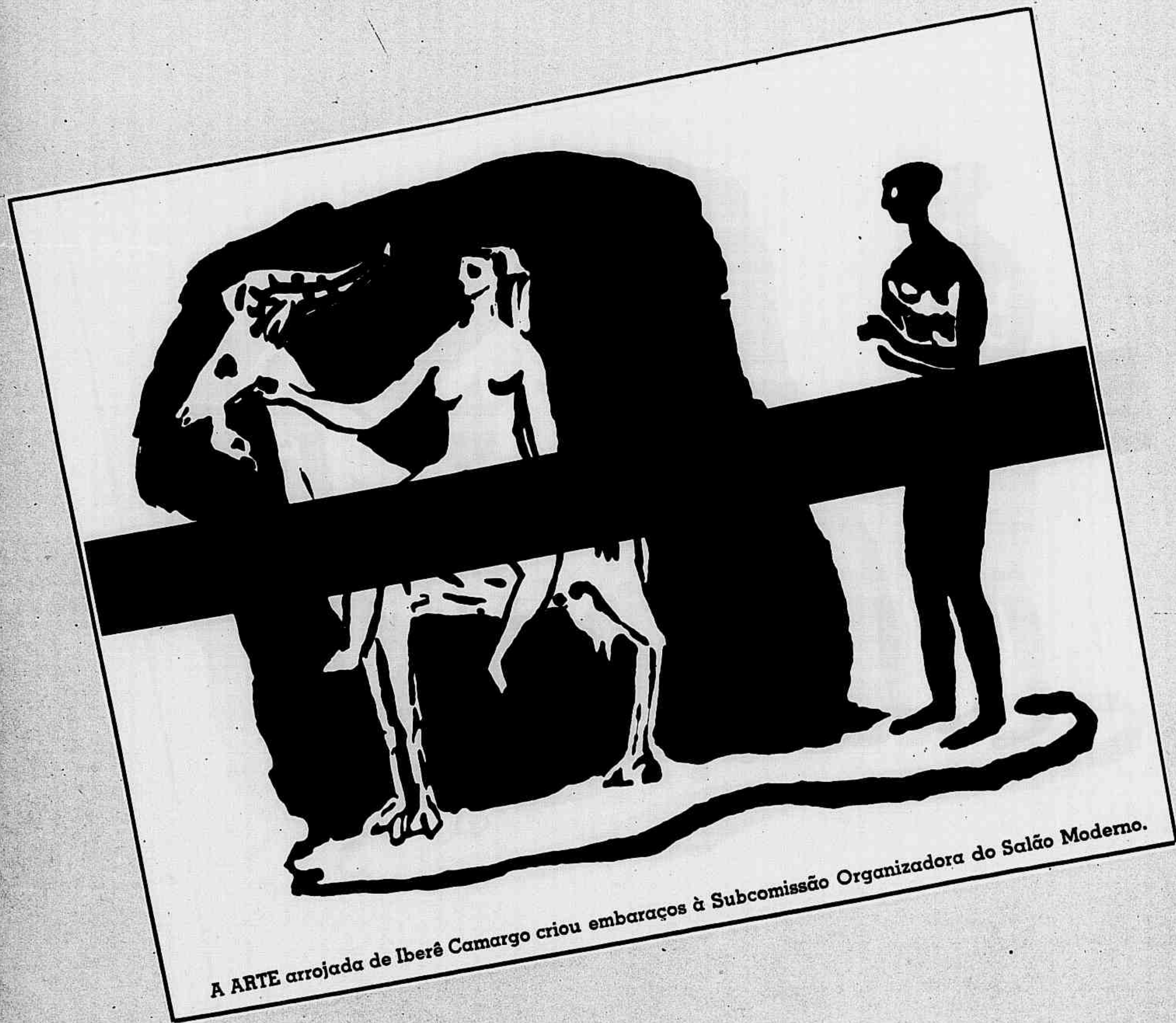
— Polvos... é verdade... você disse muito bem... Não importa, camarada, a coisa não tem importância. Havemos de deitar-lhe as manáculas. Não conheço você de hoje. Procure informar-se sobre ele. Dizem que viveu em Saratov. Quem sabe lá... Tem magníficas recomendações. Aos montões. Isto, precisamente, é o que me fez desconfiar dele. Um polvo... Deu-lhe você um nome que lhe vai às mil maravilhas.

Nos primeiros instantes esqueci-me do que havíamos falado. Também Andriuscha emudeceu, oprimido pela comoção.

— Diretor, não vim aqui para desfazer-me em lágrimas, e sim para deliberar sobre coisas do serviço. Não posso suportar o excesso de sensibilidade. E' já tempo de extirpar a praga da época de transigências. Essas caras pálidas e semi-apodrecidas puseram a perder nossos poucos trabalhadores.

— Diga-me, Andriuscha! Também você recebeu uma cusparada desse canalha?

(Continua no próximo número)



◆ JÁ SE TORNARAM rotineiras as encenras a que dá ensejo, anualmente, o Salão Nacional de Arte Moderna. O do corrente ano, por exemplo, originou duas: uma, envolvendo os próprios membros do Júri de Seleção e Premiação — Mário Barata, Quirino Campofiorita e Santa Rosa —, os quais foram acusados de, por manobra política, favorecerem a determinados artistas em detrimento de outros. Essa acusação, aliás, já foi to-

talmente destruída, saindo ilesas a honra e a responsabilidade daqueles três juizes. A outra encenra, de que muito especialmente trataremos aqui, envolve o pintor e gravador Iberê Camargo, e os membros da Subcomissão Organizadora do Salão, Orlando Teruz, Bustamante Sá e José Moraes. É interessante, porque focaliza o velho, e sempre novo, problema de Arte e Moralidade.

O CASO

◆ Em poucas palavras, tudo se passou da seguinte maneira: Iberê Camargo, que já tem o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, na seção de Pintura, concorria com três trabalhos na de Artes Gráficas, buscando alcançar (como de fato alcançou) uma isenção de júri no setor relativo à Gravura. Examinados os três trabalhos («a Figura», «Composição» e «Figura») pelos membros do Júri, foram eles achados bons, do ponto de vista artístico, e assim admitidos no V Salão Nacional de Arte Moderna. Acontece, porém, que os três artistas que fazem parte da Subcomissão Organizadora, lembrado de que a Mostra seria levada a efeito em recinto aberto a um público heterogêneo, constituído de pessoas de diferentes níveis de instrução e inteligência — público de que, eventualmente, até crianças fariam parte — acharam por bem vetar a exposição de uma das peças, justamente a denominada «Composição», retirando-a sem

mais delongas do Salão, e encafuando-a em alguma dependência do Ministério da Educação e Cultura.

Como era natural, tão logo soube do fato, Iberê Camargo — e muitas outras figuras de relêvo nos meios artísticos nacionais, com ele — protestou violentamente contra uma decisão que julgava pueril e arbitrária. O caso assumia proporções bastante amplas, com a demissão, inclusive, dos três membros da Subcomissão, quando a Comissão Nacional de Belas Artes — criada pela lei 1.512 de 1951, órgão máximo de tudo quanto se relacione com as Artes Visuais no Brasil — determinou que a gravura que tanta celeuma causara fosse exposta, sem demora, no corpo do Salão Moderno, aprovada que fôra pelo único Júri capaz de aceitá-la, ou recusá-la na mostra.

UMA GRAVURA PÔE

O SALÃO EM PÂNICO

DEPÕEM SÔBRE O RUMOROSO CASO IBERÊ CAMARGO, MÁRIO BARATA, FERREIRA GULLAR E JAIME MAURÍCIO ★ ONDE SE VOLTA A TRATAR DO VELHÍSSIMO TEMA ARTE E MORALIDADE ★ AS OPINIÕES DE UM CERTO MISTER HENRY MILLER

Reportagem de JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LEITE

Fotos de ALBERTO FERREIRA

IBERÊ COM A PALAVRA

◆ O próprio autor da rumorosa gravura manifestou-se a respeito da celeuma por ela causada, e em termos veementes. Conta que, ao saber que a sua gravura, após aprovada pelo júri de Seleção, não fôra exposta, teve uma grande surpresa, logo seguida de indignação.

— Protestei contra esse cerceamento à liberdade de criação, e meu protesto foi secundado por muitos outros. Por que ser imoral a figura de um nu masculino, e não a de um feminino? Se é arte, não é imoral.

Em seguida, Iberê explicou que o que «Composição» quer significar, são as forças eternas da criação, representadas através de uma simbologia mitológica.

— Se minha obra é imoral, imorais são também milhares de telas e de esculturas que enchem os museus do mundo inteiro.

ARTE E MORAL — Há um livrinho, de Henry Miller, sobre as relações existentes entre a arte e a moral. Consultamo-lo na tradução francesa, «L'Obscénité et la loi de réflexion». E achamos interessante reproduzir, aqui, alguns de seus conceitos, que muito embora sejam especialmente dedicados à literatura, podem também aplicar-se às Artes Visuais:

— Em seu livro «A Challenge to Sex Censors», Monsieur Schoreder, cita um pastor anônimo do século 19: «A obscenidade, diz este último, existe somente nos cérebros daqueles que a descobrem e que a proclamam nos outros».

— Na «Epístola aos Romanos» (XIV. 14) o mesmo ponto de vista é externado sob forma mais axiomática: «Sei, estou convencido em Cristo, de que nada existe em si de impuro, mas para quem ama as coisas impuras, essas coisas parecem impuras para ele».

— A obscenidade, para Havelock Ellis, é «um elemento permanente da vida social, corresponde a uma necessidade permanente do espírito». Vai ao ponto de dizer que «os adultos necessitam da literatura obscena, tanto quanto as crianças necessitam de contos de fadas, como um derivativo das forças opressivas das convenções».

— A questão mais insistente que se dirige a um escritor de livros obscenos é: «Estava o senhor obrigado a utilizar uma tal linguagem?» O que em suma significa que, com termos ou

meios convencionais, poder-se-ia chegar aos mesmos resultados. Nada, evidentemente, mais longe da verdade. Qualquer que seja a linguagem utilizada — e penso nos exemplos extremos — pode-se ter a certeza de que não havia outros possíveis. Os efeitos estão ligados às intenções, e essas, por sua vez, estão regula-

mentadas por leis rígidas como as da própria natureza. Eis o que praticamente nenhum indivíduo não-criador poderá compreender».

Dito o que, parece liquidado o tormentoso «affaire» Iberê Camargo x Subcomissão Organizadora do Quinto Salão Nacional de Arte Moderna...



UMA GRAVURA PÔE O SALÃO (MODERNO) EM PÂNICO



JAIME MAURÍCIO, crítico de artes plásticas do «Correio da Manhã», fez um sensato depoimento sobre a questão. «E' verdadeiramente assombroso e alarmante que essas coisas aconteçam num salão oficial de arte contemporânea».

A PALAVRA DE UM CRÍTICO

◆ Procuramos ouvir a opinião do jovem e brilhante crítico de artes do «Correio da Manhã», Jaime Maurício, e ela não se fez esperar:

— Fiquei surpreendido com a proibição da gravura no Salão, sob o pretexto de ser imoral, achando o incidente engraçado, mesmo, já que essas manifestações primárias de «moralização da arte», pelo seu ridículo e inesperado, não provocam outra reação. E' verdadeiramente assombroso e alarmante que essas coisas ainda aconteçam num salão oficial de arte contemporânea, onde se pressupõe estar reunido o que temos de melhor e mais evoluído da vanguarda artística do país. Você compreende, é um tema tão ultrapassado e fora de cogitações que fica difícil — difícil e constrangedor — argumentar contra ele. Para o artista plástico consciente, os detalhes anatômicos não têm outro sentido além desse mesmo — detalhe anatômico. Quanto ao sensualismo ou à erótica possível do tema nessa gravura, não é nenhuma novidade, parece-me, na imensa e já exaustiva produção dos artistas limitados à figura humana, através das épocas mais remotas, ha-

vendo casos em que esses motivos ganharam um tratamento genial. Aliás, no trabalho recusado, se visto com seriedade, sem malícia, a pretensa atmosfera sensual nem existe. E' possível, entretanto, que uma reação juvenil e gaiata encontre ali motivo para pequenos estímulos, com algum auxílio da imaginação. O que a obra contém, entretanto, é apenas boa técnica e boa composição — a «história» que seu autor pretendeu contar não me interessou. Para os admiradores ou biógrafos possíveis do gravador o tema revelará, quando muito, uma «nova fase», como outras de ruas, vielas, quintais, retratos, etc. Enfim, meu caro, se você me permite um instante empolado, houve shakespereumamente «much ado about nothing»...



MÁRIO BARATA, membro do Júri de Seleção, examinando as qualidades artísticas da gravura de Iberê Camargo, achou-as dignas de figurar no Salão de Arte Moderna. A Subcomissão, porém, alegando razões imorais, as vetou...

FALA MÁRIO BARATA

◆ Mário Barata, professor catedrático de História da Arte, é um dos três membros do Júri de Seleção e de Premiação, assim se manifestou a respeito do incidente:

— Em Arte não existe o imoral, o político, o antipatriótico. A solução artística pode ser uma fórmula pessoal de interpretar o «tabu» da colévidade. Muitas vezes tais interpretações podem chocar. Outro ângulo da questão é quanto à apresentação ao público, por um órgão oficial, como o Ministério da Educação e Cultura brasileiro, de tais interpretações. O Júri de que faço parte não vetou a apresentação da gravura de Iberê Camargo. A Subcomissão organizadora é que encarou esse segundo aspecto, não artístico, da questão. A Comissão Nacional de Belas Artes, enfim, resolveu o problema, determinando que a obra fosse colocada no recinto.



FERREIRA GULLAR, poeta, tem para com o Salão Moderno, frases candentes. Diz: «Esse incidente é mais uma prova de que esse é um salão acadêmico». Não deixa de ter sua razão.

OPINIÃO DE FERREIRA GULLAR

◆ Ferreira Gullar, poeta («A Luta Corporal»), também foi por nós procurado, a fim de manifestar sua opinião sobre o problema que tanto agita os meios artísticos da cidade. Sendo um dos nossos poucos escritores possuidores de conhecimentos bastante amplos sobre as artes visuais, sobre elas emitindo opiniões originais e sensatas, nada mais justo que nos dirigíssemos a ele, a fim de sabermos o que pensam os escritores sobre o acontecido.

— Esse fato vem apenas confirmar aquilo que já inúmeras vezes tenho pensado comigo: o Salão Moderno é um salão acadêmico, dentro do qual doutrina homens com mentalidades retrógradas, como os que resolveram retirar da mostra a gravura de Iberê Camargo, numa incrível demonstração de cerceamento à liberdade de expressão de um artista. Quanto a Iberê, acho-o um artista sério e digno de atenção, pela seriedade, justamente, que imprime à sua obra, embora discorde da orientação que essa obra vem tomando, desde que o pintor e gravador regressou da Europa. Sou por uma arte de vanguarda, que traduza o homem de amanhã, não o de ontem.



Alkmin



Lott



Garcez



Cunha Bueno

CRISE

❶ A coisa não vai bem por estas bandas. Sabemos, é certo, que no resto do Brasil vai muito pior. Isto, porém, consolo não é. E o mais grave é que ninguém sabe diagnosticar com precisão as razões da crise. O que se conhece, e muito bem, são as dificuldades impostas ao povo que, sem meios de defesa, dá com a língua nos dentes contra o Presidente Kubitschek. Mas o problema aí está, desafiando a argúcia e a agilidade do chefe do governo e levando o ministro José Maria Alkmin a perder noites e noites de bom, urgente e indispensável sono. Mas voltemos à paulicéia, antiga cidade da garoa amiga e das serenatas em madrugadas juninas, centro de trabalho e progresso hoje transformada na mais nervosa das metrópoles brasileiras. Com efeito, a começar pelas ruas e alamedas, São Paulo faz lembrar Shangai no período da guerra sino-japonesa. Milhares de cartazes pintados em berrantes côres espalhados nas ruas principais dizem que bancários, aeroviários, ferroviários e o diabo desejam — pasmem — aumentos que vão de quarenta e setenta por cento. Enquanto isto (com Parsifal ausente) o sr. Paulo Marzagão dá tratos à bola tentando afastar as muitas greves que se esboçam em Piratininga e que estão levando o atual titular da Delegacia do Trabalho a merecer novos e mais prateados cabelos em sua cabeça peitebista. E tudo caminha num maluco turbilhão, onde em incontável redemoinho aparecem reclamando e esbravejando os presidentes de entidades, os donos "da solução salvadora"... que nada mais fazem senão brigar, brigar e brigar em família, sem ter coragem de "chegar na chinha" o responsável por eles (em baixas vozes) apontado: José Maria Alkmin.

José Maria Alkmin, nome mágico, senhor do segredo que faz abrir (ou fechar) os cofres abarrotados de dinheiro e papagaios do Banco da Brasil. Será ele, de verdade, o responsável pelo descalabro por que passamos? Em tão pouco tempo — cinco meses — pode um ministro levar à ruína um país como o nosso? E os outros governantes, os outros ministros que o antecederam, foram sempre formidáveis? Ah, pátria amada, idolatrada, salve, salve... Tenho pena de Kubitschek, de Alkmin, de Ulisses Guimarães e de Vieira de Melo. Mas é isto mesmo. Política é assim. Convenhamos, entretanto, que este país vai (mesmo) mal e que ainda tende a piorar com a próxima decretação do salário mínimo. Em resumo o negócio é o seguinte: Ninguém sabe ao certo quais as medidas que salvarão o Brasil do colapso que se avizinha. Numa coisa porém todos estão de acordo: Juscelino precisa mudar de equipe, porque com a que aí está ele vai perder o jogo por três a zero...

NOVAMENTE está sendo falado o nome do professor Garcez para substituir o sr. Jânio Quadros nos Campos Elísios. O PSD juscelinista de São Paulo e a ala Newton Santos do PTB (totalidade) espesam a candidatura do ex-governador, cujo prestígio no interior do Estado vem aumentando sensivelmente.

IMPORTAÇÃO. O governo federal está estudando uma fórmula capaz de permitir a importação de peças para auto-ônibus. A medida viria beneficiar de perto a C.M.T.C., empresa que tem cerca de 200 carros imobilizados à espera de reforma. Caso chegue a bom termo o que se anuncia, estarão de parabéns os paulistas. Também as duas maiores empresas particulares brasileiras, a VIAÇÃO COMETA S.A. e o EXPRESSO BRASILEIRO serão beneficiadas. Aliás, não sabemos de que forma conseguem os dirigentes destas duas importantes companhias manter o excelente serviço que apresentam, apesar da carência de peças vitais ao funcionamento de seus veículos.

MÚSICA. Segundo nos informou o deputado Pinheiro Júnior, continua o seu colega e líder Luciano Nogueira

Filho a tomar lições de acordeão. O professor do deputado Luciano é o sanfoneiro «Chico da Isaura», caboclo bom no teclado e tocador de ouvido. «O Luciano vai tão bem — (é Pinheiro quem diz) que dentro de mais ou menos 5 ou 6 anos aprenderá a tocar «Mulher Rendeira»...

GALHO. O sr. Sebastião de Almeida Ribeiro é forte candidato a uma diretoria do Banco de Crédito Real, em São Paulo. O sr. Almeida Ribeiro foi um dos chefes do movimento que apoiou em São Paulo a candidatura Kubitschek.

CAO. O pastor alemão que atende por «Alone of Century», de propriedade do sr. Altino da Silva Ribeiro, conquistou medalha de ouro num recente concurso do Kennel Club.

AGIOTAGEM. Pessoa entendida assegurou ao FLASH que o movimento de dinheiro «aplicado» pelos agiotas de São Paulo chega a igualar as operações bancárias normais. E os juros vão de três a oito por cento ao mês... Viva a vida!

HÉLIO ABREU

O ENTERRAMENTO do prefeito Wladimir Piza foi feito (simbolicamente, é lógico) pelos estudantes de São Paulo. Tudo decorreu num clima de ordem e camaradagem, e os oradores de beira-túmulo, em número de seis, levaram duas horas enumerando o que o referido sr. Wladimir não realizou em prol do povo paulistano...

TELEVISAO. O sr. Vitor Costa vem de construir novas instalações para a sua TV Paulista. A inauguração dar-se-á em breve. Espera-se o comparecimento do sr. Juscelino Kubitschek.

POLICIA. Malandros e picaretas continuam fazendo as ruas de São Paulo de casa de Orates. A polícia, que só dá o ar de sua graça de dia, dorme nas madrugadas frias enquanto bandos de desocupados percorrem o centro da cidade em grossa algazarra. A imprensa diária tem dirigido sucessivos apelos ao Secretário de Segurança a fim de evitar seja a capital bandeirante transformada numa nova Rio de Janeiro, cidade que ostenta o galardão de ser a única no mundo inteiro onde não existe policiamento preventivo noturno.

A CANDIDATURA do general Henrique Lott à Presidência da República está sendo coordenada em São Paulo pelo sr. Antônio Sílvia da Cunha Bueno. Desta forma volta o conhecido político às suas lides, e de maneira espetacular.

PREFEITOS. Cerca de 35 prefeitos estarão reunidos em Presidente Prudente, em setembro próximo, na propósito de assistir ao primeiro Congresso Regional Municipalista. Para presidir o conclave foi escolhido o deputado Mário Eugênio.

CASAMENTO. O jovem Gastão Alves Ferreira (gente bem e muito Kar) está «in love». Ao que dizem, o simpático superintendente da firma Isoldino Alves Ferreira S.A. está na mira de Cupido.

EMBAIXADA. O presidente do PSD paulista, sr. Cirilo Júnior, vai mesmo ganhar uma embaixada. Aliás, nada mais justo da parte de Kubitschek. Cirilo Jr. foi dos poucos que marcharam, desde o primeiro momento, ao lado da candidatura do então governador de Minas. Se assim proceder estará o presidente Juscelino premiando um de seus ardorosos partidários e também concorrendo para acabar com esta história de que ele, Juscelino, esqueceu seus amigos paulistas.

A NOTICIA de que seria o sr. Barbosa Lima Sobrinho o substituto do sr. Alvaro Lins no Gabinete Civil da Presidência fez com que ficasse movimentadíssimo o escritório do sr. Sílvia Pereira, ex-diretor do jornal «O TEMPO». O sr. Sílvia Pereira é cunhado do sr. Barbosa Lima.

PRESIDENTE. O sr. Rui de Almeida Barbosa, presidente da Assembléia paulista, vem se conduzindo de maneira hábil e inteligente. Fala-se no retorno de S. Ex^a às hostes do PTB.

Literatura

J. R. TEDEIRA LEITE



POESIA

Lirismo

*Ela subiu à montanha
com uma rosa na mão.*

*Contemplou o mundo à distância
com uma rosa na mão.*

*Depois se atirou no abismo
com uma rosa na mão.*

*E foi sepultada ontem
com uma rosa na mão.*

DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

Ilustração de MARIA TERESA

REVISTA DA SEMANA — 20

LIVROS EM DESFILE

NA COLEÇÃO Afrânio Peixoto, da Academia Brasileira de Letras, Barbosa Lima Sobrinho publicou, já faz um ano, «Artur Jaceguai — Ensaio Bio-Bibliográfico». A vida do Almirante Jaceguai, nascido em 1843, membro da Academia de Letras em 1907, falecido em 1914, é aí estudada com amor e conhecimento. Interessantes são sobretudo os capítulos que falam das relações entre José Veríssimo e Oliveira Lima e Jaceguai (Publicações da A.B.L., 1955, 203 páginas).

RECEBEMOS o número 114, referente aos meses de janeiro e fevereiro do corrente ano, da «Revista Nacional de Cultura», editada em Caracas, Venezuela. Trás, como sempre, matéria selecionada, sendo a primeira parte uma «Homenaje a Ortega y Gasset». Na segunda aparecem vários ensaios e poemas de inúmeros autores. Na resenha de livros, Sérgio Moreira comenta alguns livros brasileiros e portugueses. Publicação excelente, e que honra a cultura venezuelana.

TELMO PADILHA escreve «Girassol do Espanto», vinte e oito poemas precedidos por um estudo (fraco) de Adonias Filho sobre a poesia do autor. Telmo, que é baiano, apresenta-se praticamente isento das hesitações que caracterizam os estreantes. Seu livro já demonstra um tom típico, uma maturidade que nos levam a ver, em poemas como «O Desencanto do Real», por exemplo, o que poderá vir a ser Padilha em futuro bem próximo: um poeta de relêvo no nosso panorama literário. (Casa do Estudante do Brasil, Rio, 1956, 72 páginas).

O FATO LITERÁRIO

Uma grave omissão

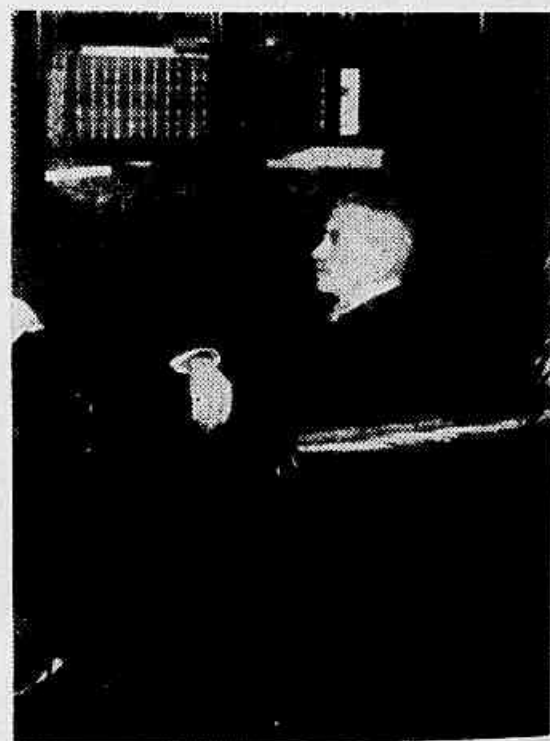
◆ E' COISA já sabida e muito comentada que Álvaro Lins e Aurélio Buarque de Holanda, em seu «Roteiro Literário do Brasil e de Portugal», há pouco editado pela José Olympio, deixaram de incluir a figura de Coelho Neto, o prolífico e desigual escritor maranhense, que ultimamente o senhor Otávio de Faria vem tentando reabilitar.

Coelho Neto foi uma das grandes vítimas dos modernistas, e seu principal antagonista, desde o seu famoso, mas ultrapassado, grito de «Sou o último dos helenos!». Há quem pense, inclusive, que a omissão do nome do autor de «Treva» na grande antologia de José Olympio ainda se deva ao desprezo dos modernos pelo nortista. E' o caso, por exemplo, o colunista Valdemar Cavalcanti, que, indagado a respeito do fato, assim respondeu:

— Acho perfeitamente válido o critério que excluiu Coelho Neto da antologia. Ele é um chato.

Mas, que critério invisível terá sido esse? Inútilmente o procuramos na «Nota Explicativa» que precede o primeiro volume do «Roteiro». Fala-se ali de inclusão de escritores já falecidos, de correções em textos e em dados cronológicos, e mais nada. Nenhum critério mediante o qual pudesse vir a ser Coelho Neto excluído, e, digamos, Humberto de Campos ou Guimarães Passos, não. De modo que só podemos atribuir tal omissão a um lapso dos autores, lamentável, é claro, mas de resto compreensível, em se tratando de obra tão extensa, lapso que, aliás, poderá ser sanado para uma futura edição.

Quanto às declarações do senhor Cavalcanti, foram um pouco levianas.



Uma das últimas fotos de Coelho Neto, em sua residência.

LETRAS



★ **LIVROS HOLANDESES** — A Biblioteca Nacional, em colaboração com a Livraria Kosmos e o Instituto de Cultura Brasil-Holanda, organizou uma ótima exposição de livros holandeses, através da qual se pode apreciar a perfeição a que chegou, nos Países Baixos, a indústria bibliográfica.

★ **REAPARECERA «ORFEU»** — Fala-se com certa insistência no reaparecimento da famosa revista «Orfeu», dirigida pelo poeta Fernando Ferreira de Loanda. «Orfeu» marcou época na literatura brasileira, mas há alguns anos que não circula.

★ **REVISTA DO LIVRO** — Lançada pelo Instituto Nacional do Livro, apareceu a «Revista do Livro», contendo colaboração variada de escritores de valor, entre os quais Augusto Meyer, antigo diretor do I.N.L.

★ **NOVA EDITORA** — Acaba de ser fundada em São Paulo a Editora Bartyra, dirigida por Jorge Carneiro e Cecílio J. Carneiro. Do programa editorial para o corrente ano, fazem parte obras de Goethe, Thackeray, Foggazaro, Basílio da Gama, além de duas novelas, «O Segrêdo» e «Bras», de autoria dos próprios diretores da casa.

★ **OBRAS DE LIMA BARRETO** — Aos poucos cresce o prestígio de Lima Barreto, o romancista carioca que morreu em 1922, no limiar do modernismo brasileiro. Agora mesmo, a Editora Brasiliense, de São Paulo, irá lançar as Obras Completas do autor de «Recordações do Escrivão Isaías Caminha», em dezessete volumes. A concatenação da edição deve-se a Francisco de Assis Barbosa, que o fez com sua autoridade incontestada. Os livros serão precedidos de ensaios e prefácios de autoria de conhecidos escritores brasileiros, como Oliveira Lima, João Ribeiro, entre os já falecidos, e Lúcia Miguel Pereira, Astorjildo Pereira, Olívio Montenegro, entre os vivos.

● LETRAS NO MUNDO

A **RESPEITO** do último romance de Camus, «La Chute» Emile Henriot, da Academia Francesa, assim se expressou: «Vejo-o (Camus), em «La Chute», voltar ao mais fundo desespero, que o fez descrever, em «L'étranger», a história de um homem só, arrancado de tudo, estrangeiro ao que o rodeia e a si próprio, num mundo absurdo, cegamente voltado para o mal, incompreensível e sem razão de ser».

SALVADOR DALI, que além de pintor é também escritor e (segundo seu próprio veredicto) o «maior crítico de Arte de todos os tempos», o «Napoleão das Artes», já entregou ao editor seu novo livro: «Les cocus du vieil art moderne».

ESTÁ CAUSANDO sucesso, em Paris, o livro de Albert Champdor sobre «Saladin, le plus pur héros de l'Islam».

GREGÓRIO MARAÑÓN foi recebido na Real Academia de Belas Artes de Madrid. Seu discurso de posse foi uma peça de erudição sobre Toledo, na época em que nela viveu o pintor El Greco.

A **DINAMARCA** adotou o hábito de publicar anúncios nas capas dos livros de literatura, que assim ficam muito mais baratos, embora percam algo de sua beleza.

ISRAEL EDITOU, em 1955, cerca de mil livros, sendo que de literatura 242, de literatura infantil 160, religiosos 151 e didáticos 113. O livro mais vendido em todo o país continua sendo «Bonjour, Tristesse», de Françoise Sagan.



ARTES

JOSÉ ROBERTO

O SALÃO MODERNO



Quaglia, progredindo sempre.

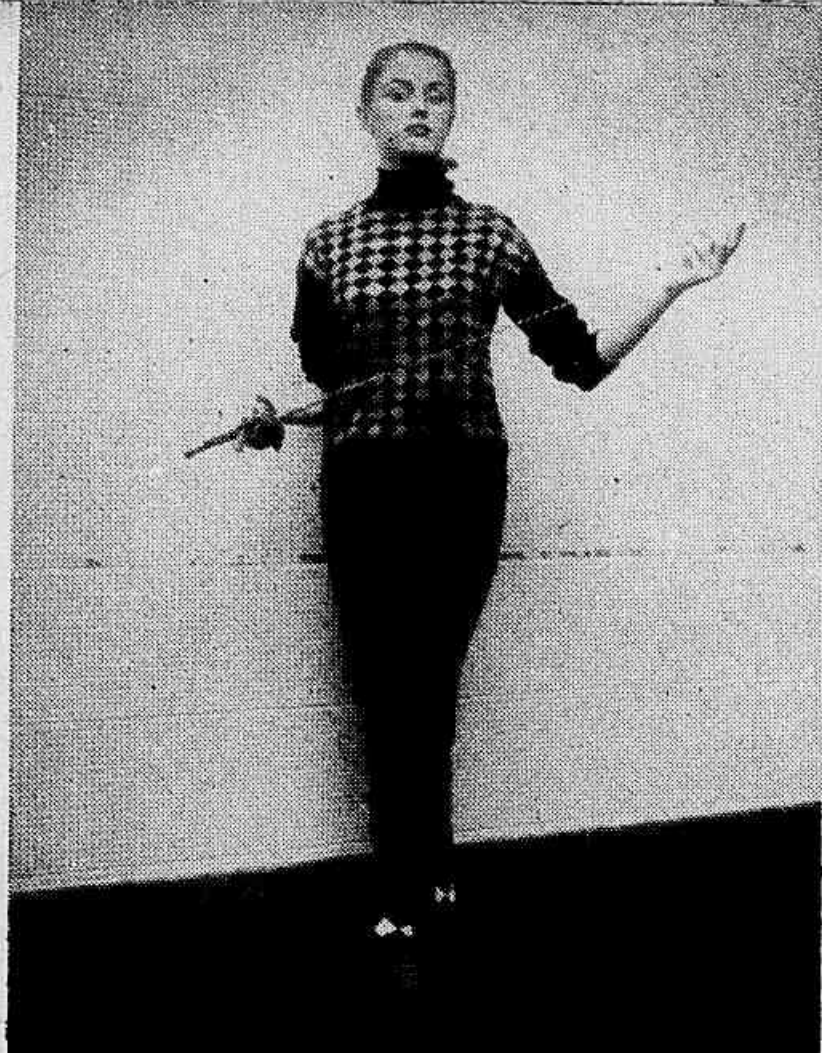
● **NAO FÔRA** a participação de meia dúzia de expositores de outros Estados, e bem poderia o Salão Nacional de Arte Moderna chamar-se, mais adequadamente, «municipal». E não só por motivos geográficos-políticos, como também pela espécie de Arte ali apresentada, arte especificamente municipal. E municipal sem autonomia. O que chama desde logo a atenção de quem penetra no primeiro andar do edifício do Ministério da Educação e Cultura, é a estagnação em que, ao que parece, quase todos os nossos pintores e escultores se deixaram cair. Acorados prudentemente por detrás de fórmulas que não compreendem em toda a sua extensão, e de que usam e abusam com maior ou menor habilidade e bom gosto, é de se lamentar, sinceramente, estejam os mais arrojados artistas do Brasil a marcar passo em um mesmo lugar, repetindo-se ano após ano, num novo academismo que mal disfarçam, sob as roupagens de empréstimo desta, ou daquela tendência. Um descobriu os nus do mediocre Matisse, e imediatamente busca reproduzi-los com os poucos meios de que dispõe; a outra imita servilmente Roualt, naquilo que o francês possui de mais exterior e visível; há os pseudo-Beckmann, os imitadores do imitador Picasso, os pequeninos Mondrian associados, os Brancusi naturalizados, os Portinari de bôlso...

Pouca procura, muita vocação sacrificada num mar de fórmulas cretinas, muita concessão ao mau gosto, ou ao gosto fácil. Aqui e ali, é verdade, surgem, no meio de tantos exemplos de servilismo e de arte ruim, as obras sem dúvida interessantes de Aldemir Martins, de Fernando Pamplona, de Darel e de Pedroso d'Horta, o desenho de Anísio Medeiros, a pintura atormentada de Quaglia (cujo nome, aliás, nem figura no Catálogo, por erro imperdoável).

Mas o que, a nosso ver, se salva verdadeiramente do Salão Moderno (e podemos externar essa opinião sem o risco de sermos taxados de suspeitos, de vez que nunca tomamos partido na batalha — de resto estúpida e irracional — entre figurativos e não-figurativos), são os artistas abstratos e concretistas, são Firmino Saldanha, Rapoport, Ormezzano, Ivan Serpa, Raimundo Nogueira, Aluísio Carvão. Para eles, Arte não é borrar um «Congresso Eucarístico» e pendurá-lo descaradamente à parede. Pode-se apreciar, ou não, o que fazem. Mas não se pode duvidar de sua seriedade, do fervor quase religioso com que executam suas telas. Lutam contra uma incompreensão feroz, até animalasca; odeiam o triunfo fácil, em que tantos julgam incorrer, quando em verdade mais e mais se afastam de si próprios. Não seria estranhável que um deles. — Firmino Saldanha, por exemplo — fôsse contemplado com o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, justa recompensa a quem demonstra tantas qualidades, e que, temos certeza, muito lucraria acaso fôsse à Europa em viagem de estudos.

OS PRÊMIOS

Já estava escrito e composto o presente artigo, quando foram concedidos os prêmios do V Salão Moderno: o de Viagem à Europa, no setor Pintura, a Firmino Saldanha; o de Viagem à Europa, no setor de Artes Gráficas, a Anísio Medeiros; o de Viagem ao País, a Frank Schaeffer (Pintura) e Fernando Pamplona (Decoração); aquisições: Aldemir Martins, dez mil cruzeiros; João Garboggini Quaglia, e Fayga Ostrower, cinco mil. Isenções de júri foram concedidas a Ernani Vasconcelos, Jenner Augusto e Iberê Camargo. De modo geral, as premiações nos satisfizeram. Cumpre assinalar a vitória do jovem pintor Quaglia, residente na Bahia, e sobre quem, há cerca de oito meses, sob o título de «Solidão de Quaglia», escrevemos um pequenino estudo, vaticinando o seu próximo triunfo no panorama das Artes Visuais do Brasil. Esse triunfo, quer-nos parecer, começa a consolidar-se.



OITENTA MODELOS

num festival de elegância

A EXEMPLO DO que fazem periodicamente os maiores magazines da Europa e dos Estados Unidos, realizou-se há pouco, sob o patrocínio da revista "Querida", um Festival de Modas, durante o qual cerca de oitenta modelos foram exibidos por oito elegantes manequins cariocas. Esses modelos, inspirados nas mais extraordinárias criações de costureiros como Jacques Fath, Balenciaga, Nina Ricci, Jean Dessés, Heim, Jean Patou e muitos outros, europeus e americanos, despertaram a atenção geral, atraindo ao recinto

do desfile grande número de senhoras e senhoritas de nossa sociedade. Hollywood fez-se representar por uma de suas mais famosas e conhecidas figurinistas — Edith Head —, que apresentou vários modelos de sucesso. Nessas páginas poderão as leitoras averiguar o grau de arrôjo e de beleza a que atingiram os modistas modernos, bem como tentar diferenciar as linhas básicas que separam as grandes criações da moda francesa e italiana da costura americana. (Fotos P. MUNIZ)



MODELOS DE PASSEIO, TRAJES PARA O FRIO E PARA O ESPORTE, FORAM APRESENTADOS NO DESFILE A SOCIEDADE CARIOCA



O FESTIVAL APRESENTOU UM CONJUNTO EXCELENTE DE MODELOS, EXIBIDOS POR MANEQUINS GRACIOSOS



JÁ SE FOI o tempo em que só a Europa ditava ordens, no que a moda se refere. Agora, também os Estados Unidos estão no páreo da elegância feminina. O cinema é, em grande parte, o responsável por esse enorme progresso das modistas e figurinistas ianques. A prova é que, sem embargo as mara-

vilhas da costura francesa ou italiana, a moda americana está em pé de igualdade com elas, não ficando um só centímetro atrás, no campo da qualidade. Porém, a preferência feminina, ao menos no Brasil, ainda é pelos Fath e pelos Patou, pelos Balenciaga e pelos Balmain... por tudo o que vem de Paris.

COMO OS QUE AQUI VEMOS



POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Deste Moderno Semanário e Esteja em-
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba,
Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião,
Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Aven-
ida da Liberdade nº 120 - São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 - Caixa
Postal 649 - São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo.

EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 - Lisboa

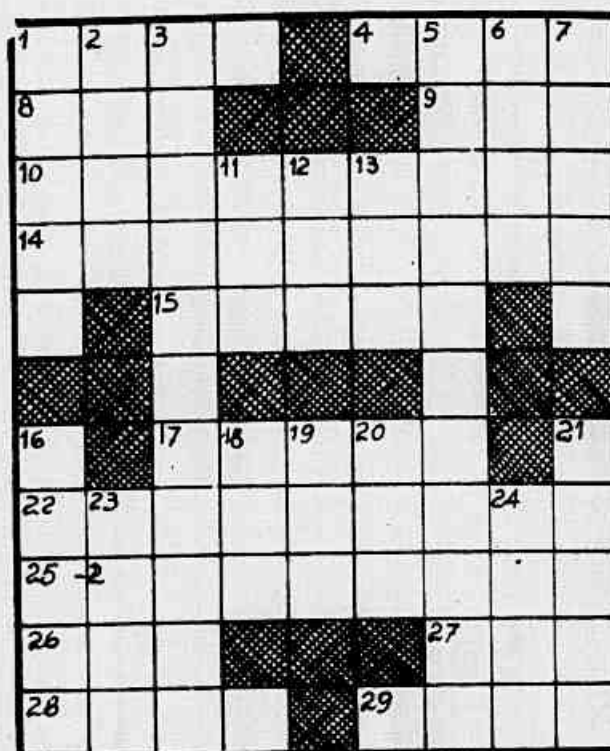
PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 124

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Grialha — 4. Hipocrisia — 8. Comarca da França — 9. Tecido que antigamente se fabricava no Languedoc (França) — 10. Pássaro da família dos Tanagrídeos — 14. Transigir — 15. Nome de mulher — 17. Desiste de um intento — 22. Alimentar — 25. Bazo-tiador — 26. Sacerdote gentílico do Anane — 27. Canal — 28. Guias — 29. Espécie de abelhas do Brasil.

VERTICAIS: — 1. Bananeira das Filipinas — 2. Origem — 3. Armadilha para aves de rapina — 5. Relativo a planisfério — 6. Prova — 7. Dolorosa — 11. Elemento grego que significa mão — 12. Gênero de orquídeas — 13. Cidade da Índia Inglesa — 16. Impostura — 18. Aquilo que liga — 19. 11ª letra do alfabeto hebraico — 20. Faz aderir — 21. Lôgro — 23. Magistrado turco entre os muçulmanos — 24. Cruzar os mares.

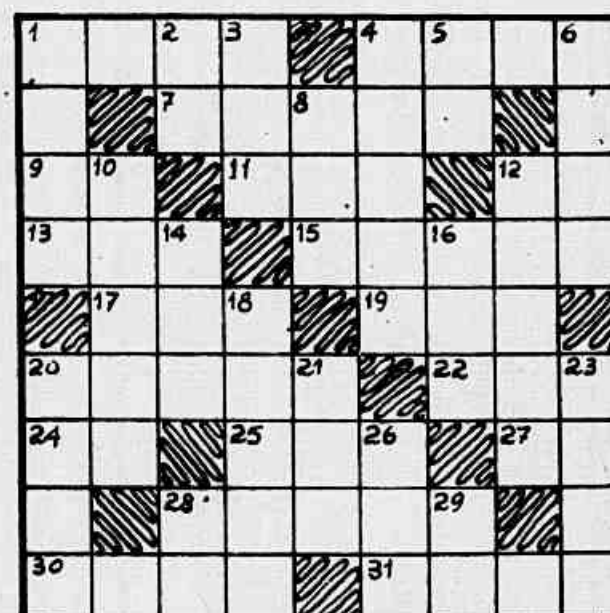


Claner - Rio

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Cura — 4. Querem bem — 7. Respeita — 9. Basta! — 11. Pinha — 12. Antes de Cristo — 13. Unidade das medidas agrárias — 15. Aguardente extraída do arroz fermentado — 17. Interjeição para animar, excitar — 19. Lavra — 20. O mesmo que rastro — 22. Membro empenado das aves — 24. Do verbo ser — 25. Cólera — 27. Sufixo designativo de autor — 28. Lugar público, largo — 30. Uma das cinco partes do mundo — 31. Gostar.

VERTICAIS: — 1. Flecha — 2. Símbolo do rádio — 3. Mau cheiro — 4. Ligara — 5. Perversa — 6. Padiola — 8. Une — 10. Superfícies — 12. Casualidade — 14. Aqui está — 16. Pedra do altar — 18. Lança arremessa — 20. Não é curva — 21. Reza — 23. Cultivar — 26. Albino — 28. 16ª letra do alfabeto grego — 29. Sigla automobilística do Amazonas.



Claner - Rio

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 123

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: cama — ácia — lua — abc — agra — alei — recidivas — opala — irã — drinn — agaiatado — cris — oura — lar — tef — alor — cana.

VERTICAIS: Clara — auge — marco — calva — IBEA — acisa — ai-piris — ailanto — daria — nacla — dairo — nauta — moafa — gral — Dren.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: micos — Ru — or — CI — ara — em — arada — Roma — orar — adere — as — ôca — me — ia — ao — casas.

VERTICAIS: má — cara — só — ri — ré — carta — arado — adora — morte — ama — are — ecos — si — mó — A.C. — as.

INÍCIO E EXPANSÃO DA "CENTRAL"

EDUARDO TOURINHO

EM 1835 a Regência de Feijó sancionou a resolução legislativa que concedia determinados privilégios a construtores de estradas de ferro no país. Visando a pronta ligação da capital do Império a Minas, à Bahia e ao Rio Grande do Sul, quaisquer concessionários deviam iniciar os trabalhos dois anos após à assinatura dos contratos e, anualmente, deviam assentar cinco léguas de trilhos.

Em 1840, Thomas Cockrane propôs-se estabelecer uma linha entre Pavuna e Rezende, cortando a Serra do Mar. Nada, porém, pôde fazer... Em 1852 — sob o gabinete Itaborahy — quando Irineu Evangelista de Sousa, Cristiano Otôni, Joaquim Teixeira Leite e Mariano Procópio viram na construção de rodovias e linhas férreas atraente empresa, ofereceu o governo maiores facilidades. Para a ligação de Recife ao povoado de Água Preta, tiveram privilégio Eduardo e Alfredo do Mornay.

Já o futuro visconde de Mauá formara a Imperial Companhia de Navegação a Vapor. Obtém, então, o direito de construir uma via-férrea de Petrópolis ao rio Paraíba, com terminal em Pôrto Novo do Cunha.

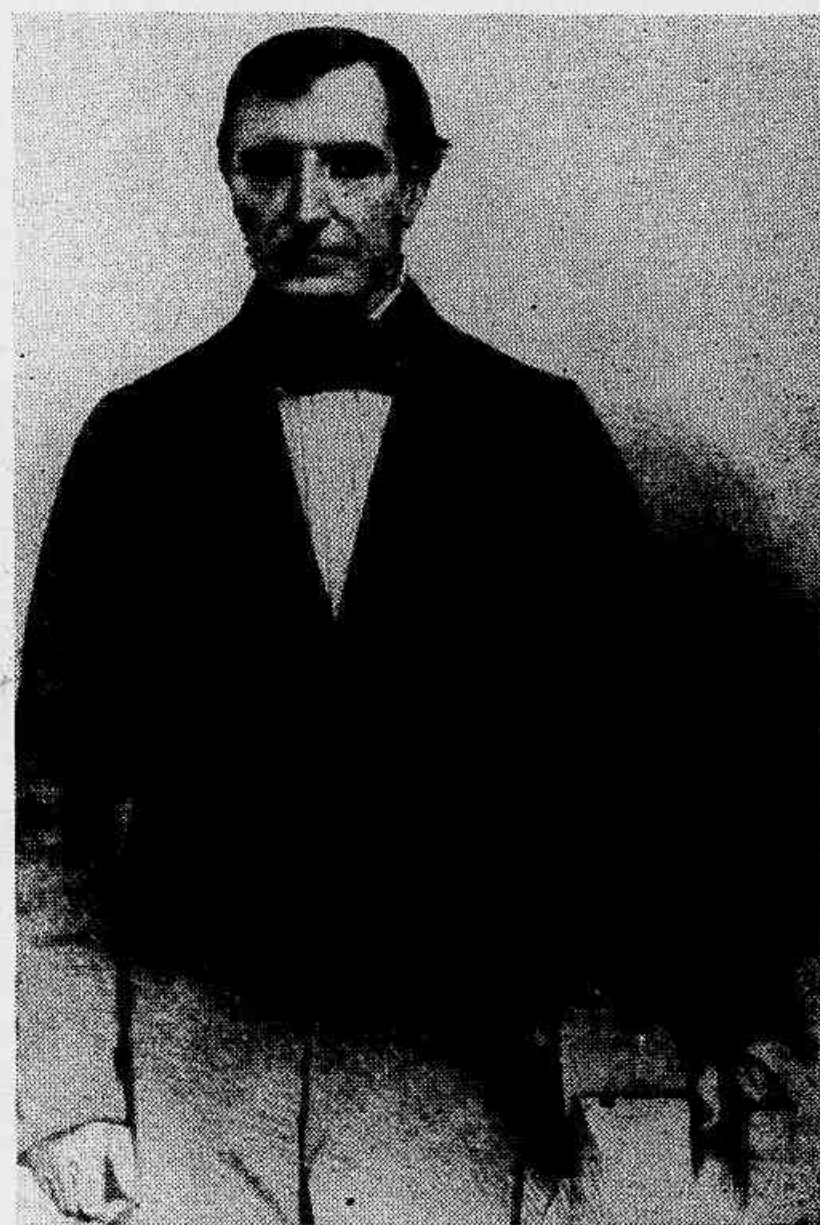
A 30 de abril de 1854, inaugura-se um trecho da E. F. Mauá. Assistem a cerimônia D. Pedro II e a Imperatriz. No discurso que pronunciou, disse Irineu Evangelista de Sousa que a estrada não deveria parar «senão quando estivesse inaugurada a mais espaçosa de suas estações na margem esquerda do rio das Velhas».

A Irineu concede o Imperador o título de visconde de Mauá e — em homenagem à sua esposa — passa a chamar-se «Baronesa» a primeira locomotiva que cobriu os quinze quilômetros entre a Ponte da Estrêla e a Raiz da Serra. Por esse tempo, era a população do Brasil estimada em 8.020.000 habitantes, dos quais 2.500.000 eram escravos.

De 9 de maio de 1855, é o decreto aprovando o contrato para a construção da primeira seção da E. F. Pedro II — a Central do Brasil de hoje — entre a estação inicial, no antigo Campo de Santana, e a localidade fluminense de Queimados.

Menos de três anos depois — 29 de março de 1858 — inaugurou-se o tráfego. O bispo D. Manuel do Monte Rodrigues de Araújo, conde de Irajá, benzeu a locomotiva que conduziu o primeiro comboio sobre as paralelas de aço que uniram a Corte ao interior do Estado do Rio.

Rejubilou-se o povo e o conselheiro Cristiano Otôni — presidente da empresa construtora — teve o nome perpetuado no monumento erguido em frente à «gare» inicial. Em 1872, nova concessão governamental permite a junção de S. Paulo à capital do Império. Um lustro depois — 7 de julho de 1877 — estavam prontas as linhas entre Cachoeira e a capital bandeirante. Completavam-se, assim, os duzentos e trinta e três



IRINEU EVANGELISTA de Souza, Visconde de Mauá. A ele deve-se os transportes do Brasil. Inaugurou a primeira ferrovia nacional.

quilômetros essenciais à ligação do Rio de Janeiro ao planalto de Piratininga. A 28 de fevereiro de 1888, o então ministro da Agricultura — Rodrigo Augusto da Silva — assinou o decreto aprovando o Regulamento da então Estrada de Ferro D. Pedro II.

Foi esse o despontar da via-férrea que é, no presente, a maior do país.

Gradativamente, foram seus trilhos rasgando o Estado do Rio, o de Minas Gerais e o de S. Paulo. Localidades do interior foram

conhecendo um progresso quase impossível sem a estrada de ferro. Agora, atingem a Bahia e beneficiam uma vasta área de notável expressão econômica.

E quanto vale a «Central do Brasil» para os subúrbios e a zona rural do Distrito Federal? Com densa população, encontra o maior perímetro da capital da República na Central seu mais barato meio de comunicação com o centro da cidade.

Essa população sempre crescente, determinou a eletrificação da via-férrea que — pelo seu grande movimento — pode ser comparada, aqui, a «um metro de superfície». Há menos de quarenta anos, os habitantes do Rio não chegavam a um milhão de almas. Hoje, avançam para a casa dos três milhões.

Um verdadeira metro é, agora, tido como imprescindível em face do contínuo agravamento dos transportes urbanos. É que a cidade — que era horizontal — cresceu e continua a crescer verticalmente. As fileiras de casas que se denominavam «avenidas» sucederam, em interminável série, os arranha-céus: centenas de casas na altura, uma floresta de ferro e cimento.

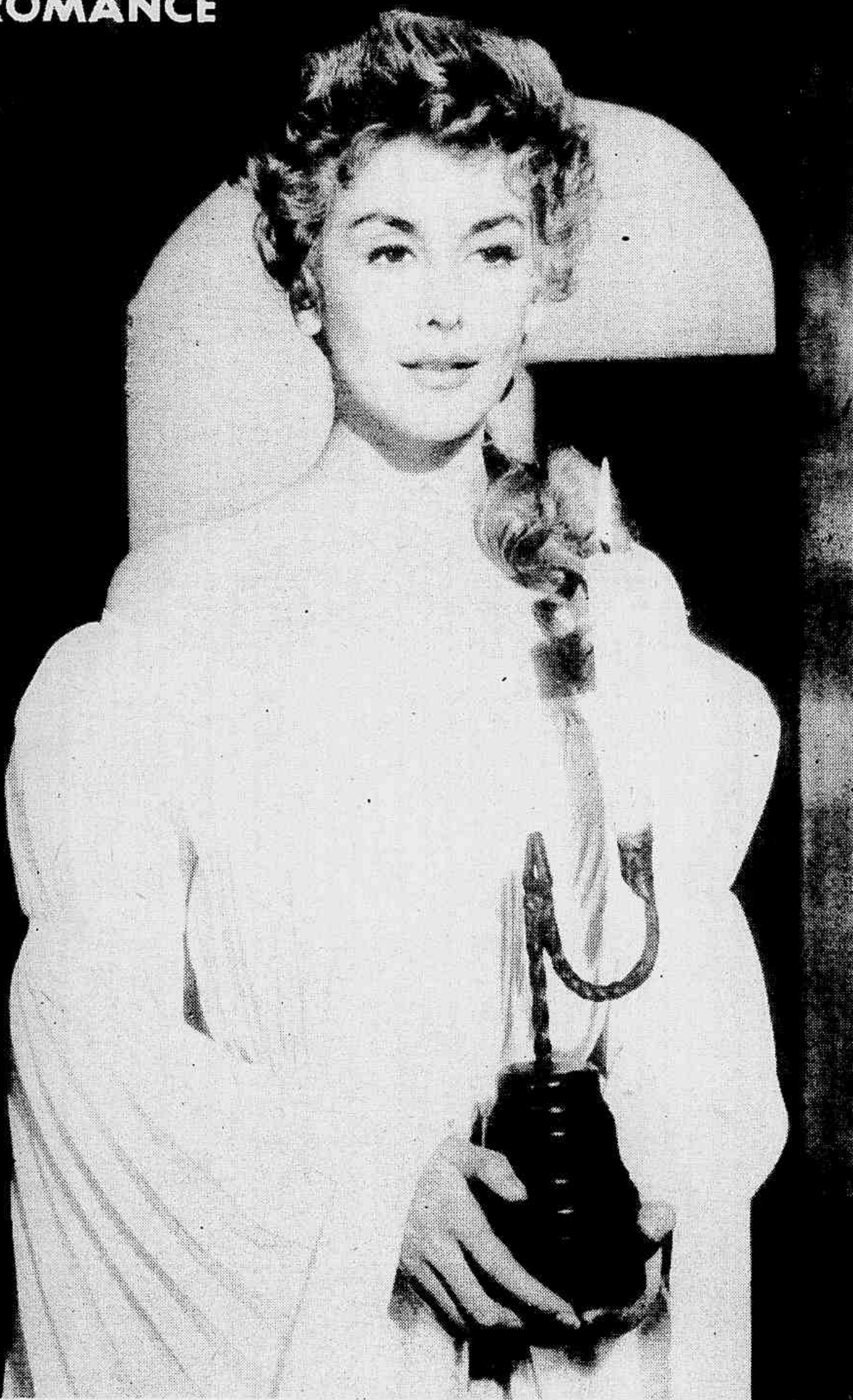
Mesmo com as deficiências que a palavra oficial e a imprensa focalizam periodicamente, presta a «Central do Brasil» inestimáveis serviços à coletividade.

Aquilata-se do valor da grande via-férrea quando ocorre qualquer perturbação no seu tráfego. Que seria do carioca se os trens da Central deixassem de correr entre as zonas remotas do Distrito Federal e a Praça da República? Entre esta capital e os Estados do Rio de Janeiro, Minas e S. Paulo? Como se tornaria difícil o abastecimento, desta muito heróica e leal Cidade de São Sebastião!

Louve-se, pois, a Central — como está e como será um dia... Louve-se agora, quando acaba de comemorar seu primeiro centenário de nascimento.

Conta, hoje, o Brasil com trinta e sete mil quilômetros de vias-férreas em uso e com três mil em construção. E, ainda, pouco para sua área imensa. Mas a Serra do Mar e a da Mantiqueira foram vencidas. A Noroeste do Brasil e a Madeira-Mamoré foram construídas.

O plano ferroviário aprovado em 1834 ligará o Rio Grande do Sul ao Pará e unirá Pernambuco ao Acre.



QUINTIN DURWARD

CAPÍTULO IV

Quintin Durward..... ROBERT TAYLOR
 Isabel, Condessa de Marcroy..... KAY RENDALL
 Rei Luís XI..... ROBERT MORLEY
 Hayraddin..... GEORGE COLE
 Carlos, Duque de Burgundy..... ALEC CLUNES
 Conde Guilherme de La Marck..... DUNCAN LAMONT
 Bailarina Cigana..... LAYA RAKI
 Conde Felipe de Creville..... MARIUS GORING

«Screenplays» por ROBERT ARDREY —
 Novelização por GEORGE FROESCHEL —
 Direção de RICHARD THORPE — Pro-
 dução da Metro Goldwyn Mayer.

Quando Luís se inteirou de que Isabel e Quintin haviam chegado sãos e salvos a Liege e que se encontravam no castelo do tio da mesma, não pôde controlar os nervos. Seu plano havia falhado e agora não lhe restava outra alternativa, salvo a de procurar a paz com Borgonha visitando em pessoa seu primo Carlos, como havia prometido a Creville. De outra parte, De La Marck não se havia dado por vencido e estava disposto a apoderar-se da condessa, por qualquer forma. Com o ouro que Luís lhe havia mandado, comprou pólvora e canhões e dispôs-se a atacar o castelo em que se havia refugiado Isabel.

★

Em um terraço que se debruçava para o jardim do castelo, Quintin estava em repouso, reclinado em uma poltrona, com as pernas cobertas por uma pequena manta. Isabel passeava pelo jardim, entre as roseiras em flor, e aproximou-se do rapaz:

— Sinto-me bastante triste ao recordar as minhas terras de Marcroy, disse com suavidade. O dia está bonito e as flores abrem suas cores em profusão...

Tocando com uma rosa na fronte de Quintin, concluiu amorosamente:

— Também não sente a nostalgia da Escócia distante?

— Sim, respondeu êle. Sinto na alma uma grande nostalgia. Na realidade, não se refizera

Isabel começou a sentir que só um homem poderia salvá-la: o destemido Quintin Durward, por quem já estava realmente enamorada...

A COROA E A ESPADA

HAYRADDIN guiou Quintin e Isabel até o acampamento dos ciganos, onde lhes facilitaram um carro para continuarem a viagem até Liege. Enquanto Quintin descansava no fundo do veículo ainda roturado pelas dores provocadas pelos ferimentos durante a luta da véspera, Isabel viajava e conversava com Hayraddin.

— Estranhos são os desígnios dos reis, murmurou êste. Luís tornece dinheiro a De La Marck para persuadi-lo a raptá-la, no curso desta viagem, para converter-se em seu marido e dono de suas terras. Será isso razoável? Para conquistar uma jovem de tanta beleza, deveria ser De La Marck quem pagaria ao rei, mas não... é o rei quem entrega uma boa soma de dinheiro ao outro!

Isabel, que nada conhecia do «complot», atônita, voltou os olhos para o cigano, perguntando-lhe:

— Quer dizer que o rei Luís vai me entregar às mãos desse bestial De La Marck?

— Precisamente...

A jovem permaneceu silenciosa por alguns minutos. Quando voltou a falar, sua voz tremia de pavor e desespero:

— E agora terei que mentir e dizer que jamais estive na corte do rei Luís... Ou então, deixar que a França venha a envolver-se em uma guerra fratricida!

No interior do veículo, Quintin ouviu as palavras da moça e cerrou os olhos, angustiado, ao dar conta de quantos transtornos podem causar ao mundo as desmedidas ambições de um homem.

ainda dos ferimentos recebidos pouco antes. Na França, Quintin havia encontrado mais alguma coisa, além de romantismo e aventuras: havia encontrado a fase do seu amadurecimento de espírito.

— Cavalheiro... Vosso silêncio é tão melancólico que até as rosas do jardim derramam lágrimas... disse Isabel, sentando-se junto a Quintin e tomando-lhe uma das mãos. Depois, aproximando-se do ouvido: Saiba... poderei dizer-lhe? terei coragem? Então saiba... que estou enamorada por si... Confio êsse segredo às flores, ao céu, às brisas e às estrelas... e não me sinto envergonhada de proclamar o meu amor em altas vozes... Amanhã mesmo voltarei a confessá-lo, ante as estrelas matutinas porque não posso evitar esta paixão, cavalheiro...

E assim falando, voltou o rosto para a rosa perfumada e rubra que suas mãos acariciavam.

— De minha parte — respondeu Quintin — não acredito que meus sentimentos para consigo, sejam menores...

— Há uma diferença... E' que o cavalheiro guarda seus sentimentos em segredo, bem no fundo do seu coração... E por que? Talvez porque eu seja rica e o cavalheiro, pobre... Será essa a razão?

— Não. Meu orgulho não chegaria a tanto...

— Lembre-se que me prometera dizer tudo quando chegássemos a Liege...

— Não me parece que tenha coragem de fazê-lo, retrucou o jovem.

— Bem. Então vou esperar até que se julgue com coragem bastante. Esperarei sem separar meu coração de sua vida... acompanhando-lhe os passos, onde quer que vá... até que fale ou até que eu fique sendo, apenas, uma pobre e velha mulher... demasiado envelhecida para poder amar com o mesmo entusiasmo e o calor de hoje...

De minha parte, estou perfeitamente bem, retrucou sêcamente Quintin. Esta noite mesmo partirei.

— Mas para onde irá, cavalheiro? Certamente, não a Tours, e muito menos a Borgonha!

— Vou a Peronne.

— Ah, bem me parecia... Enfim, posso desmascará-lo! Quer dizer que nesse caso está ao lado de Borgonha! E' um vil e miserável espião de Borgonha! Oh, pobre de mim que me apaixonei por um espião...

— Não. Isso não é verdade, respondeu Quintin com toda a calma. Sou simplesmente um sobrinho de Lord Crawford e ele me mandou à França para que a visse... e para que a convencesse sobre o matrimônio...

Isabel sentiu que o coração transbordava de felicidade.

— Quintin, meu querido Quintin! Isso é mesmo verdade, meu amor?

— Sim. Essa é toda a verdade. Meu tio é um homem inútil... Sêco como um pergaminho... Frágil que nem uma tábua, mas agudo como uma espada. E mais teimoso que o penedo da Escócia... Mas assim mesmo eu o estimo com toda a minha alma.

— E' então seu tio favorito?

— Sim. Além disso, devo-lhe muito. E' uma interminável dívida de gratidão, de afeto o que me prende a ele, enfim, devo-lhe tudo o que sou.

— Mas estou certa de que me ama, não é verdade, Quintin?

— Poderia eu, dêsse modo, pagar a meu tio tão grande dívida de gratidão?

Ela guardou silêncio, voltando o rosto para o alto.

Enquanto ele se entregava a um merecido repouso, ela o contemplava procurando coragem para dizer, alto, o que ditava o coração...

— Porventura estarei errado? perguntou Quintin. Sim, não me cabe dúvida, sou absurdo em tudo o que faço. Um simples homem de espada. Um homem que está deixando de ser jovem... mas que é pobre e ridículo, sem ter onde cair morto... devotando sua vida a princípios antiquados de justiça e honra... lutando e sempre lutando sem cessar... Mas afinal, por quem, para quê?

Isabel voltou os olhos para o extenso vale, chorando em silêncio. Quintin aproximou-se suavemente.

— Perdoe-me, Isabel! Isso não tem mais remédio. Não posso ser diferente do que realmente sou... e continuarei vivendo com todos os meus absurdos... até encontrar a minha sepultura... E então tudo estará acabado!

Ela aproximou-se mais um pouco, procurando refúgio em seus braços e acariciando-o com ternura. A bem dizer, sofria bastante porque aquele homem forte e dominador, queria afastar-se de sua vida, para sempre... levando consigo a lembrança imperecível de seu amor... talvez com os mesmos ideais, uma vida livre de toda ambição e toda intriga, inteiramente alheio às manobras dos seres humanos mais nocivos, para alcançar poder e atingir, sem escrúpulos ou misericórdia, seus fins egoístas...

(Continua na página 58)



RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

◆ Quintin Durward, um pobre jovem escocês, educado para ser um cavalheiro autêntico, é mandado por seu tio, Lord Crawford, um ancião das terras altas da Escócia, como emissário junto da formosa e rica Isabel, Condessa de Marcroy, com a qual Lord Crawford pretende casar-se. O guardião de Isabel, Carlos, Duque de Borgonha, encarregou-se de arranjar esse matrimônio por certas razões de ordem política. Isabel recusa casar-se com o velho Crawford e foge da corte de Borgonha, sendo assaltada ao cruzar um bosque, pelos sequeiros do desalmado Conde Guilherme de La Marck. Quintin, que segue as pegadas de Isabel, logra frustrar o ataque, prosseguindo a jovem em seu caminho até Tours, onde está instalada a corte do rei Luís, que lhe oferece proteção. Ajudado eficazmente pelo cigano Hayraddin, Quintin penetra no castelo e persuade ao rei que lhe permita ingressar a seu serviço. Quando o mensageiro de Carlos, De Creville, se apresenta na corte acusando ao rei de traição e de dar albergue à Condessa Isabel, Luís ordena a Quintin que se mantenha fechado com a jovem na habitação da mesma, para impedir que seja levada à força pelo emissário de Borgonha. Mais tarde, para resolver seus problemas particulares, envia a condessa para a Bélgica, arranjando secretamente que seja raptada no percurso, pelo renegado Guilherme De La Marck, que forçará Isabel — e a convencerá — a casar-se com ele, convertendo-se assim em uma ameaça para Carlos. O rei Luís encarrega Quintin a manter sob custódia a formosa condessa, certo de que as nobres inclinações do escocês lhe dão impulso, ainda que sacrificando a própria vida, a defender a sua protegida. Em uma posada onde se hospedam Isabel e Quintin, este encontra o cigano Hayraddin, que lhe comunica os secretos desígnios do rei justamente no instante em que os foragidos De La Marck estão na iminência de assassinar o escocês. Quintin luta heróicamente e consegue rechassar os atacantes, fugindo, a cavalo, em companhia do cigano e de Isabel.

E agora a história continua assim:



ELOÍNA de que? Ela quer um sobrenome, mas sem casamento...

CONCURSO

Eloína, a linda Eloína, quer um sobrenome. Essa coisa de sobrenome é muito difícil. Nos Estados Unidos há técnicos em batismos artificiais. Aqui a parada é dura, mas Eloína tem cabeça no lugar e não vai querer um sobrenome bossa antiga que possa de certo modo e indiretamente derrubar a sua carreira que tem sido rápida e boa. Então convocou Stanislau Ponte Preta e Mister Eco e ordenou que eles abrissem um concurso para que mardem sugestões para aquelas duas colunas dizendo como deve ser o sobrenome de Eloína. Eloína de que? Eu acho Eloína Ponte Preta um bom nome!

É O QUE ESTOU LHE DIZENDO...

FERNANDO LOBO

◆ Tinha a cabeça entre as mãos e aquele olhar de afogado que a madrugada entrega aos homens da noite. Parecia triste, parecia bêbedo. Naquela hora as duas coisas se misturam. Tristeza é coisa que está sempre presa ao homem solitário. Não dêsses homens sôzinhos, altos funcionários, de quarto seu, pijama de lista seu, seu ferro de engomar, seu café da manhã feito por suas próprias mãos! Estes nada sentem e passam pela vida e quando dela saem ninguém chora nada. Se não fôsse ter faltado fôstoros a conversa não seria de nós dois. Falou-me da tristeza que o Rio de Janeiro tem agora e com os olhos para cima e um sorriso duro lembrou o outro Rio, do Belas Artes, do Nice, do Assírio, do bife da Leitaria Bol a 2.200. Bons tempos! «E dizer que foi ontem» — continuava, e sem deixar de contar coisas acabou dizendo. Quando fecharam os cassinos o Rio morreu e os boêmios resolveram casar. Não havia mais nada a fazer! Eu também fui na onda e se o sr. quiser me acreditar até bem pouco eu era um sujeito feliz. Eu já vinha de uma série de ressacas amorosas. Nada dava certo. Tudo entrava por um caminho torto e quando não era eu era ela quem largava os cabos. Às vezes sofria eu. Às vezes ouvia dizer que era ela que sofria. E baixinho: «Uma até tomou veneno por minha causa». Mas não morreu não! Graças a Deus! Naquele tempo, do Frota Aguiar, a coisa ia dar um galho dos diabos. Agora não! Eu já nem conheço mais os garçons. Antigamente eu ia entrando era Dr. pra aqui, Dr. pra acolá. Agora ninguém me manja. E os amigos? O sr. sabe o que é beber sôzinho? No meu tempo quando dava oito já a turma estava na Brahma. Tudo de terno branco. Engraçado, hoje ninguém usa terno branco. Anda todo mundo assim, como o sr., de camisa esporte. Naquele tempo quem usava camisa esporte era malandro e nem em cabaré da Lapa se podia entrar sem gravata. Como o tempo muda! Depois... eu já nem sei mais o que é que estava dizendo... Garçon, traz mais um «Cavalo Branco». Eu chamo «Cavalo Branco» porque naquele tempo era como se chamava uísque. Hoje é tudo no inglês e inglês eu não sei, quer dizer, arranho, entendo, mas não gosto de falar.» Outra vez pediu-me o fôstoro e depois de tossir com a bafurada ajuntou: «Estou chateando?» Não — que é isso! A sua conversa é toda boa. Eu também sou daqueles dias, talvez de outro grupo, mas daqueles tempos.

— O sr. não acha que tudo está mudado?

— Sem dúvida... O Rio cresceu como toda cidade. A vida foi ficando difícil e...

— Não! Não é a esse ponto que eu quero me referir. Eu digo é essa coisa de amor, agora, nesta hora atual. O sr. sabe, eu ia dizendo mas depois comecei a ter saudades e misturei tudo. Desculpe perguntar, mas o senhor é casado? Disse que sim. «Pois olhe — prosseguiu — minha senhora é uma santa. Casamos por amor, sem eira nem beira, lutando duro e agora, graças a Deus tudo está num plano de independência. Estava tudo bem. Eu vivia uma vida pacatinha, um tanto burguesa, indo ao cinema do bairro, fazendo feijoada aos domingos, torcendo pelo meu Flamengo. Ciúme não havia lá dentro. Era alegria e onda só a favor. Agora de uns tempos pra cá a minha mulher deu pra acompanhar esse negócio de política e tudo ficou de cabeça pra baixo. Sabe tudo dos partidos, da oposição, do governo, dos casos que têm que ser resolvidos à base de inquérito parlamentar... Sabe de tanta coisa que parece outra coisa e, nunca vi falar tanto na palavra Brasil como aquela criatura. Eu acordo — antigamente ela estava no meu lado — e ela está na sala lendo todos os jornais. Depois corre para os noticiários das estações de manhã à noite. Na mesa ela pergunta como vai o «movimento». Eu não sei nada. Sei que o Flamengo perdeu em Recife e na Europa. Sei que tenho que meter os peitos num batente que não depende daqueles moços que gritam, gritam mas não resolvem. Ela acha que não. Eu acho que sim». Tomou um gole. Pregou os olhos no teto. Não disse mais nada. Houve um silêncio grande. Eu arrisquei: «Mas isso passa». «Não passa não; já passou: o desquite está correndo na 12ª Vara!»



VIEIRINHA, há de morrer agarrado ao pandeiro e ao Machado.



HÉLIO COLONO, até que enfim tomou juízo. Bebe bem.



GIGI, tem Bola Sete agora dentro do seu «Bacará».

ROTEIRINHO

Abriu aquele bar do Plaza que de tanto abrir e fechar já quebrou as fechaduras iniciais. Com novas fechaduras, portanto, abriu o Bar do Plaza, que tem Lúcio Alves como atração. ★ Vale a pena ver as misérias que faz «Bola Sete» lá no «Bacará». Pelo êxito de sua viagem

à Europa o Bola foi homenageado pelo «Arpeclu» que lhe ofereceu um lindo troféu. ★ «Cervantes» ponto da noite. ★ Exposição de Caymmi no térreo do «36». ★ Fafá está acertando em cheio com o seu «Key Bar». Ele sôzinho vale como uma atração. Bebida honesta: «cross my heart».



SANTO ANTÔNIO, essencialmente casamenteiro (embora, pessoalmente, opte pelo celibato, homem de juízo que é) já recebeu, em noites de São João, muito mais consultas do que hoje recebe. Mas a tradição se mantém ainda, mórmente no interior do Brasil. E por essas bandas também...

SÃO JOÃO

JUNHO CANTA LÁ FORA

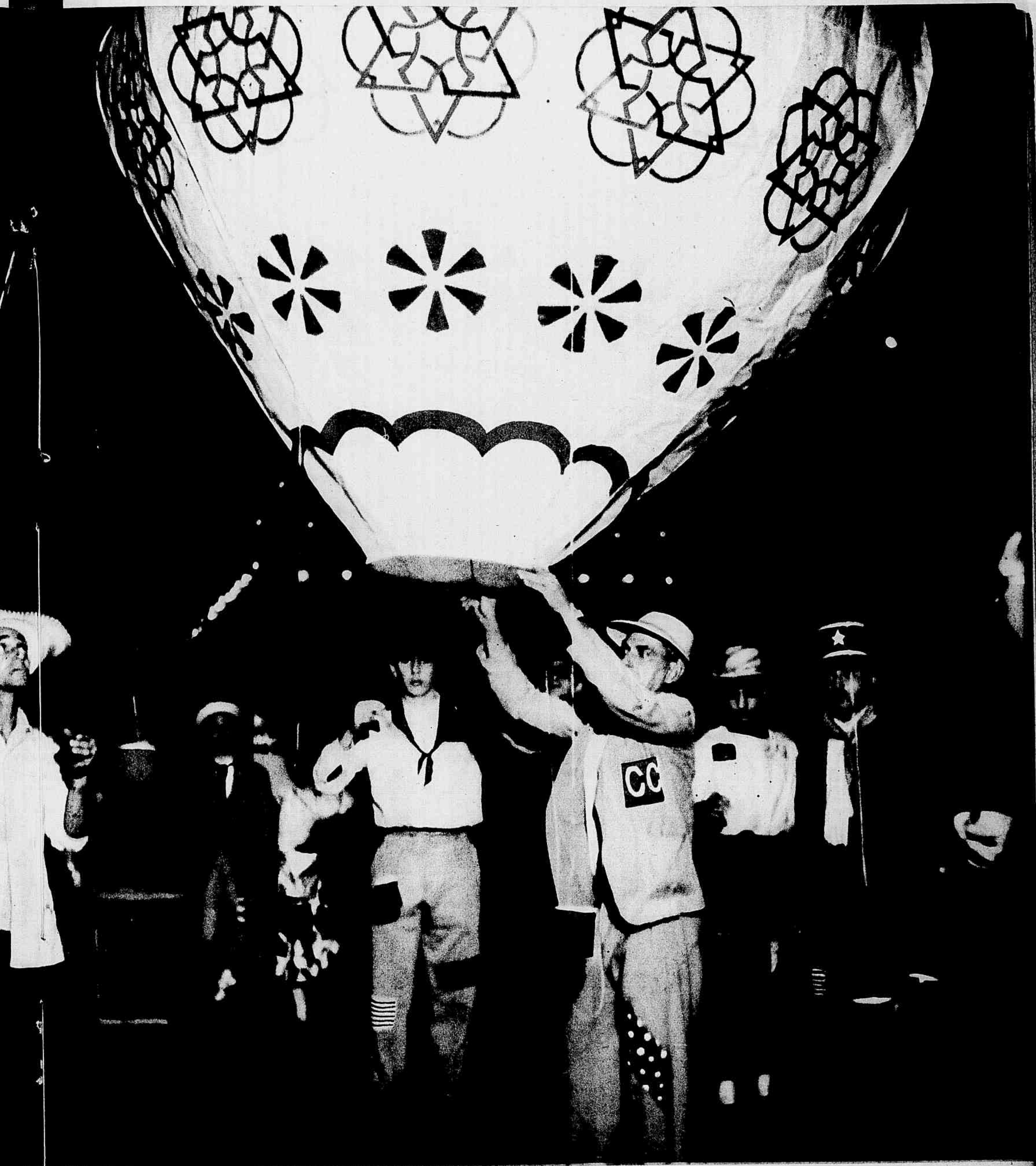
AS FESTAS TRADICIONAIS DESAPARECERAM DAS METRÓPOLES, MAS SÃO ACOLHIDAS DE BRAÇOS ABERTOS NAS VILAS DO INTERIOR — AS FOGUEIRAS E OS BALÕES PROIBI-

DOS, AS BATATAS DOCES PELA HORA DA MORTE — MAS SEMPRE HÁ QUEM CONSULTE, ÀS ESCONDIDAS, O SANTO CASAMENTEIRO... — A ROÇA MONOPOLIZOU O S. JOÃO.

EPOCA de S. João, junho anda por aí com suas noites frias, e o céu só não se enche de balões (como dizia a cantiga) porque a polícia baixou portaria proibindo-os, por perigosos. Perigosos são, porém belos. E indispensáveis, até certo ponto. De fato: como entender São João sem balões? E' mesmo que brincar num Carnaval sem lança-perfumes ou sem serpentinas. Ainda mais: como entender um São João sem fogueiras? Porque também as fogueiras estão, desde muito, minguando, minguando, e ameaçam a qualquer momento apagar-se para sempre. O São João, o verdadeiro São João, já fugiu das cidades. Refugiou-se, é fato, nos mais distantes subúrbios, porém onde impera de verdade é na roça, é no interior desse Brasil contraditório e imenso, no litoral, Europa, mas no âmago ainda profundamente primitivo, de um primitivismo ingênuo e bom. Na roça, o São João se mantém. Não intacto, isso não — que a influência citadina também chega por aquelas bandas, a lombo de burro, de trem ou de fordeco, mas chega. Mas quem quiser hoje em dia pular fogueira, soltar balões sem ser incomodado, comer batata doce, assistir a um casamento na roça, com «sô» Vigário celebrando e o resto da comitiva a postos, ser prêso por alguns minutos, numa cadeia que convida à prisão, etc., só tem dois caminhos a escolher: ou consegue um convite para as festas estandardizadas que várias sociedades elegantes levam a efeito na ocasião, ou arruma a valise e parte para Minas ou São Paulo, Pernambuco ou Rio Grande do Sul. A roça monopolizou o São João. Para a cidade, só mesmo o barulho incômodo dos fogos mais sem graça do mundo: aquelas bombinhas que, para cúmulo da infelicidade, custam barato e vendem-se aos milhares, em qualquer biboca do Rio de Janeiro...



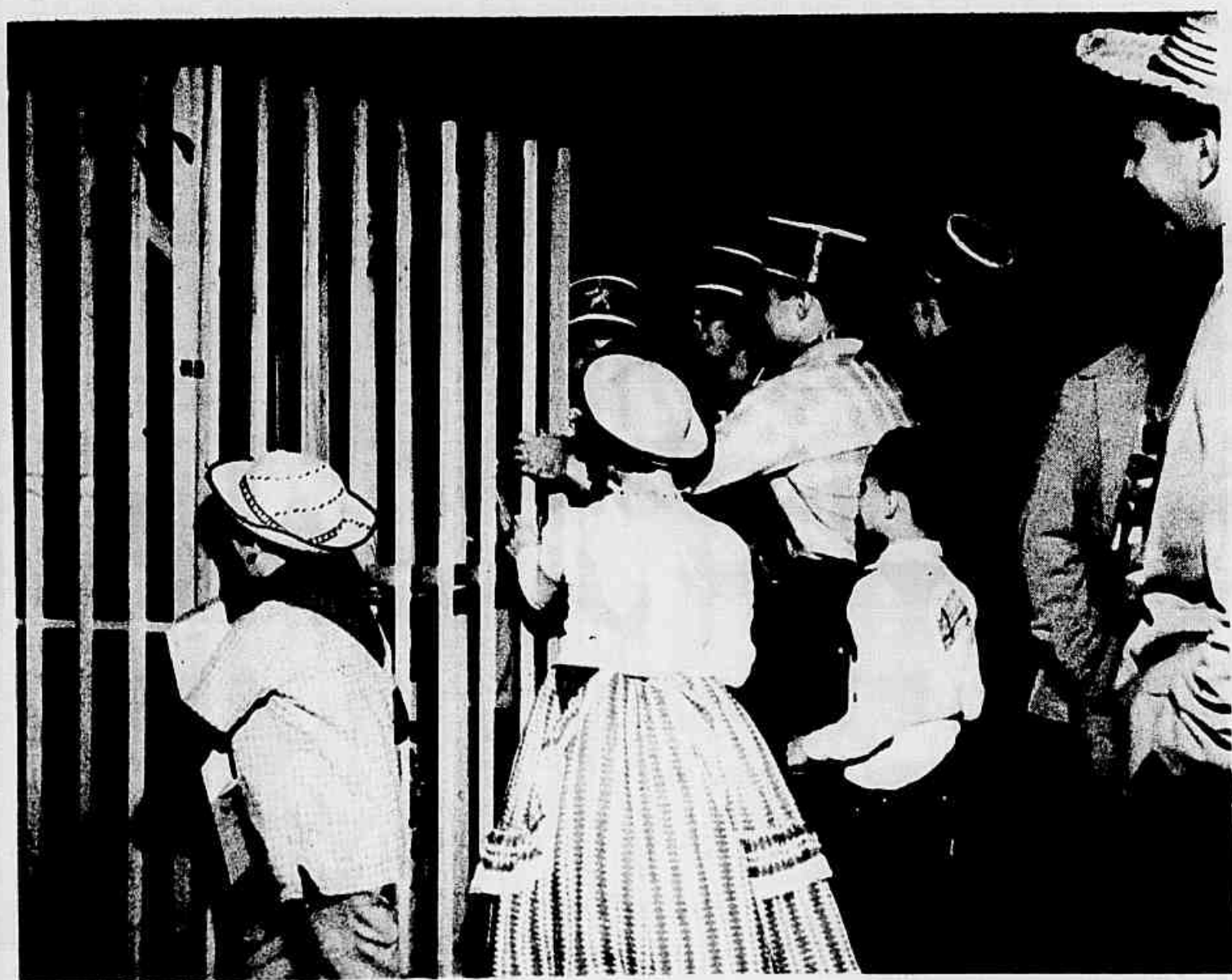
Fogueiras já



as já não ardem, balões são raridades nesse Rio de Janeiro. S. João emigrou para a roça ►



O ARRAIAL, tradicionalmente armado em alguns elegantes clubes cariocas e paulistas, dá apenas uma pálida idéia do que é o carnaval na roça. Não falta a cadeia, tôscamente construída, e cujo atestado liberatório consiste num beijo, no pagamento de uma prenda, de uma multa...



SÃO JOÃO

◆ QUEM HOJE em dia, nas cidades, consultará Santo Antônio, por ocasião das festas juninas, com relação a planos sentimentais? Uma que outra jovem ingênua sempre arriscará sua velinha, por que não? O certo é que estão desaparecendo as tradições do São João, que vão sendo recolhidas a grossos calhamaços de eruditos pesquisadores de folclore. Alguns anos mais, no pé em que as coisas andam, e o São João passará em brancas nuvens. Sem contar as bombinhas incômodas, que não se sabe bem quando, poderão transformar-se, a qualquer instante, em bombas de verdade, mais incômodas ainda...



Esta é Wilma Chandler, uma das belas garôtas-propaganda do Canal 7, TV-Record de São Paulo.

NOTICIÁRIO

A TV-Rio, iniciando uma série de grandes lançamentos, anuncia para o mês de junho algumas das suas novas produções:

Dia 15 — Estréia de um grande «show» de Carlos Machado, o que dá a entender que os tevendo apreciarão a grandes atrações.

— Ainda não tem data fixada a estréia de Sacha e Murilinho. Essas audições prometem grandes novidades no campo do ritmo de «boite».

— Helena Sangirardi, agora contratada da TV-Rio, levará para os espectadores do canal 13 o seu «Cartazes Luminosos», interessante série de entrevistas com elementos de destaque em todos os setores.

— Ainda na primeira quinzena de junho, um novo teatro exhibirá o Canal 13, tendo como figura de destaque do elenco que dêle participará Dayse Lucide e vários outros elementos da Rádio Nacional.

GRAU DEZ:

SPECTATOR

... Para a TV-Rio, que ultimamente tem demonstrado sensíveis melhoras na sua imagem. Depois de passar por um longo período de experiências, essa emissora que agora está realizando contratos de grande vulto com alguns dos elementos mais destacados do nosso rádio e teatro, teve o cuidado de fazer com que técnicos estrangeiros especializados corrigissem os defeitos que apresentava a sua aparelhagem de som e imagem. Essa iniciativa é das mais louváveis, porque demonstra que a diretoria da mais nova emissora de TV carioca compreende e procura agradar ao público, empregando para isso o melhor dos seus esforços.

★

... Para «Arranjando flores», interessante apresentação da TV-Tupi, feita através de aulas de decoração de interiores, principalmente por meio de flores.

★

Infelizmente não podemos identificar a professora que, com muita naturalidade e simpatia, leva às espectadoras alguns úteis e atuais conselhos sobre decoração do lar, procurando indicar o que há de mais moderno e visando à máxima economia.

★

... Para Sivuca, que nas suas «Travessuras musicais» continua alcançando o maior sucesso. É sempre agradável ver e ouvir a esse extraordinário instrumentista.

★

... Para Urbano Lóes que, depois de suas ótimas apresentações mantidas por tanto tempo no rádio, agora aparece também aos telespectadores em «Telegramática», programa dos mais interessantes no gênero dos que concedem prêmios.

Além do entusiasmo natural que desperta aos candidatos e espectadores a disputa pelos brindes, essa iniciativa de Urbano alcança maior sucesso devido à perfeita organização e ao interesse educativo de que se reveste.

★

... Para «Encontro com o Ary», ocasião em que o público tem oportunidade de manter contacto com o consagrado compositor brasileiro, conhecendo um pouco da história das suas mais consagradas melodias.

Ary Barroso agrada pela simplicidade com que conduz a sua palestra, narrando os sucessos e as dificuldades que teve para a composição ou divulgação desta ou daquela melodia.

★

... Para o «Bando da Lua», que onde quer que se exhiba, alcança grande sucesso, seja lembrando grandes êxitos da saudosa Carmen Miranda, seja executando as nossas mais modernas composições.

Uma das últimas exhibições deu-se durante a apresentação da «boite» comandada por Heloisa Helena, aos domingos, na TV-Tupi. O «Bando da Lua» agradou plenamente devido à harmonia do conjunto e ao ritmo bem marcado dos sambas que interpretou.



VALORES NOVOS

◆ Arnaldo Salles, o «Pachequinho» do Canal 13, nasceu aqui no Distrito Federal a 5 de agosto de um ano que já vai longe. Começou sua vida artística na TV-Rio, por intermédio de Péricles do Amaral, como ator na novelinha «Os noivos de Celina». Chegando ao fim o seriado, Arnaldo foi convidado por Péricles para produzir e dirigir uma novela. Pachequinho criou, então, a «Família Boaventura», que hoje é um sucesso na programação da TV-Rio.

Arnaldo atua, também, no «Teatro do Rio» e nos «shows» variados da televisora da Av. Atlântica, além de ser o coordenador de todos os teatros que são apresentados na TV-Rio. Seu grande sonho é dirigir grandes atores em grandes peças.



Trio Harmônico, durante uma das apresentações feitas em conjunto pelas TV-Rio e Record.

VAMOS MELHORAR?

● Os «shows» em que aparece Virginia Lane exibem uma série de atrações, além das interpretações da vedeta. Pena é que o programa não seja mais selecionado, com números de real destaque. Isso, infelizmente, raramente acontece. Em um dos últimos espetáculos, cantou para os telespectadores a dupla «Ouro e prata», bastante fraca, sendo que um dos seus componentes interpretou a maioria dos números com voz de falsete, o que concorreu para prejudicar ainda mais a exibição da dupla.

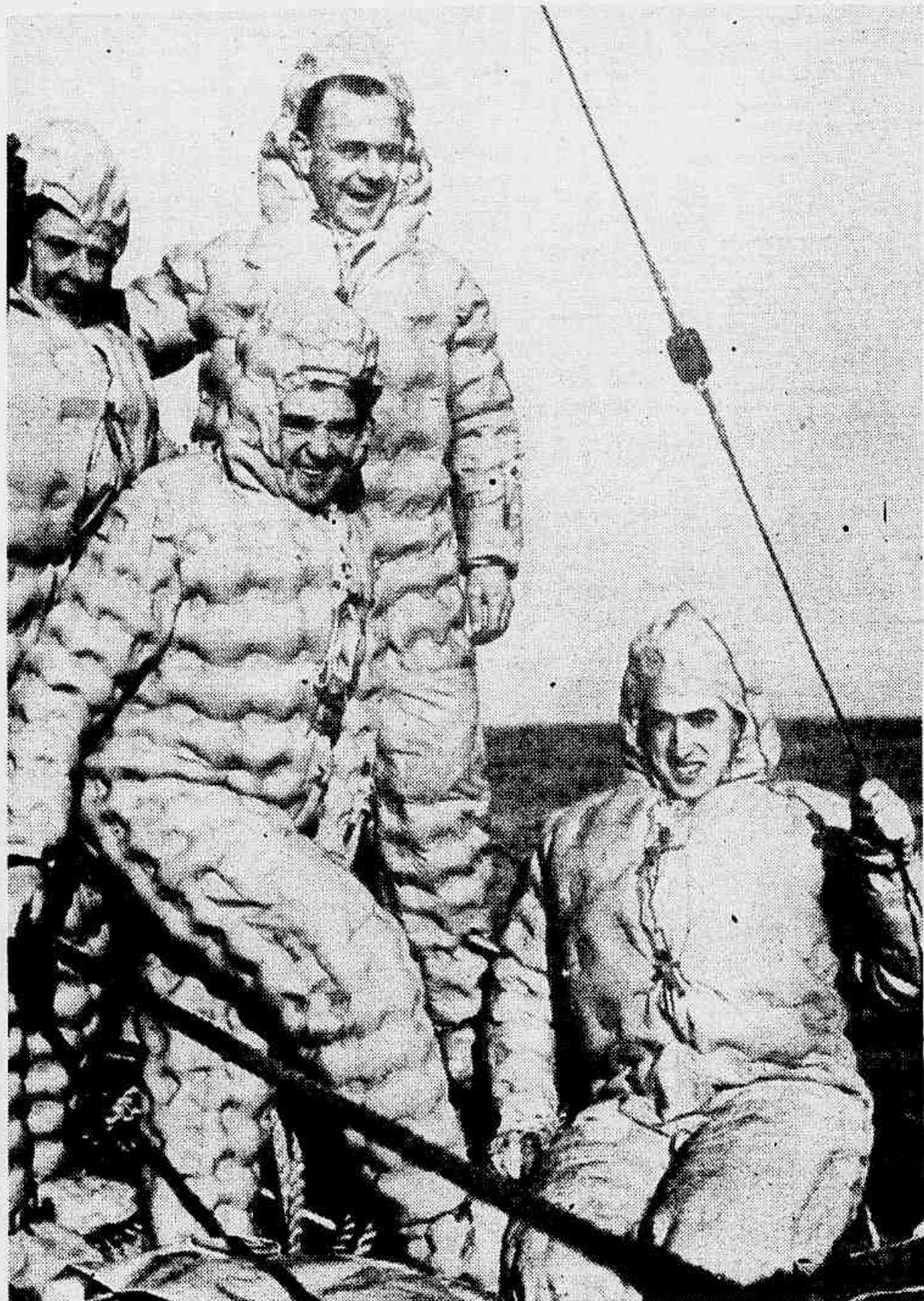
Parece-nos, também, que Grande Otelo, elemento de grande valor, não está sendo devidamente aproveitado durante esses «shows» e repete constantemente as suas caracterizações. Por que não fazer «scripts» especiais pondo em destaque os grandes recursos de que dispõe esse ator?

● A TV-Tupi dedica, atualmente, o tempo de sua programação que durante o campeonato de futebol é reservado às transmissões esportivas, à exibição de filmes de longa metragem. Essa idéia é bastante interessante, porque faz com que os espectadores que permanecem em casa aos domingos à tarde tenham com que se distrair. Infelizmente, porém, nem sempre essas exhibições alcançam o seu objetivo. Na maioria das vezes o público é brindado com filmes arcaicos, apresentados em cópias que mal se distinguem e que ao fim de alguns minutos de projeção são interrompidos devido a algum defeito técnico.

Não haveria maneira das nossas emissoras de TV adquirirem filmes mais novos e de maior interesse?



RITA HAYWORTH chegou a Paris, numa de suas inúmeras andanças pela Europa. Veio velha, cheia de rugas na face outrora bela, tentando escondê-las sob esse disfarce. Ali filmará ao lado de Robert Mitchum.



NAUFRAGAR, para esses homens, munidos de novos trajes especiais, é até uma brincadeira. Pertencem a um centro de salvamento da RAF, e experimentam essa roupa, que combate o frio e não deixa submergir.

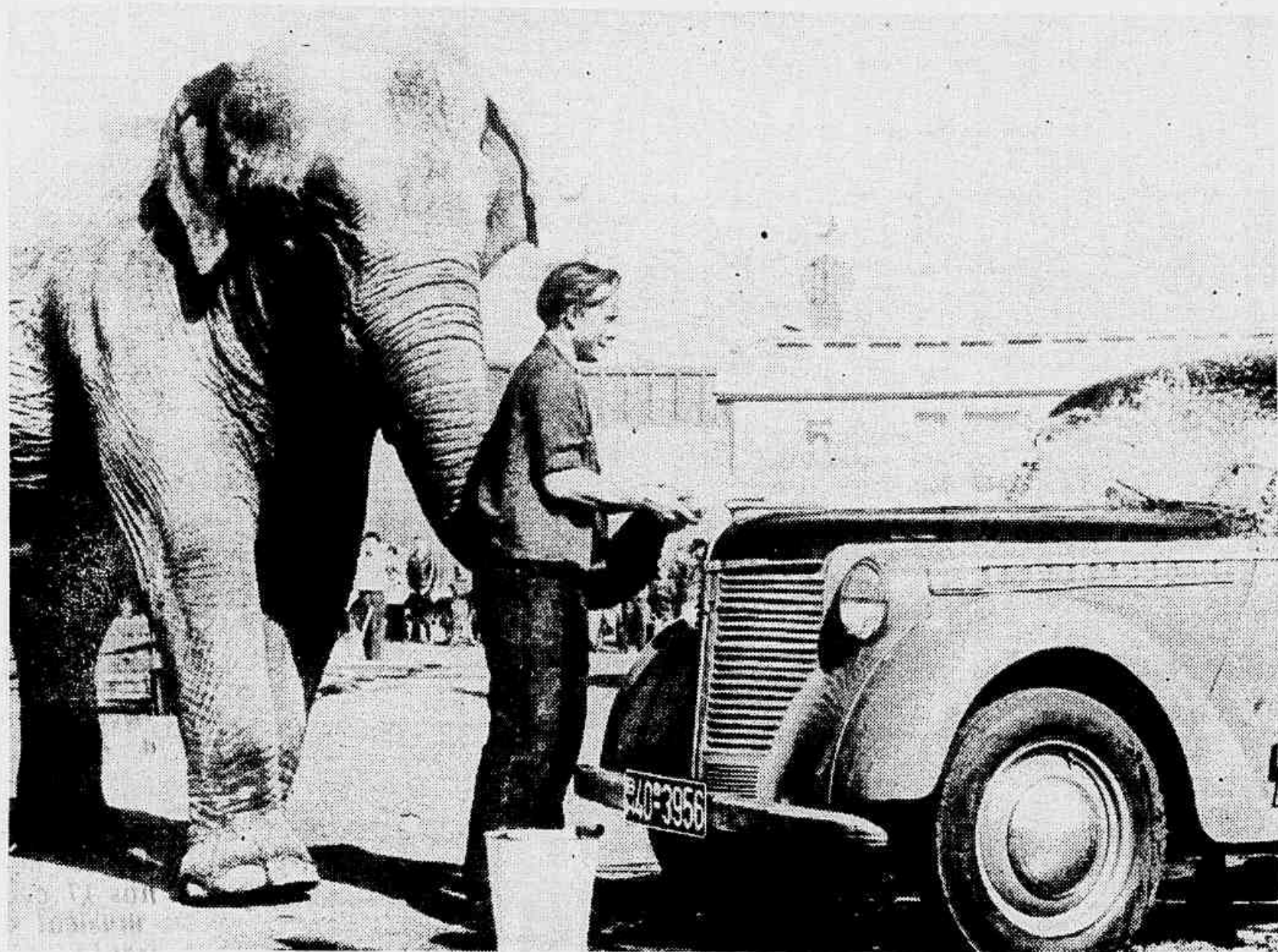
POR ÊSSE MUNDO DE DEUS



O **RAPAZINHO** ao centro chama-se Carlos Augusto, e é o herdeiro do trono da Suécia. O atual soberano é seu avô, e seu pai faleceu em 1947, num desastre aéreo.



PARA ATUAR em seu último filme, em que faz o papel de uma desclassificada, Lori Nelson, atriz mexicana, passou por toda uma metamorfose, desde a fada da esquerda até à bruxa da direita.



SENDRI, ELEFANTE do Circo Roland, de Berlim, aqui aparece com a nova ocupação que lhe deram seus donos: servir de mangueira para lavar automóveis... Durante o espetáculo, trabalha com o cornaca; depois, é explorado na bomba de gasolina. Vida muito ingrata.



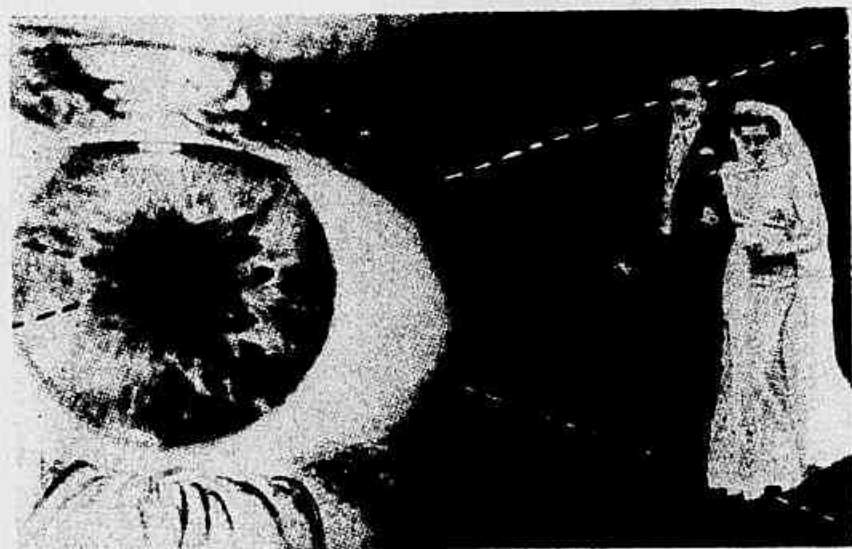
JÁ FOI fartamente noticiado que uma tela pertencente à famosa Tate Gallery, de Londres, foi roubada por um patriota irlandês, que tentava restituí-la à sua pátria, de onde (dizia) tinha sido furtada. Um fotógrafo londrino conseguiu essa foto da fuga dos ladrões.

AS IRMÃS Gabor mudaram de marido, todas ao mesmo tempo. E os fotógrafos, que andam sempre em busca de tais coisinhas, nem acreditaram, e bateram a chapa em que aparecem, a partir da esquerda, Eva, Zsa-Zsa, Mamão Gabor e Magda, com os novos infelizes...



A GRANDE atração do Festival fracassado de Cannes foi a atriz Kim Novak, uma simpática até há pouco praticamente desconhecida. Ei-la, por ocasião de uma estréia, em traje de grande gala. Há quem diga que a menina virá ao Rio de Janeiro muito breve. Será verdade?

NÃO DEIXEM DE LER
no
EU SEI TUDO
DE JUNHO
UM SÁBIO FOTOGRAFA
O PASSADO



EM 2.000 ANOS, O CRISTO
APARECEU 100 VEZES

AS RAZÕES DO DIVÓRCIO
E MUITOS OUTROS ASSUNTOS

★
Cr\$ 10,00 EM TODO BRASIL

★
REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPE,
15 — LAPA — RIO

MÚSICA

BOLIVAR COSTA

NOTÍCIAS

● Realizou-se entre os dias 26 de maio e 2 de junho, no Templo da Igreja Batista do Méier, o 1.º Festival de Música Sacra, promovido pelo Coral Excelsior, comemorando a passagem do seu 7.º ano de existência. A programação constou de sete recitais a cargo da Associação Coral Evangélica, Côro da Igreja Presbiteriana de Inhaúma, Côro da Catedral Presbiteriana do Rio de Janeiro, Côro da Igreja Metodista de Petrópolis, Côro da Igreja Batista da Tijuca e Coral Excelsior. Figuraram no programa obras de Bach, Palestrina, Haendel, Haydn, Mozart, Beethoven, Mendelsson, Brahms, César Franck, Ademar Nóbrega, J. Nunes Vieira e vários outros autores nacionais e estrangeiros. Esse acontecimento revistiu-se de grande solenidade, tendo despertado o mais vivo interesse entre os amantes da música.

Após haver conquistado a segunda colocação no "Concurso Internacional Busoni", a pianista brasileira Maria da Penha apresentou-se, com grande sucesso, a 8 de junho corrente, no "Foyer" do Teatro Municipal. Maria da Penha, que é dotada de acentuadas qualidades artísticas, chegou recentemente da França, onde estudou durante longo tempo com a famosa professora parisiense Marguerite Long.

Enquanto isso, outra pianista patricia — a jovem Marialcina Lopes — faz sucesso em Londres, onde deu um recital no "Wigmore Hall". Interpretou páginas de Bach, Beethoven, Chopin, Ravel, Vila Lóbos e Frutuoso Viana.

De 1939 a 1955, mais de 3.000 candidatos de 53 diferentes países tomaram parte nos 17 concursos de execução musical de Genebra. Até a presente data, 77 primeiros prêmios e 175 segundos prêmios foram distribuídos aos laureados.

A secretaria já recebeu cerca de 1.000 pedidos e mais de 40 inscrições de 11 países para o concurso que será realizado de 22 de setembro a 6 de outubro do corrente ano. O prazo para a inscrição expirará impreterivelmente no dia 14 de julho. Todas as informações devem ser pedidas diretamente ao "Secrétariat du Concours — Conservatoire de Musique". Genebra — Suíça.

Noticia-se que no dia 20 de dezembro do corrente ano, estreará, no Teatro Scala de Milão, um bailado brasileiro com música de Vila Lóbos, libreto de Tiago de Melo e cenários de Di Cavalcanti. A coreografia será de Leonide Massine. Trata-se de uma elogiosa iniciativa da Comissão Artística e Cultural do nosso Teatro Municipal.

Discos

◆ **CONCERTO PARA VIOLINO E ORQUESTRA DE ARAM KHACHATURIAN.** Gravação com a Orquestra da Rádio do Estado da Rússia, regida pelo autor e tendo como solista Leanid Kogan. Este famoso concerto, pomposto em 1940, mas publicado somente em 1944, foi dedicado ao violinista David Oistrakh, que o executou pela primeira vez. Não obstante possuir uma estrutura clássica, esta obra representa uma tentativa de fusão dos estilos oriental e ocidental através do espírito do folclore armênio. A grande atração deste lançamento da Copacabana reside na apresentação do já famoso jovem violinista russo Leonid Kogan, vencedor do «Concurso Internacional de Música Rainha Elisabeth», em Bruxelas, no ano de 1951. Gravação de alta qualidade. Prensagem excelente. Capa com uma sugestiva ilustração em perfeita consonância com a concepção exótica da obra. CLP-12023 (COPACABANA).

◆ **MARJORIE LAWRENCE EM ÓPERA E CANÇÕES.** A voz do famoso soprano norte-americano é uma propriedade exclusiva da RCA, que vem de lançar agora esta preciosa coletânea. A lista das peças contidas neste 12 polegadas equivale a um magnífico recital, compreendendo a Cena Final da ópera «Salomé», de Richard Strauss, e «Canção ao Meu Filho» e «Passeio Crepuscular do Poeta», do mesmo autor. Hugo Wolf encontra-se presente com a célebre «Canção da Weylas». E Hans Pfitzner, com «Voz da Saudade», «Praça da Igreja de São Miguel» e «A Voz da Solidão». Seguem-se mais quatro canções folclóricas americanas, entre elas o conhecido «spirituals» intitulado «My Ain Folk». BBL-12 (RCA VICTOR).

QUE É UM BATISTA?

Por WILLIAM LIPHARD

Redator-Chefe de «Missions Magazine»,
Órgão Oficial Batista.

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

II

ACEITAM os Batistas o nascimento imaculado de Jesus?

Uma grande maioria, sim; pequena parcela, não. De vez que não possuem, os batistas, nenhum credo autoritário que lhes mande fazer, ou deixar de fazer, determinada coisa, e que lhes determine acreditar nisto e deixar de acreditar naquilo, cada membro da comunidade batista tem a mais ampla liberdade para escolher seu próprio ponto de vista a respeito do nascimento de Jesus. Não conheço nenhuma igreja batista que exija a não-aceitação de determinada doutrina como condição para o batismo.

Os batistas não rendem homenagens especiais a Maria, porém consideram-na a mais nobre de todas as mulheres. Nunca aceitaram a doutrina de sua imaculada concepção, ou, a mais recentemente formulada por Pio XII, da Assunção de Maria.

Aceitam acaso os Batistas a Santíssima Trindade?

Sim, como todos os cristãos. A fórmula trinitária «Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo» é usada em todos os batismos.

Quanto ao mistério sublime que é a Trindade, a eterna e infinita essência de Deus manifestada em três pessoas que são uma só, deixam-no os Batistas aos teólogos, para ser por eles traduzido. Aceitam-no, simplesmente: não o examinam.

Qual a posição do batista em relação ao pecado e à salvação?

Um batista acredita na suficiência da individualidade, sob Deus, em matéria de religião. Todos os que acreditam em Cristo como Salvador estão salvos, independente das orações de um sacerdote.

Cada indivíduo deve, porém, cuidar de sua própria salvação, através da fé, das boas obras e de um meio cristão de vida. A confissão de um pecado é uma tarefa unicamente entre o próprio pecador, e Deus. De modo que nenhuma intervenção sacerdotal é necessária para o perdão dos pecados.

Como quase todos os demais protestantes, acham os batistas que o homem peca contra a santidade de Deus, que conscientemente peca contra a ordem estabelecida por Deus, e que por isso, necessita de ser salvo, para poder entrar no reino de Deus. Uma boa definição de pecado é, para os batistas, «a falta de conformidade aos mandamentos de Deus, seja por um ato, uma disposição ou um estado».

O homem não pode salvar-se. Necessita de alguém para tanto. E em Cristo encontra um Redentor que em si próprio encerra a essência humana e a divina. Foi pela Morte na Cruz, que o homem pode ainda hoje ser salvo. Através da fé em Cristo, o homem pode salvar-se.

Acreditam os batistas em céu e inferno?

Não é possível uma resposta que abranja todos os batistas. Muitos deles acreditam numa vida posterior a essa que vivemos. Não acreditam, eles, no total aniquilamento do valor espiritual; também não podem eles imaginar a continuação dos valores espirituais independentemente de personalidades que os expressem.

Quanto às espécies de vida eterna imaginada pelos batistas, podemos apenas dizer que variam muito, desde as mais ingênuas concepções, que a apontam como um lugar definido, como uma cidade com ruas de ouro, etc., até às mais abstratas.

Muitos batistas acham difícil a idéia de um Deus Todo Poderoso e Todo Misericordioso, que todavia pune, com o fogo eterno, os pecadores. Outros, esperançosos na palavra de Cristo, esperam simplesmente o dia de a Ele se juntarem. Não falou Jesus: «Onde estiver, aí estareis comigo»?

Possuem os batistas sacramentos?

Não. O que é geralmente entendido por «sacramento», julgam os batistas tratar-se de simples regras ordinárias, dignificadas, mas sem significado algum especial, do ponto de vista espiritual ou sacramental.

A Comunhão, geralmente, é observada em cada primeiro domingo do mês. É uma recordação do sacrifício de Jesus Cristo, e, em observação à noite que passou antes de ser crucificado, deve ser passada em vigílias e orações.

Assim mesmo, um batista só participa da Comunhão, se assim o desejar; se julgar que, dela participando, está praticando um ato que poderá levá-lo à salvação. Não lhe é de modo algum exigido, pelo oficiante, um estado de graça especial.

Aprovam os batistas o divórcio?

Não, a menos que seja causado por adultério de um dos cônjuges. Não há porém qualquer espécie de regulamento com relação ao divórcio, entre os batistas. Aliás, as convenções anuais batistas já muitas e muitas vezes condenaram o divórcio, tal como praticado nos Estados Unidos. E cada ministro batista deve obedecer seus próprios ditames morais, sempre que tiver a missão de casar pessoas divorciadas, de vez que não há preceitos da Igreja que o mandem agir desta ou daquela maneira.

Que dizem os batistas da limitação de filhos?

Não houve qualquer congresso, nem qualquer igreja batista, que oficialmente aprovasse, ou desaprovasse, a limitação de filhos. E mesmo que as tivesse havido, sua resolução não obrigaria aos batistas, que, repetimos, são livres totalmente de fazerem o que desejarem — sempre, é claro, de acordo com a sua consciência. Muitos batistas se rebelariam contra qualquer determinação naquele sentido, determinação que é por demais íntima e indiscreta.

Como propagam sua fé os batistas?

O ponto de vista estritamente ortodoxo do credo batista afirma que cada batista, cada Cristão que professe o credo batista, é por si mesmo um evangelista. Pelas palavras ou por seus próprios atos, são eles obrigados a proclamar sua fé em Cristo, e a buscar novos fiéis para sua religião.

Através da história, grande foi a atividade missionária dos batistas. Missões estrangeiras foram enviadas e, com êxito, aos mais longínquos países.

Quantos batistas existem no mundo? E nos Estados Unidos?

Devem existir cerca de 20 milhões de batistas em todo o mundo. Uma completa lista de informações não é possível, porque nos faltam os dados relativos aos países por trás da Cortina de Ferro. Nos Estados Unidos, existiam, em 1953, segundo dados oficiais, 17.500.734 batistas, divididos em quatro grandes grupos nacionais, e em 18 corpos menores.

De vez que os batistas não batizam crianças até que elas possam realmente entender o significado desse ato, tais dados não incluem crianças. Cerca de trinta por cento dos protestantes, nos Estados Unidos, são batistas.

Como principiou o movimento batista?

Muitos batistas acham que foi o próprio São João Batista o iniciador da religião batista. Porém não há nenhuma evidência histórica de qualquer grupo organizado de batistas até 1640, quando grupos de cristãos, na Inglaterra, admitiram pela primeira vez que somente aqueles que podiam realmente entender o que é o Batismo, e não crianças, estavam aptos para ser batizados, por imersão.

Todavia, os princípios batistas remontam aos ensinamentos e práticas das igrejas no Novo Testamento, antes de que se unissem e viessem a ser governadas pela Igreja Católica.

O professor Hans von Schubert, de Heidelberg, afirma que «na velha igreja, não era costume batizar crianças; a preparação para o batismo, e o próprio ato do batismo, reservavam-se apenas aos adultos».

Durante as primeiras centúrias, e até ao fim da Idade Média, certos grupos cristãos desejaram manter a pureza e a simplicidade da Igreja primitiva. Um desses grupos era o dos anabatistas, que assim se denominou porque pensavam eles que o homem devia ser rebatizado. Diziam que, quando tinham sido batizados em crianças, ainda não tinham o discernimento indispensável para compreender a magnificência do ato que os fazia renascer para Deus.

Entre os anabatistas estava Baltazar Hubmeier, que morreu em 10 de março de 1528, na fogueira, e sua esposa, que afogaram no Danúbio, um e outro vítimas da sua fidelidade aos seguintes princípios batistas: 1) a supremacia das Escrituras sobre a Igreja, no que se refere a Fé e à doutrina; 2) a liberdade de religião; 3) o batismo somente dos adultos.

Por mais quatro séculos floresceu o culto anabatista, principalmente na Suíça, na Alemanha e na Holanda. Foram os ancestrais dos atuais batistas.

Desde 1640, na Inglaterra, e desde o ano anterior, nos Estados Unidos, quando Roger Williams fundou a primeira igreja batista local, em Providence, R.I., a crença batista cresceu em importância, e o número de seus adeptos continua a aumentar.

A seguir: QUE É UM EPISCOPAL?

CAPANEMA, EX-MINISTRO DA EDUCAÇÃO, ACHA QUE

O ANALFABETO

**QUANTO A «CONSTITUINTE BRANCA», NEM SABE O QUE VENHA A SER
★ MAS RECONHECE A EXISTÊNCIA DE GASTOS EXCESSIVOS E ACUSA O
CONGRESSO E O PODER EXECUTIVO ★ SUGERE A CRIAÇÃO DE UM COLÉGIO
PARA ELEGER O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, COMPOSTO DE JURISTAS, PAR-
LAMENTARES E OFICIAIS-GERAIS ★ IMPRESSÕES SOBRE JÂNIO E BIAS FORTES**

Reportagem de COELHO DE SOUZA

Enquanto policiais e estudantes se desentendiam, enquanto os oradores, na sacada do prédio da U.N.E. à Praia do Flamengo, faziam sua demagogia aproveitando o aumento das passagens dos bondes, enquanto tudo isso acontecia, a uns cem metros de distância, este repórter conseguiu — até que afinal — fazer algumas perguntas ao deputado Gustavo Capanema.

O ex-ministro da Educação é um homem de pouco tempo e muita sociedade.

Depois da Exposição nos jardins do sr. Niemeyer, depois de reuniões e almoços políticos e jantares de «black-tie» e ainda depois de um entêrro, o deputado nos pertenceu por pouco mais de 3 horas.

Numa das 3 bibliotecas do apartamento alugado, em que reside este mineiro de Pitangui, na rua Almirante Tamandaré, enquanto esperávamos S. Ex.^a, fomos ver suas preferências literárias: as duas estantes continham obras constitucionais dos mais variados autores, e de todo o mundo. «A mais interessante, — disse-nos mais tarde o deputado — é esta de Ewart Lewis». Anotamos o nome: «Medieval Political Ideas».

Na parede, a um canto, um «crayon» de Ismailovitch, do quase jovem ministro da Educação, pois o quadro está datado de 1939. Em baixo, despretenciosamente colocada, de lado, uma miniatura de Vênus de Milo.

Quando ainda buscávamos mais preferências do deputado, entra S. Ex.^a e, depois de dizer que, mais duas bibliotecas ainda existiam, — aponta uma especializada em Direito Penal. E fala-nos de outra com variedades literárias.

Sentamo-nos. Capanema diz que prefere dar respostas curtas. Concorramos e indagamos «se a Oposição tem sido construtiva, no governo do sr. Kubitschek». «Não sei bem em que consiste oposição construtiva — respondeu. Por que construtiva? Por ajudar o governo a governar? Mas nesse caso, já não seria oposição. Oposição deve ser oposição, e nada mais. A sua pergunta talvez devesse ser esta: A Oposição no Congresso, tem sido oposição?»

«Não posso proferir um julgamento esclarecido, pois distanciado frequentemente do plenário legislativo, não tenho tido oportunidade de apreciar os esforços oposicionistas. No governo passado, a Oposição, foi realmente oposição. Vigorosa. Isto significa que possibilidade há, nas presentes circunstâncias, de uma oposição autêntica, pois os oposicionistas, são de um modo geral, os mesmos.»

Lembramo-nos de perguntar se seria possível termos atualmente um governo da união nacional. Capanema não sabe e diz:

«— O que posso informar é que um esforço nesse sentido poderia dar resultados providenciais, nas condições presentes do país, que estão a exigir, além de uma profunda reforma constitucional, medidas legislativas salvadoras, trabalhos esses, que dificilmente se realizariam num ambiente de luta parlamentar renhida.»

As declarações do senador Cunha Melo, responsabilizando o Congresso pelo atual «déficit» orçamentário, serviram-nos para uma nova consulta que teve como resposta, outra acusação:

«— As responsabilidades pelo «déficit» permanente em que vamos vivendo, cabe tanto do Congresso, que tem decretado orçamentos desequilibrados e aberto créditos suplementares e especiais a êsmo, sem a existência dos necessários recursos, como também ao poder executivo,

que tem realizado despesas acima das possibilidades financeiras da União.»

Objetivamos então: — Mas, deputado, faz-se necessário cobrir este «déficit». De que maneira?

«— Para cobrir o «déficit», é forçoso empregar dois remédios: o primeiro, e mais aconselhável, é a redução das despesas ao estrito limite das rendas federais; o outro seria o aumento de impostos, providência que nesse momento encontra grandes e fortes resistências populares.»

— E sobre o «superavit» de partidos políticos? Deve ser combatido? É benéfico ou maléfico?

«Sem titubear e com firmeza, Capanema diz:

«— É sem dúvida maléfico. O sistema de dois partidos, que vigora praticamente nos EE. UU., é o mais conveniente.

«Não seria mau o sistema triangular mas a medida que o número de partidos importantes e ponderáveis cresce, vão crescendo as dificuldades do funcionamento útil das instituições representativas.»

Perguntamos se a política dos governadores era mais interessante que a dos partidos.

O deputado levanta-se, dá uma volta pela sala, vai a uma estante, olha-nos, e com serenidade e amor partidário, julga obsoleta a idéia da exclusiva política dos governadores:

«— Depois de criados os partidos nacionais, tão fortemente estruturados, não vejo possibilidade de instaurar-se a política dos governadores. O presidente da República terá que fazer a política dos partidos que dominam as duas casas do Congresso.

«Para isso, é evidente que uma política de cooperação dos governadores seria um remédio auxiliar excelente.»

Para uma nova pergunta, tivemos a seguinte resposta:

«— O primeiro dever de um deputado ou senador é proceder consoante aos princípios e determinações de seu partido. Se um senador ou deputado tem motivos essenciais de divergência com seu partido, deverá adotar o simples caminho de abandoná-lo.»

Quando perguntamos se o Brasil estaria apto para adotar o regime parlamentarista, depois de considerar como perfeitos os dois regimes, declara:

«— ... desde que se organizem e funcionem em termos adequados. A nós, que fundamos a República, há mais de meio século, com o sistema presidencial, o que nos cumpre não é tentar a mudança, mas o aperfeiçoamento desse sistema. O presidencialismo, que aí está, contém defeitos essenciais que precisam ser corrigidos. Não tenho dúvida em dizer que seria preferível um sistema parlamentar bem estruturado, ao sistema presidencial que aí está. Antes de buscarmos o parlamentarismo, temos que estruturar o nosso presidencialismo.»

Sendo a estruturação integrante da reforma constitucional, o deputado Gustavo Capanema aponta esta reforma como «indispensável e urgente». Dentre as emendas a serem apresentadas, diz que uma delas deve ser o que «diz respeito ao processo de eleger o primeiro magistrado, ponto esse mal solucionado pela vigente constituição».

Falamos em maioria absoluta e o deputado nos disse:

«— Foi nesse sentido que se orientou a Comissão Especial de Juristas, designada pelo ministro da Justiça.

DEVE VOTAR!





● Antes de haver-nos concedido esta entrevista, tinha a redação da *REVISTA DA SEMANA* fornecido por outro repórter, ao deputado Gustavo Capanema, um questionário cujas perguntas foram por ele consideradas como "capciosas". Voltamos a consultá-lo sobre esse questionário que S. Excia. agora julgou "inconveniente", alegando tê-lo perdido. E quando lembrado sobre a citação do seu nome no livro "O General Góes Depõe", limitou-se a responder que "não vale a pena falar sobre coisas passadas".

Aqui está o questionário com as perguntas "inconvenientes", não respondidas:

- 1—Por quanto tempo esteve liderando o governo na Câmara?
- 2—Como decorreu o desempenho de sua tarefa no Governo Dutra e Governo Getúlio?
- 3—Havia alguma semelhança entre esses dois homens públicos?
- 4—Quais as suas características mais diversas?
- 5—Qual o traço marcante de um e de outro?
- 6—Quais as causas determinantes do seu afastamento da liderança?
- 7—Como se sente fora dela?
- 8—Se acaso fôsse obrigado a voltar ao posto, como receberia o encargo?
- 9—Qual foi o momento mais difícil de sua vida como líder na Câmara?
- 10—Qual a sua maior vitória?
- 11—E a maior derrota?
- 12—Agora, que está, apenas, com os deveres de deputado, que faz V. Exa., além do trabalho parlamentar de rotina?
- 13—Como vê a função do Ministério da Justiça no atual momento, e, de resto, nos últimos dez anos no Brasil?
- 14—Como vê a conduta adotada pelo sr. Café Filho, não tendo líder do governo no Legislativo e sim entendendo-se com os líderes dos partidos?
- 15—Que acha do conceito segundo o qual as expressões «MAIORIA» e «MINORIA» são sedições, fora de moda?
- 16—Acha que a praxe de se manter no Legislativo a maioria governamental obrigatoriamente solidária com o executivo, tem deformado o princípio da independência dos poderes?
- 17—Acha que, de um modo geral, o Presidente Juscelino Kubitschek está orientando bem a sua ação governamental?
- 18—Acha viável no Brasil um governo que, abroquelado no programa do partido que o elegeu, conserve absoluta liberdade de escolha dos homens para os cargos?
- 19—Acha possível a continuação do estado de coisas atual, em que o P.S.D. e o P.T.B. marcham no mesmo sentido de apoio ao governo?
- 20—No momento atual, qual dos dois está preponderando em face do Poder Executivo?
- 21—Que acha, e como define, o atual momento nacional?
- 22—Reconhece um estado de crise no ambiente brasileiro? Política ou financeira?
- 23—Que medidas sugeriria para demover esse estado de crise?
- 24—Conhece o plano da Reforma Constitucional e acredita na sua realização?
- 25—Como vão o governador Bias Fortes e o seu governo?
- 26—Da conduta de Bias poderá resultar algum efeito sobre o panorama nacional?
- 27—Como vê a figura do sr. Jânio Quadros na vida política nacional?
- 28—Terá efeito político no ambiente nacional a condenação do sr. Ademar de Barros e o conseqüente pedido de extradição?
- 29—Acha que o seu Plano Nacional de Educação está sendo seguido?
- 30—Passado todo esse tempo, teria V. Exa. o mesmo plano ou já teria modificação a introduzir?
- 31—Há na sua vida política alguém a quem v. excia. deve, especialmente, o maior impulso de sua carreira política?

● A PROPÓSITO da sucessão do senhor Olegário Maciel no Governo de Minas, em que eram candidatos os senhores Virgílio de Melo Franco e Gustavo Capanema, há no livro "O General Góes depõe" a seguinte referência: "O senhor Gustavo Capanema, que se hospedava no Hotel Glória, havia mandado chamar-me, preso de forte crise nervosa, com a notícia da nomea-

ção do seu concorrente. Atendi-o e me disse ele, então, que o senhor Getúlio Vargas havia aniquilado o seu futuro...

— Veja só o senhor o que pode acontecer no Brasil: o futuro de um homem depender de um cargo público... — disse eu, pensando na vocação do brasileiro para os empregos fáceis". Sobre isto, o senhor Capanema também não se manifestou.

«De minha parte, pretiria uma solução diferente: A eleição pelo Congresso ou por Colégio Eleitoral adequadamente constituído.»

Neste ponto fizemos uma pausa às nossas perguntas. O deputado falou-nos sobre o pleito norte-americano, a eleição dos eleitores, exatamente: eleição de eleitores, para eleger o presidente da República.

Já estava escuro e enquanto acendia a luz, dizia que deveríamos formar um Colégio Eleitoral talvez com quinhentos ou seiscentos membros, composto por todos os do Congresso, por ministros do Supremo Tribunal Federal e Oficiais-Generais das três armas os quais se reuniriam por quinquênios e elegeriam o presidente da República, por maioria absoluta.

«— Outras emendas que deverão ser propostas, dizem respeito a um melhor funcionamento do poder legislativo e do poder judiciário.»

— Entre estas emendas, incluiria V. Ex.^a a delegação de poderes?

«— Sem dúvida. A delegação de poderes, ou para dizer a coisa em termos mais precisos, a delegação da função legislativa do Congresso ao presidente da República, é medida indispensável ao bom funcionamento do regime. A Comissão Especial de Juristas, já referida, apresentou valiosas sugestões sobre esta matéria.»

— O analfabeto deve votar, sr. deputado?

«— Sou favorável a esta solução. Noto, porém, que contra ela se voltam ponderáveis correntes da opinião nacional.»

— Que nos diz sobre a «Constituinte Branca», da qual V. Ex.^a, seria um articulador?

«— Nem sei o que é «Constituinte Branca». Provavelmente o que pensou o jornalista, ao atribuir-me esse pensamento, foi a idéia de uma Constituinte sem sangue, isto é, sem golpe ou revolução. Essa espécie de Constituinte, não poderia indicá-la, sugeri-la ou pleiteá-la, porque seria de todo impraticável. A nossa Constituição exclui radicalmente o funcionamento de um corpo constituinte. Esta só poderia surgir após uma revolução vitoriosa.»

Sobre Jânio Quadros e Bias Fortes, o deputado Capanema elogiou a ambos como zelosos pela causa pública.

O sr. Jânio Quadros inspira confiança pela sua eterna preocupação em servir a boa causa. É um homem incomum. Guardei, de sua figura, uma impressão inesquecível. Com um traço personalístico de alta categoria que o torna um exemplo digno de meditação.

Bias Fortes foi equiparado pelo sr. Capanema às grandes figuras que Minas já deu ao Brasil, «entre as quais, é preciso lembrar o nome de seu pai, Crispim Jacques Bias Fortes, guardado com amor e respeito pelo povo de Minas Gerais.»



— O «superavit» de partidos políticos é sem dúvida maléfico...



RIO DE JANEIRO

HORÁRIOS

(ida e volta)

0,40 - 1,10 - 5,40
6,40 - 7,40 - 8,40
9,40 - 10,40 - 11,40
12,40 - 13,40 - 14,40
15,10 - 16,10 - 18,40
21,40 - 22,40 - 23,10
23,40

2 paradas para lanches
e refeições.

38
VIAGENS
POR DIA
cada
meia hora

AGÊNCIAS DE EMBARQUE:

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone 36-9456 (guichê do Rio)

RIO DE JANEIRO

Estação Rodoviária (Praça Mauá) - Fone 23-3912



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO
BRASILEIRO

VIAÇÃO Ltda.

AZASO - EB-1

Domingo, 17 de junho de 1906

O PENTEADO DA BARONEZA DE OBERKICH

♦ No fim do século XVIII, os penteados eram tão altos que exigiam chapeos gigantescos, dando assim grande trabalho para collocal-os.

A proposito d'estes penteados extravagantes, a baroneza de Oberkich conta em suas «Memorias» esta interessante anedocta: Teve, chegando a Paris, de soffrer um verdadeiro supplicio para se collocar na moda. Um cabelleireiro notavel dissimulou nos seus cabellos, um grande numero de pequenos vidros chatos, cheios d'agua, onde introduziu flores naturaes. A opperação começou ás seis horas da manhã e continuou todo o dia: a cabeça ficou d'esta forma sobrecarregada de um bosque de flores, e não podendo a pobre baroneza se sentar na carruagem, teve que se resignar, para não destruir a harmonia do conjuncto, fazendo de joelhos o trajecto de Paris a Versailles.

Por mais volumosos que sejam os actuaes chapeos, não attingirão, esperamos, a altura dos edificios do celebre Leonardo, o cabelleireiro de Maria Antonieta.

Mas é preciso notar-se que, sem supportar o supplicio da baroneza de Oberkich temos visto muitas de nossas elegantes serem obrigadas a curvarem a cabeça quando entram em uma carruagem para não causar damno ás plumas do chapeo.

Existe, na verdade, alguma razão em se conservar a moda dos grandes chapeos, porque com as «toilettes» Imperio ou Princeza, elles são indispensaveis para formar um bom conjuncto.

As novas «toilettes», em fazendas, cada vez mais vaporosas um pouco vagas no talhe, com uma prega partindo do centro, nas costas, dão ás mulheres delgadas um porte cheio de encantos.

Outrora, a moda se contentava em ser sómente bela, agora tornou-se uma arte, tudo é estudado, e o tecimento é uma verdadeira sciencia com a qual crearam, actualmente, fazendas que se prestam as variadissimas phantasias dos grandes mestres de costura. E quem sabe, se não teremos em breve de assistir ao reaparecimento dos vestidos de fina «mousseline», verdadeiros trabalhos de fadas!

Os ultimos formatos dos chapeos, cobertos de «taffetas coulissé» são

completamente nublados de tule e floridos de rosas. Voltou o pequeno «plateau» inteiramente composto de viezes de «taffetas» e de tule; toques com flores, ouros em «mousseline» de seda franzida guarnecidos de esgalhos de rosas variadas, com longas e rijas «aigrettes» deitadas sobre o fundo; «loquets» cuja copa, feita com pequenas rosas sem folhagem, muito unidas, e envolvidas por nuvens de tule, que vão até em baixo do chignon.

MUITO EM MODA

E' muito usado, hoje, reunir-se sobre o mesmo chapeo cores disparatadas, que causam verdadeira surpresa a sua união, formando opposições violentas: reunem, por exemplo, os tons «violine» e groselha, enxofre e azul, o vermelho e o pardo, e em uma nota mais attenuada e mais harmoniosa, o louro e o azul, o azul e o malva.

A MORAL DE «TRES POR TRES»

Ha tres poucos e tres muitos funestos ao homem: pouco saber, pouco ter e pouco valer — muito fallar, muito gastar e muito presumir. Tres muitos são compensados por outros tres muitos: muito estudo dá muito saber, muita rectidão dá muita paz; muita reflexão, muita sabedoria.

Tres bons medicos existem no mundo: o dr. Dieta, o dr. Alegria e o dr. Trabalho.

De tres qualidades carece o homem para viver feliz: paciencia para supportar os males; crença para evitar os vicios; socego de coração para conciliar os homens.

Para viver em paz praticam-se tres verbos: ouvir, ver e calar.

Quem vende a credito: encontra freguezes, perde amigos e dá o seu dinheiro.

A tres pessoas não se devem occultar a verdade: ao advogado da nossa causa, ao medico que nos trata e ao confessor da nossa consciencia.

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

Estamos na epocha dos «records». Tudo anda apressado. A rapidez é a nota dominante da hora. Hontem andavamos. Hoje corremos. Amanhã (quem sabe?) voaremos.

Nós acompanhamos a procissão neste «struggle for life». Não temos tempo a perder. O tempo é ouco, pequeno o espaço. O assumpto é abundante, mas é preciso estar na epocha. Escrevamos sobre o joelho.

A semana passou com muito theatro, e poucos espectadores. Muito crime e pouca policia. Nos theatros temos companhias de todas as clas-

ses. Umas são boas, outras más, outras antes pelo contrario. Ha uma nota desagradavel. As melhores têm sido as menos frequentadas. A talentosa Tina tem representado para casas fraquissimas. Outras menos artisticas obteem enchenches regulares.

Mau ou bem o povo diverte-se e fal-o a seu gosto.

O crime é um horror! Começou nos suburbios. Estendeu-se até S. Paulo. Começou por inglezes aqui. Na capital paulista victimou um nacional e assustou um francez. A policia investiga. Nós

commentamos. E fica por isso mesmo. Não temos a pretensão de ter descoberto a polvora. Tão pouco temos aspirações de reformar o mundo.

Os casamentos. Estão na epocha. Ao mez de maio segue-se o de festa. As listas dos banhos são interminaveis. Não é novidade. E' um facto. Ha muitos annos que o numero não é tão grande. Congratulemo-nos. E' um symptoma salutar. Dá idéia de progresso na moral social «Le monde marche».

PROIBIDO QUEIMAR FOGOS

«Muito festejado, por aqui, o Santo Antonio, apesar da prohibição municipal de se não poder queimar fogos ao ar livre, como se para haver incendios fossem precisos busca-pés ou gases de ballões; como se para haver desastres pessoas fossem elles necessários.

♦ O «ONZE DE JUNHO»

«Commemorando a batalha naval de Riachuelo, num dos feitos brilhantes da marinha nacional, na guerra do Paraguay, realizou-se no dia 11 do corrente, a annunciada revista da esquadra nas aguas da bahia de Guanabara. A esquadra que tomou parte na revista compunha-se de onze unidades formando as seguintes divisões:

Primeira divisão: sob o commando do capitão de mar e guerra Andrade Leite — Couraçado «Riachuelo», cruzadores «Barroso» e «Tamandaré» e navio escola «Primeiro de Março».

Segunda divisão: sob o commando do contra-almirante Pinheiro Guedes — Couraçados «Dedoro», capitanea e «Floriano», e cruzadores-torpedeiros «Tamoyo» e «Tupy».

Terceira divisão: sob o commando do capitão de mar e guerra Raymundo Furtado de Mendonça — Torpedeiros «Bento Gonçalves», «Pedro Ivo» e «Pedro Affonso».

Os navios conservaram-se promptos para a ordem de marcha: que foi dada depois que o hiato «Silva Jardim» largou do Arsenal de Marinha, conduzindo o sr. presidente da Republica e o mundo official. A demonstração naval deixou, em todos, as mais agradaveis impressões fazendo as suas evoluções com a maior correção possivel. A «Revista da Semana» reproduzirá, em seu próximo numero, algumas photographias apanhadas durante a revista.

REVISTA DA SEMANA

Edição semanal illustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno VII — N. 268

DOMINGO, 17 DE JUNHO

Número — 268

SCENAS DA VIDA — NO DIA DO «TUC-NU»



SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 23 E 29 DE JUNHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo do:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O novo período vai ser propício às suas atividades profissionais e sentimentais. Poderá haver bons negócios e bons amores. As questões financeiras estarão poderosamente protegidas.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — O rendimento do seu trabalho será maior no curso da semana, principalmente nos quatro últimos dias. O planeta que lhe governa o destino receberá sucessivos aspectos harmoniosos dos luminas.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Os negócios a crédito estarão mal postos na vigência da semana entrante. Do mesmo modo, não serão aconselhados negócios imobiliários. Haverá uma forte oposição entre Saturno e Mercúrio.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Sua posição diante do influxo dos astros não será boa, durante a semana em pauta. Não se aventure em negócios de vulto nem tente modificações. Deixe passar a onda desfavorável. Logo depois virá um período de bonança.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — Todo o seu esforço será anulado em face das resistências passivas que lhe serão oferecidas em todos os setores de suas atividades. Fique, pois, na superfície das questões. Se for-las a fundo terá decepções.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A semana entrante favorecerá extraordinariamente sua vida social. O leitor poderá até, conseguir representações de muita valia e

de grande significação, tudo dependendo do seu preparo e da sua posição atual.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — O ambiente da semana será o mais equilibrado, no caso do leitor. Poderá aproveitá-lo para pôr os negócios em dia e em melhor ordem. Dessas duas medidas resultará, certamente, um regular aumento de produção.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — Suas relações com os parentes, com os amigos e pessoas mais íntimas estarão ameaçadas de um colapso, no decorrer da semana. Evite como puder, o contacto mais demorado com tais pessoas, fugindo, assim, da ameaça.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Os excessos de toda sorte poderão prejudicar a saúde, notadamente nos dois últimos dias da semana. Seu «hyleg» receberá um forte aspecto inarmônico do Sol.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — A semana predisporá o leitor a erros e enganos altamente prejudiciais. Limite as apreciações e não dê com facilidade, seu ponto de vista. Omita-se.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — O momento não será bom para as experimentações psíquicas. Não vá a sessões de espiritismo, especialmente as de terreiro nem tome parte em cerimônias de magia.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Os negócios em andamento serão facilitados durante a semana, podendo chegar, assim, à liquidação desejada. O novo período beneficiará as questões financeiras e econômicas. Haverá saldo.

OS NOMES DA SEMANA

Junho, 23	—	Sérgio	—	Auta.
" 24	—	Ermiro	—	Madalena.
" 25	—	Donaldo	—	Rilda.
" 26	—	Ozorio	—	Jovita.
" 27	—	Jerônimo	—	Romalia.
" 28	—	Germano	—	Belmira.
" 29	—	Sálvio	—	Margarida.

EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Junho, 23	1° 58' 14"	(Signo do Câncer)
" 24	2° 55' 27"	" " "
" 25	3° 52' 29"	" " "
" 26	4° 49' 51"	" " "
" 27	5° 47' 3"	" " "
" 28	6° 44' 14"	" " "
" 29	7° 41' 26"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)
SÃO PAULO — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



LEIAM

ESPORTE ILUSTRADO

★
TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS
PREÇO CR\$ 5,00

CALÇADO



Máximo conforto
garantia absoluta

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsa Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88,00

EU SEI TUDO

Cr\$ 10,00 em todo o Brasil

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMOVEIS ★
RADIOS-NOVIDADES
IMPORTADORES



ELETRICIDADE
FREIOS HIDRÁULICOS
LIMPADORES PARABRISAS

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144
- ATENDEMOS ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
- A MILIONÁRIA DO CASTELO -



A GRANDE rival de Grace Kelly, em Mônaco, é a irmã do príncipe, Antoinette, mãe de Christian, a quem deseja ver no trono.

Além de um marido...

GRACE KELLY ENCONTROU EM MÔNACO UMA INIMIGA FIGADAL

Por HALF

A IRMÃ DO PRÍNCIPE RAINIER — PRINCESA ANTOINETTE — NÃO ABRIU MÃO DOS SEUS DIREITOS DE PRIMEIRA DAMA DO PRINCIPADO ★ E TEM UM FILHO DE OITO ANOS PARA FAZER-SE HERDEIRO DO TRONO, SE A CEGONHA NÃO VISITAR A EX-ESTRÊLA

EM Mônaco, nesse Estado pigmeu ensolarado, junto as águas ultramarinas do Mediterrâneo, ninguém duvida de que a princesa Grace Kelly terá que contar com uma inimiga encarniçada. E isso acontece desde quando, no dia 12 de abril, ela pisou o convés do iate real. Essa inimiga era até o casamento a Primeira Dama de Mônaco. Todos dizem ser uma das mulheres mais ladinas e, sem dúvida, das mais aventureiras do mundo. Trata-se da irmã do príncipe Rainier III.

Que espécie de personalidade dominadora representa a princesa Antoinette Louise Alberta Suzonne Grimaldi, revela-se de modo evidente, dos seguintes fatos:

1) Conservou sua posição de mulher mais conceituada do Principado, muito embora descesse à luz três filhos naturais.

2) É a mulher mais simpatizada do Principa-

do, o que Grace Kelly já deve nesta altura ter observado, embora se tivesse casado com um homem desquitado e mais velho quinze anos do que ela e não obstante viver, hoje, um romance prolongado com outro homem que tem compromissos.

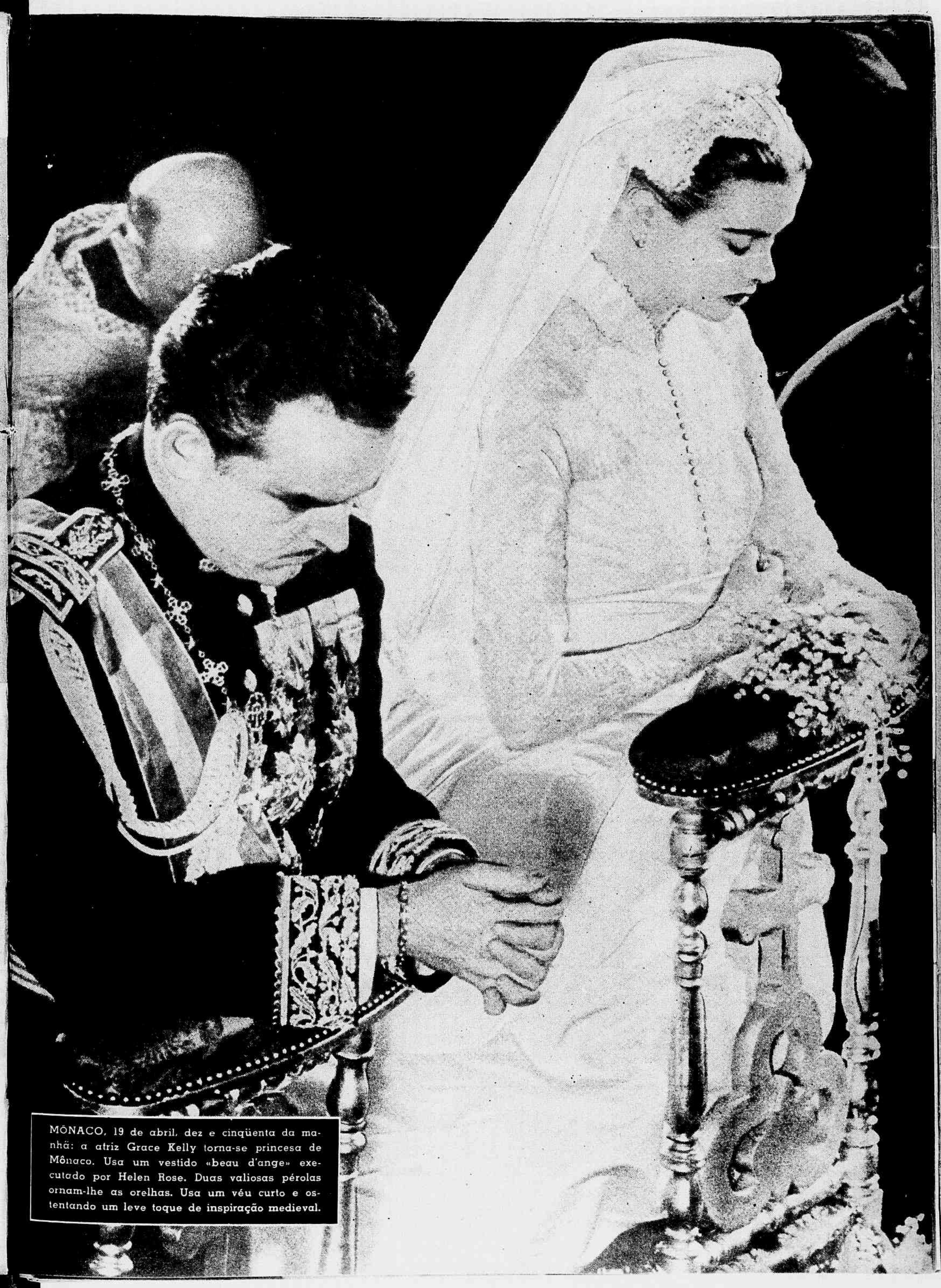
3) Ocupa várias funções honoríficas, a despeito de ter contraído um matrimônio secreto, e por se ter divorciado, malgrado pertencer à religião católica-romana.

Antoinette conhece inúmeros dos vinte e três mil súditos do seu irmão, pelo nome próprio; é árbitro da moda em Mônaco; é presidente da Cruz Vermelha e «patronesse» das instituições protetoras de menores; ministros, presidentes de bancos e diretores de Cassino pedem-lhe conselhos; homens e mulheres simples, quase diariamente vão procurá-la para, com ela, examinarem problemas pessoais. Mesmo sendo de do-

mínio público tratar-se de uma criatura dada a intrigas, apelidaram-na, em Mônaco, de «Antoinette a boa fada».

As intrigas contra Grace começaram logo depois de se tornar sabido que o príncipe Rainier estava interessado pela bonita artista hollywoodiense. Do mesmo modo como, anteriormente, já lôra Antoinette quem inteirara o irmão sobre a ligação de sua amiga Gisele Pascal com o «astro» do cinema americano Gary Cooper, também passou a colecionar «material agravante» contra a então noiva do irmão. Sobre tudo, os antigos «flirts» de Grace com o modista Oleg Cassini, com o diretor de hotel Philippe e com o ator Jean Pierre Aumont. Tudo foi denunciado documentadamente.

Nos salões da princesa — ela habita uma vila luxuosa de nome «Mon Caprice» em Ez-sur-Mer, a nove quilômetros da capital — encontra-se,



MÔNACO, 19 de abril, dez e cinquenta da manhã: a atriz Grace Kelly torna-se princesa de Mônaco. Usa um vestido «beau d'ange» executado por Helen Rose. Duas valiosas pérolas ornaram-lhe as orelhas. Usa um véu curto e ostentando um leve toque de inspiração medieval.

GRACE KELLY



POUCO ANTES da cerimônia civil, na manhã do dia 18 de abril, Grace e Rainier aparecem sentados, na sala do trono. À sua esquerda, vêm-se em primeiro plano, a princesa Carlota e o príncipe Pierre de Polignac. À direita, a família Kelly.



com regularidade, um círculo de homens que, em Mônaco, pertencem à chamada Defesa de Antoinette. Durante a ausência do príncipe, na América, esses homens — chefiados pelo causídico Jean-Charles Rey — tentaram espalhar boatos menos favoráveis sobre a «bela americana».

ESCÂNDALO EM CADA GERAÇÃO

A princesa, aliás, tem pouco direito de se revoltar contra a ex-estrela do cinema americano. Sua própria carreira se assemelha à viagem surpreendente de uma «montanha russa».

Em verdade ela foi inocente quanto ao primeiro escândalo público em que esteve envolvida. Quando sua genitora, a princesa Carlota, se divorciou de seu pai, o conde Pierre de Polignac, seus pais arrastaram a única filha pelos tribunais de divórcio de meia-Europa. Espanto

geral foi o que Antoinette provocou depois, com o fato pouco comum nas casas reinantes, mesmo em nossos tempos de maior tolerância — de ter dado à luz três filhos naturais. No ano de 1946 nasceu Elisabeth Anne, em 1948 Christian Louis e em 1950 Christine Alix.

De qualquer modo, o povo explicava que os três filhos tinham o mesmo pai, o «advogado» Aleco Noghes.

Essa palavra — «advogado» — foi escrita entre aspas pela própria princesa. Dentro do quadro de uma cerimônia secreta, em a qual figuraram como testemunhas dois «chauffeurs», ela — dando-se a identidade de baronesa de Nassy — com o «advogado» se casou no Consulado de Mônaco em Gênova, exatamente quando havia decorrido um ano depois do nascimento de seu terceiro rebento.

Em maio de 1954, quando dele se divorciou.

Uma foto antiga, mostrando o príncipe Rainier, então com 3 anos, ao lado de sua irmã, Antoinette. Ambos ostentam fantasias carnavalescas, e pousaram junto à porta do palácio de seu pai. Antoinette é cinco anos mais velha.

sob circunstâncias menos secretas, ela declarou que o belo Aleco — amigo de seu pai — a havia seduzido quando ainda freqüentava o colégio. Como advogado, o homem jamais prestara para coisa alguma, pois, dizia a princesa, jamais passara de um «play boy», de um viver ocioso.

UM PUNHAL A ESPERA

O escândalo matrimonial de Antoinette, aliás, não despertou em Mônaco comentários tão severos como teria acontecido em outra qualquer monarquia. E' o que a bela Grace Kelly, oriunda de uma Filadélfia puritana, ficou sabendo:

1) Que a bisavó de Rainier, Lady Mary Douglas Hamilton, abandonou o marido, o príncipe Albert, e dele se divorciou na Escócia.

2) Que a avó do príncipe, Juliette Louvet, que havia sido lavadeira em Algier, de fato dera ao seu príncipe-espôso, um filho, porém, que jamais se casara com o pai.

3) Que o escândalo do divórcio do pai de Rainier, do conde de Polignac, durante anos o fio fôra o ponto central da «crônica» dos escândalos europeus.

Não causa a menor surpresa, hoje, em Monte Carlo, um comentário assim risonho:

— Os Grimaldi, em cada geração, têm um escândalo matrimonial. Que felicidade para Grace, já ter a sua cunhada tomado a si mesma os escândalos da presente geração!

A ambiciosa princesa não desistiu do seu papel de «primeira dama do país», quando, outrora, Rainier que pouca importância ligava à política, deixava entregue à irmã a representação e o próprio governo, de muito bom grado, preferindo divertir-se...

Laços tenros, de algum tempo para cá, ligam Antoinette divorciada, a um homem ainda não divorciado. O advogado Jean-Charles Rey não é, entretanto, um «play boy», mas um dos mais ambiciosos cidadãos daquele reinadozinho. Sua interferência foi importante no craque financeiro que deveria atingir, faz pouco tempo, ao próprio Rainier.

Recentemente ainda, a princesa estava convencida de que o irmão não se casaria nunca.

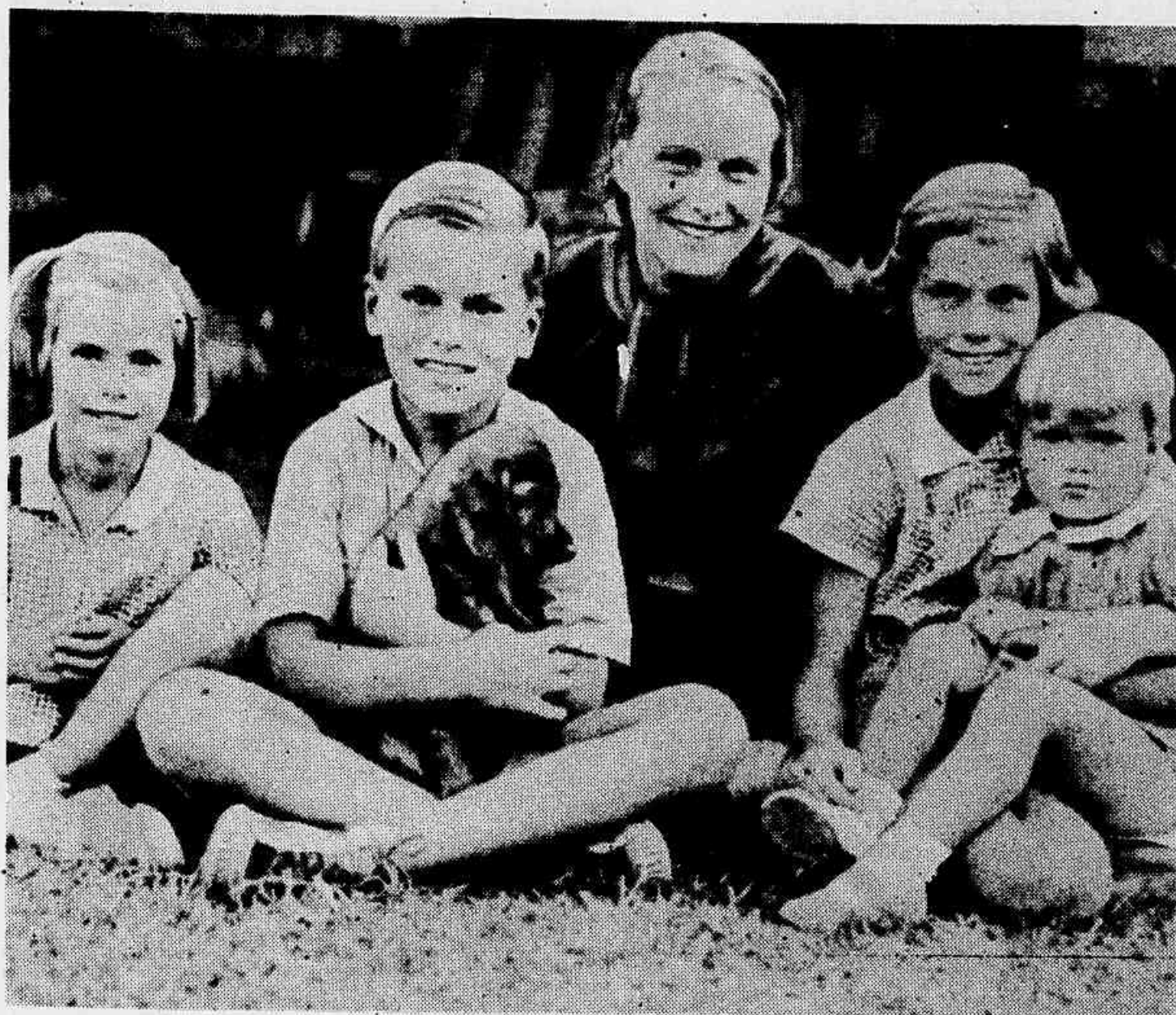
Isso porque, todos sabem, aquele pequeno paraíso de impostos retornará à França logo que um de seus príncipes reinantes venha a morrer sem deixar herdeiro. Por isso, a princesa, com o ajuda material do dr. Rey, tudo fazia no empenho de conseguir o reconhecimento do seu filho, hoje de oito anos (Christian Louis), como herdeiro do trono. Compreende-se: Se Grace Kelly der a Rainier um herdeiro, foram por água a baixo, as pretensões da cunhada.

Sacudindo a cabeça, os súditos da princesa Grace dizem agora:

— Bom será que Sua Alteza volte o olhar para trás de si, de quando em vez, sempre que a princesa lhe estiver segurando a cauda do vestido...

E, distarçando:

— Porque um punhal, na certa, estará sempre em uma das mãos dessa ilustre dama de honra...



AO ALTO, a família Kelly em 1935: Grace, John, Mamãe Kelly, Peggy e Lizann. Todos foram ao casamento em Mônaco.



O ESPANTO

Conto de ALOÍSIO G. BRANCO

Desenho de MARIA TERESA

O dia era de indisfarçável azul. Era-o para Paulo, de um azul neutro e leve, sem mentiras, recortado pela janela da sala de aulas, a derramar-se ao longe em horizontalidade diáfana, planície afora; planície pontilhada por um que outro acidente nada accidental, mas muito a propósito: rara palmeira, perdida torre, casas esparsas que emprestavam significação humana àquela neutralidade incompreensível. Era-o para Paulo.

Para os outros colegas, naquele momento o mundo reduzira-se a uma fôlha de papel sobre a qual se debruçavam em busca de mesquinha solução — não a solução que ele estava a procurar desde que o silêncio se instalara, após a chegada do Professor; o Professor com o seu acenar desajeitado, com o abotoar e desabotoar desnecessário do paletó, com o sentar-se apressado para afundar o rosto na ficha de chamada — tudo em simples e natural artificialismo. O professor era ali imagem da falsa ordenação das coisas, comandava a regular disposição das fileiras de cabeça em curvatura disciplinada sobre a Química, como se todos estivessem inteiramente satisfeitos uns com os outros e com as interrogações sobrepalantes no ambiente.

Passaram-se as questões e ele não resolvia nada. E o próprio professor seria capaz de esclarecer algo de mais concreto, de dar contas de si? Com que direito formulava perguntas sobre reações, sobre catalizadores, se não poderia responder ao porquê de o dia ser azul, de Rosinha ser fingida, de ele existir para ser vítima da hipocrisia de Rosinha? Todos, furiosamente, resolviam os quesitos, mas a rebeldia interior, mais forte do que tudo, impedia-o de aderir à fácil conformação e o ar lá fora estava atual, por inteiro, provocante e indecifrável como jamais.

— Sr. Paulo, onde está sua tabela? — Era o professor que indagava.

— Está aqui!

— Julguei que estivesse a procurá-la com o colega vizinho.

— Eu estava olhando lá pra fora!

— Ah! Então estava procurando lá fora?

Os colegas, interrompendo a prova, ergueram a cabeça para rir ou riram como pretexto para levantar a cabeça e se aliviarem por um momento do entusiasmo com que se entregavam aos exercícios. A hilaridade fez um bem enorme a Paulo,

fortaleceu-o tanto que, se não entregou a prova em branco nem saiu pisando duro para que Rosinha visse logo que não era nenhum palhaço — foi porque imenso desprezo dele se apossou. Desprezo que expressou com invisível sorriso dirigido às profundas de si.

O silêncio voltou à sala; não assim o azul do dia, já de todo contaminado pelo acontecimento. Notou que o olhar tímido do professor era maldosamente azul; cruelmente da mesma cor eram os laços de fita nas tranças de Rosinha, ali na primeira fila, plácida e curvada sobre a carteira, olhos perdidos na maldita prova, tal não tivesse havido a véspera, como se não tivera existido a noite passada, em que havia uma festa preparado para o seu coração. E ele cuidava que também para o de Rosinha! Aquêlo estado de ingenuidade incompatível com o seu padecer de desconfiança fizera-o ir, peito aflante, em marcha quase heróica sob o nenhum luar da noite incrível até, ao portão de Rosinha e ali encontrá-la, logo com que, com o Fernando!

Que importava? Ele era poderoso, bem o sentia no silêncio e no latejar dos pulsos. Transmutara o dia azul em grossa porcária; o gentil professor, se lhe desse na veneta, trocar-se-ia em tirano; tudo estaria sob seu domínio transfigurador; triunfaria, se assim quisesse, sobre coisas e seres, deles fazendo o que bem entendesse. Permanecesse naquele viver com raiva e só, e ele amoldaria qualquer realidade à imagem e semelhança de qualquer sonho; controlaria as circunstâncias tão bem, como na semana passada, de «half» direito, marcara o adversário no futebol.

Rosinha lá na frente, entretanto, continuava eminentemente Rosinha, intangível, com duas tranças hirtas e provocadoras, com negros olhos, e já dois brinquinchos nas orelhas tenras, esplendidamente apática à sua magia. «Não, a única vitória real e possível é a que se instaura em coração alheio». Linda mais essa! Onde lera isso? Oh, uma frase; clara e impositiva frase ditada por um não sei quê turbilhonando êsse alvoroço no peito! O coração crescendo, sobrando, despejando-se. Oh, espanto! Revelação! Um expressar por dentro, êle leve, flutuante, gigante, e inteiramente derrotado.

Levantou-se, humilde, quase sorrindo para o professor e entregou-lhe a prova imaculada. Ao sair da sala ainda deu com os olhos em Rosinha, um estinge. Ficou sério; queria solidão. Despejou-se para casa, a fazer versos, talvez.





FORTUNA (um ponto só) **APRESENTA**

Da Humana Geometria

A diferença entre as solidões mede-se pelas extremidades.

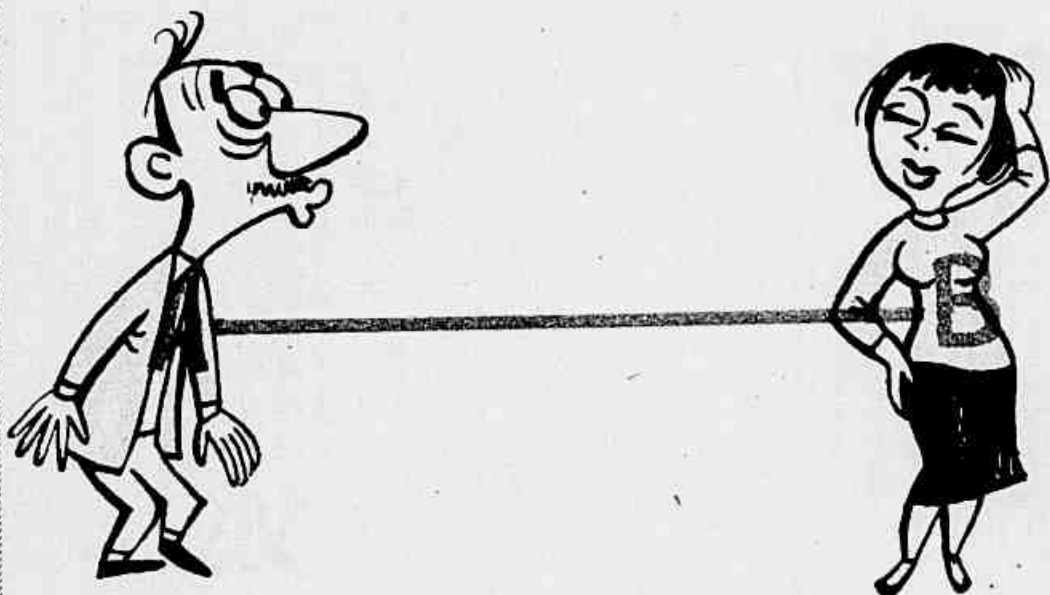


A extremidade B é um vazio.



A extremidade D é uma vaga.

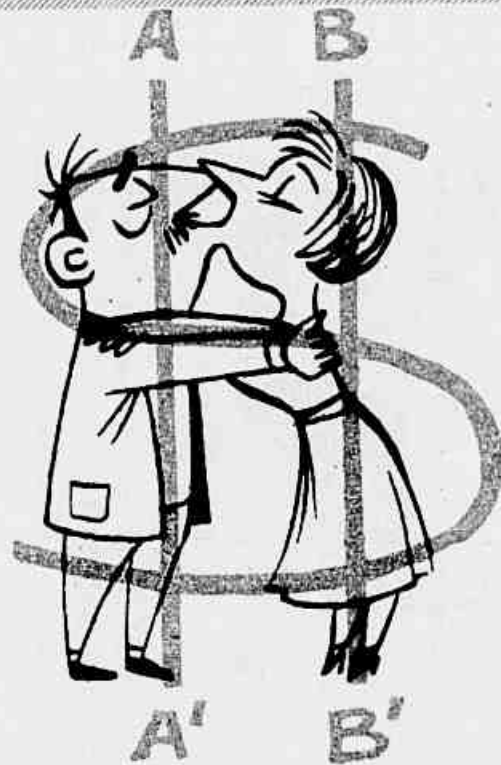
Tomando-se A e B, o caminho mais curto entre os dois é o do altar.



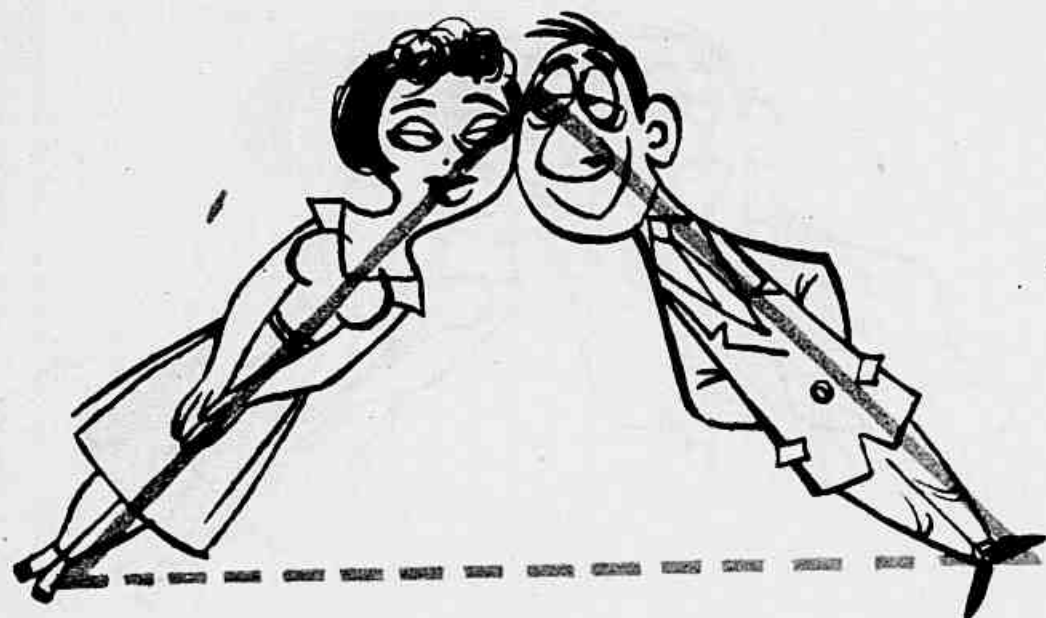
OBS. — Outros caminhos porventura mais curtos não são considerados retos.



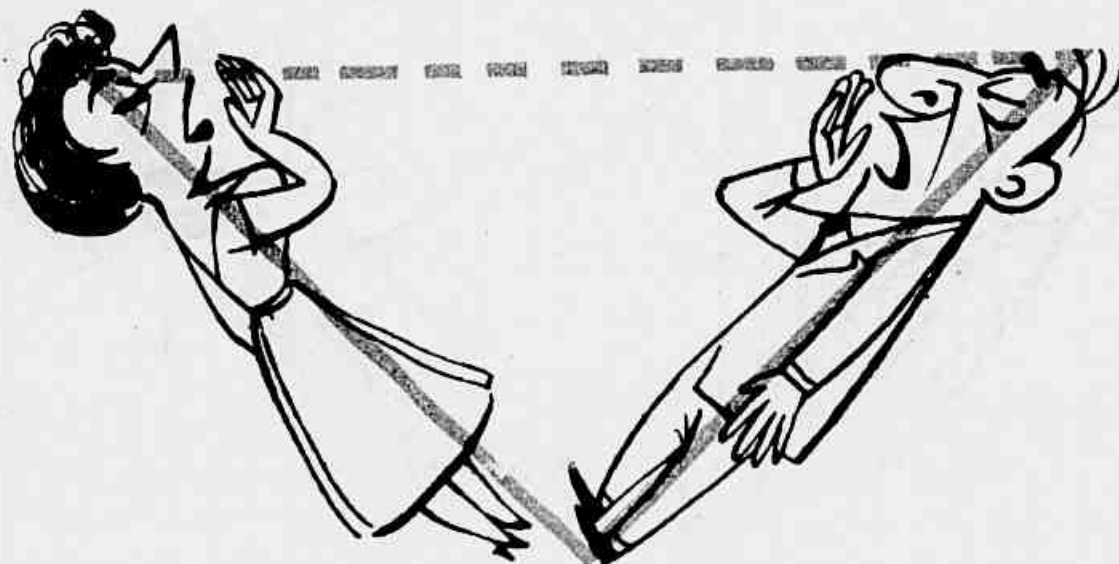
O Paralelo nunca toca a Paralela. A distância que separa os Paralelos é a econômica.



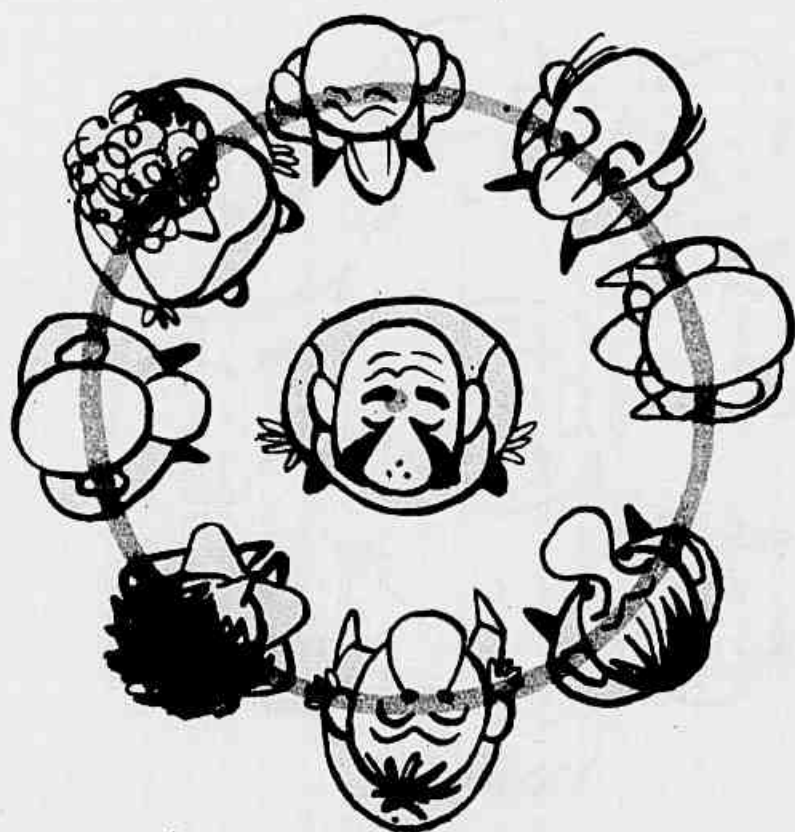
A Paralela está sempre ao lado do Paralelo. A razão é sempre a mesma.



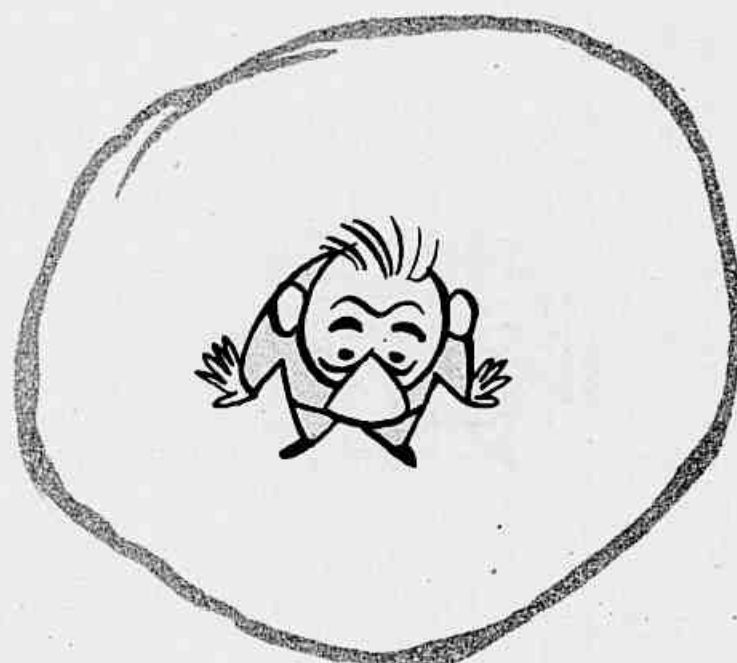
A soma do quadrado da atração inicial...



...é igual ao quadrado do tédio conjugal.

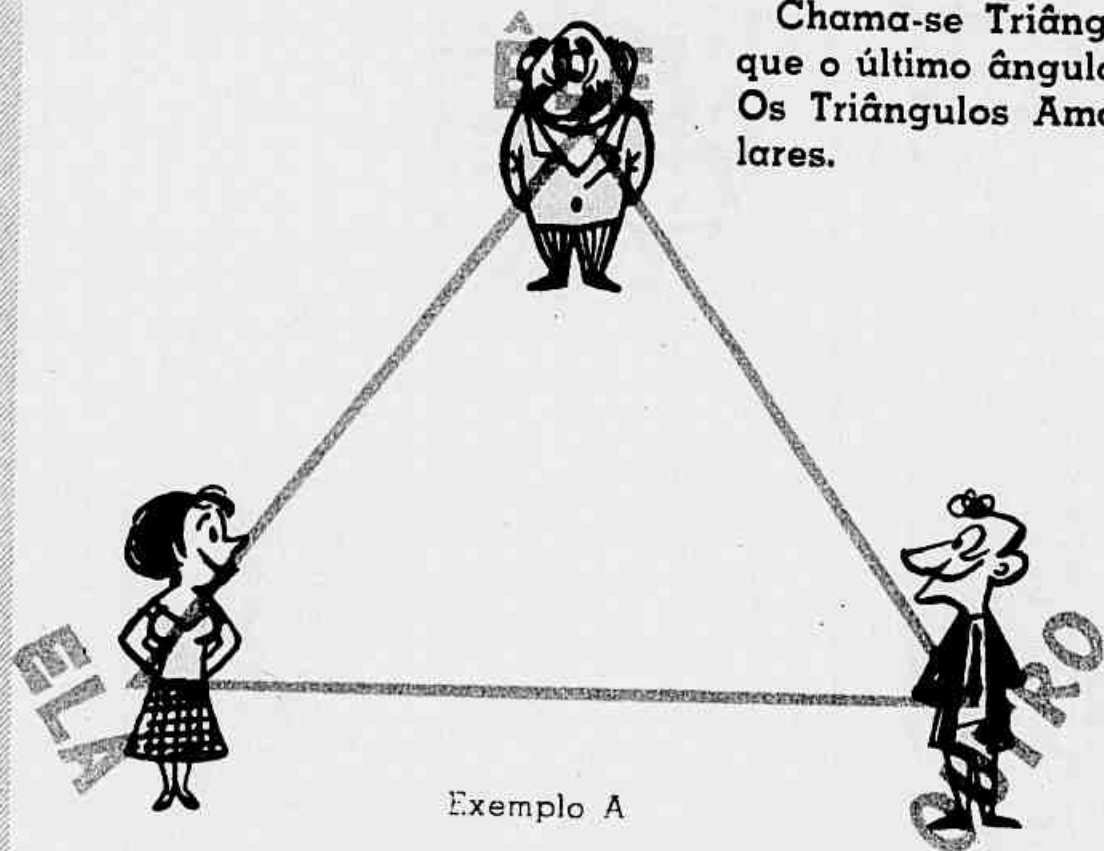


Centro de círculo é uma vaidade que dista igualmente de cada um dos interesses do círculo. Os círculos se fazem com moedas.

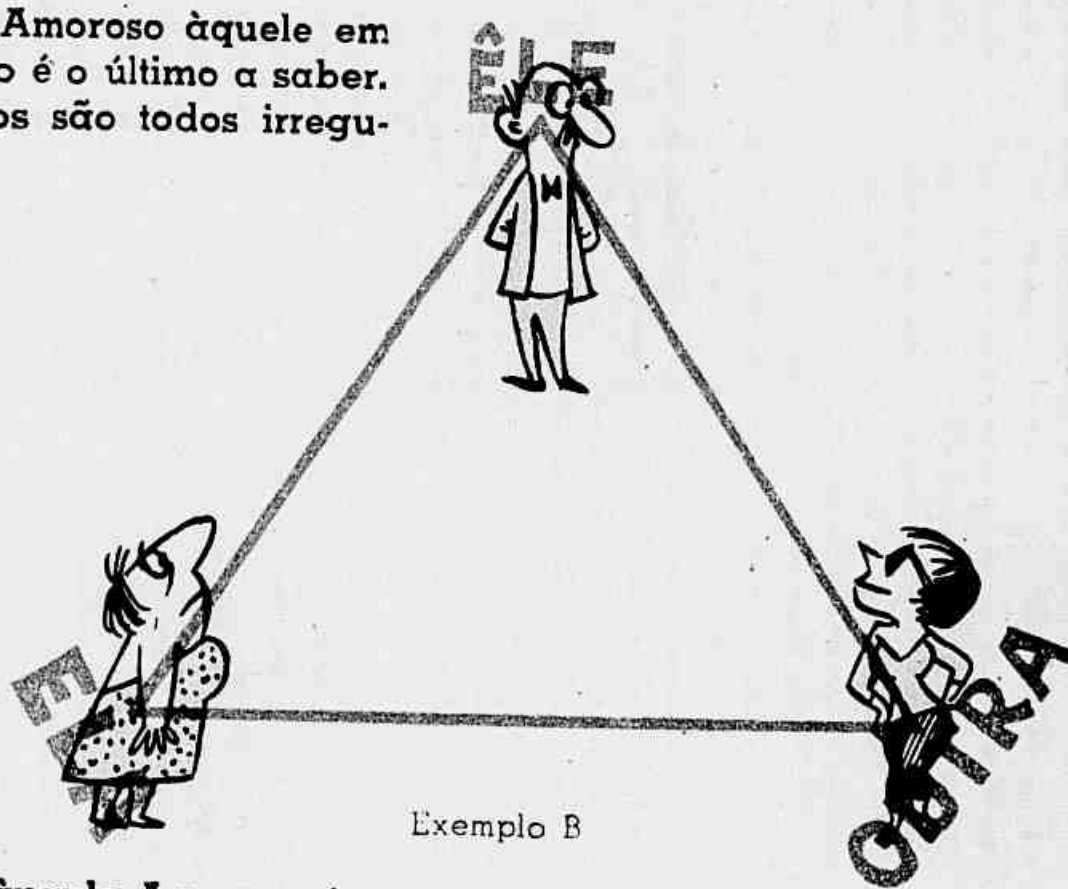


A mão livre ninguém consegue fazer um círculo.

Chama-se Triângulo Amoroso àquele em que o último ângulo não é o último a saber. Os Triângulos Amorosos são todos irregulares.



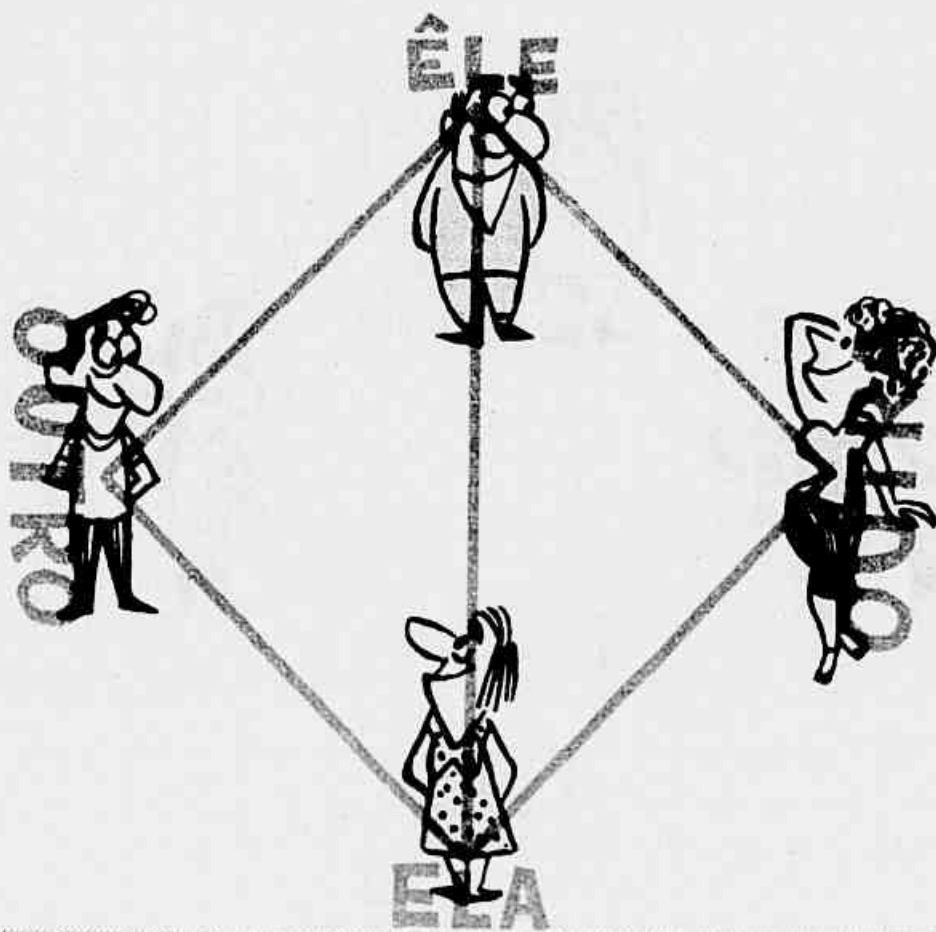
Exemplo A



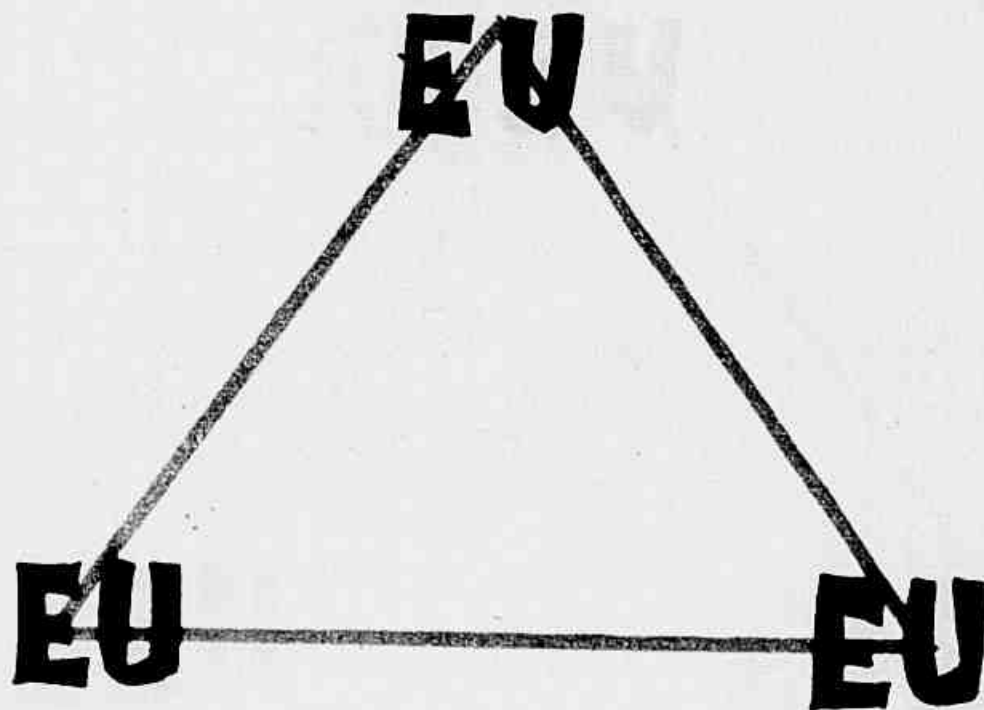
Exemplo B

O caminho mais curto para o Triângulo Amoroso é o casamento.

Partindo-se do princípio de que o Triângulo Amoroso degenera em Quadrado Amoroso, a solução está na diagonal com separação de bens.



Entretanto, o Triângulo mais amoroso que se conhece não tem nada de passional. É precisamente aquele que não admite outros em nenhum de seus vértices.



Conversa de Mulher

LYGIA JUNQUEIRA

(Desenho de JAIRO)

“ORIENTE” SEUS FILHOS

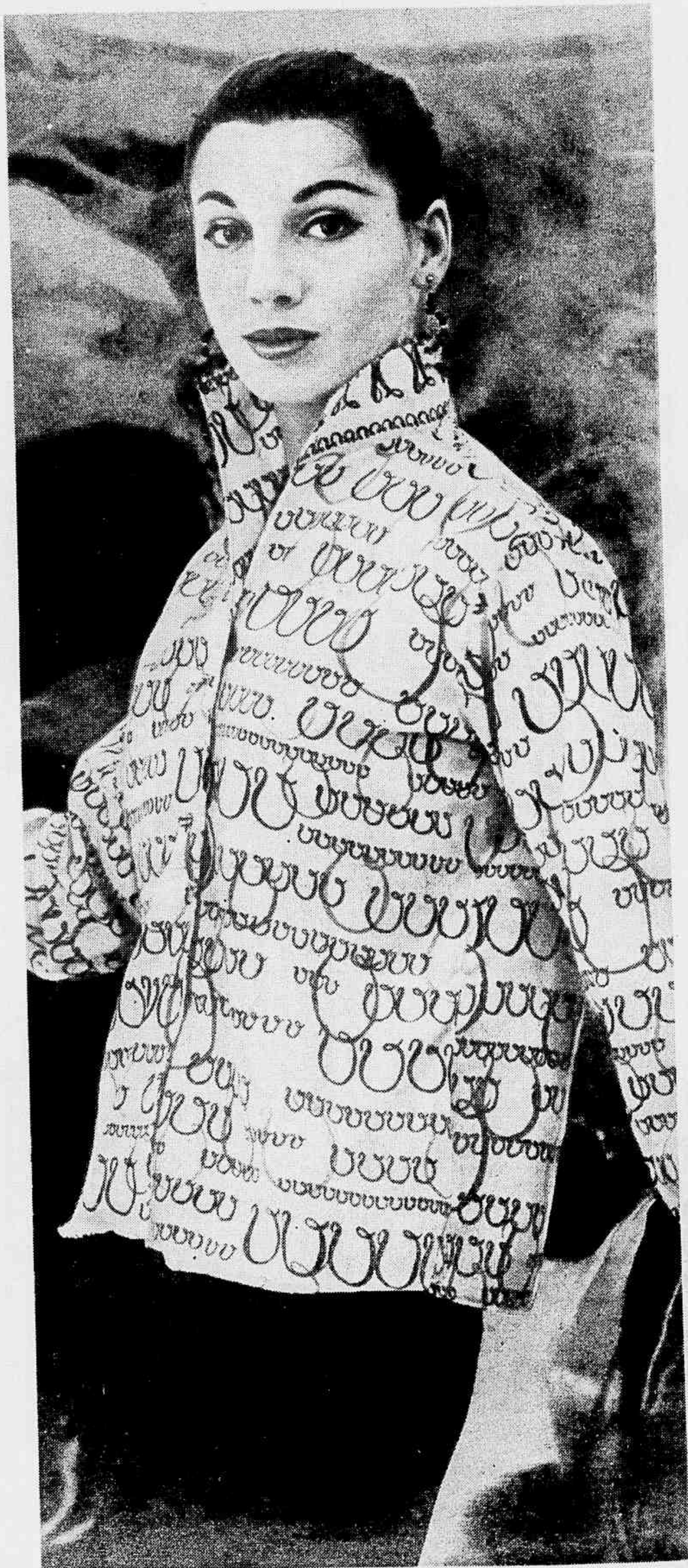
Há quem diga que a educação que primeiro se recebe é a que vale. Dessa corrente é o filósofo francês Rousseau, que, num livro célebre, “Emílio”, procurou prová-lo. Já outros afirmam que se recebe neste mundo três educações diversas: a primeira dos pais, a segunda dos professores e a terceira da própria vida.

De qualquer forma, a influência dos pais é preponderante para os filhos. São os genitores que dão à criança as primeiras noções das normas elementares do saber viver. Depois é que os mestres e os livros a completarão: a educação artística e intelectual com a observação e leitura das melhores obras e que o próprio gosto pessoal irá orientando à medida que se adquire maior conhecimento. À proporção que a criança se desenvolve deve-se orientá-la para aquilo que manifesta tendência mais acentuada.

O ecletismo, isso é, a possibilidade de ocupar-se de muitas coisas diversas, com sucesso e brilhantismo, é muito raro e sempre denota inteligência e personalidade. O maior eclético da história foi Leonardo da Vinci que nos deixou obras primas em todas as artes e praticamente descobertas notáveis em quase todas as ciências. Se, porém, o seu filho demonstra tendências diversas, todas com a mesma intensidade, não pense que ele poderá ser um outro Da Vinci. Os grandes gênios são raríssimos e o mundo está cheio de gente que, apesar de talentosa, não sabe o que quer e vive fazendo aquilo que não sabe.

Férias de inverno

♦ Se você está planejando o seu guarda-roupa para as férias de julho, há de apreciar este casaquinho em grosso fustão estampado, para usar com calças compridas ou uma saia justa. E já que falamos em calças compridas, este ano elas serão ainda mais afuniladas. Em veludo cotelê de tonalidade escura (muito em moda o preto) hão de fazer sucesso.



SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Estão muito em uso, e realmente são práticos, os móveis que se podem justapor a fim de formar conjuntos os mais diversos. Adaptam-se maravilhosamente à disposição e dimensões dos apartamentos modernos, pela sua versatilidade. No gênero, na fotografia ao lado, um conjunto de linhas sóbrias, para aquela sala que deve ser ao mesmo tempo de estar, de trabalho e de leitura.



SUA BELEZA

Se qualquer ventinho mais frio a deixa de nariz vermelho, experimente passar no mesmo o seguinte preparado: 90,0 de água de rosas; 4,0 de cloridrato de amônia; 2,0 de ácido lático e 60,0 de glicerina (é melhor dar a receita à sua farmácia para preparar).

Se você não dispõe de muito tempo para se maquiar, prefira um "make-up" simples, que possa ser relocado num instante. Se mantiver seus cosméticos e apetrechos de maquiagem sempre em ordem fará tudo muito depressa, também.

Não deixe que suas horas de distração lhe roubem outras tantas de sono. Dormir cedo (e levantar cedo também) é um bom programa para a mulher que quer conservar uma aparência sempre jovem.

Se nota que a pele de seu corpo está áspera e ressecada, faça, uma vez por semana, o seguinte tratamento: Mergulhe num banho morno e esfregue o corpo todo com escova e bastante espuma de sabão. Enxágue-se bem, de preferência sob o chuveiro, e enxugue-se com uma toalha felpuda. Logo em seguida com a pele ainda úmida, aplique em todo o corpo um creme (tipo creme para as mãos) esfregando até ser bem absorvido pela pele.



WEEK-END NA COZINHA

◆ Um doce muito gostoso é a torta feira com massa de bôlo e coberta com doce de frutas ou frutas frescas. Na verdade, as frutas são postas no fundo da assadeira e o bôlo é virado depois de pronto. É o que os norte-americanos chamam de «up-side down cake». Arrume primeiro as frutas ou o doce de frutas, no fundo da assadeira (banana em rodela, maçã em fatias, doce de laranja, de abacaxi, de banana, de damascos, etc., etc., conforme o gosto). Usando doces em calda tenha cuidado de escorrer bem antes de arrumar uma boa camada, forrando bem o fundo. Sobre essa camada espalhe pedacinhos de manteiga e uma xícara de açúcar.

★ Prepare a massa: 2 gemas e 1 xícara de açúcar bem batidas; junte 1 xícara de farinha de trigo e misture bem.

★ Ponha 1/2 xícara de aveia de mólho por 5 minutos em 1 xícara d'água. Misture à massa e continue a bater.

★ Finalmente, junte 1 colher das de sobremesa de fermento em pó, e as claras batidas em neve.

★ Espalhe a massa sobre a camada de fruta ou doce já arrumada na assadeira.

Asse em forno muito moderado, perto de 3 quartos de hora.

Ao retirar do forno deixe descansar 5 minutos. Vire na pedra mármore ou numa tábua. Espere mais 5 minutos e tire a assadeira.

Deixe esfriar e corte em quadrados.



● O "Casamento do Ano" será o de minha muito Beaut amiga Carmem Terezinha Solbiati com o galante jogador de pólo Tony Mayrink Veiga, herdeiro da fortuna Mayrink Veiga. Figuras do "society" carioca preparam-se para comparecer a este grande e importante acontecimento social, já batizado de o "maior casamento do ano". Estarei presente de chapéu "Gélot".

Grand Monde internacional



Elizabeth Taylor teve um romance de quatro paredes com Vic Mature.

◆ MY FRIEND GOUTHIER: — O nosso conhecido Jackson Flores, que recentemente esteve aqui para uma temporada de dez dias, sendo devidamente homenageado pelo «society» e «café-society», já deve com certeza estar novamente na pista aí em N. York e entre outras coisas, conversando com o brilhante diplomata um assunto internacional desta coluna. Espero que sim! — Ao contrário do que os colonistas daqui e de Nova York informaram, não mais seguiu para Nova York, Macoco, que além de outros títulos, possui também o de ex-marido da atual sra. Clark Gable. Macoco, como vocês sabem, é um dos mais famosos «play-boys» sul-americanos. — Um dos escândalos mais comentados em Hollywood, e divulgado pela revista «Confidential», foi o romance entre quatro paredes de Elizabeth Taylor e Vic Mature. Aliás, essa super-venenosa revista é de certa forma responsável pelo recente divórcio (já divulgado em primeira mão por esta coluna) de Jeanne Crain e Paul Brickman. Se vocês estão lembrados, faz positivamente um ano que Jeanne e Paul estiveram aqui por ocasião do vôo inaugural da Varig. — O veterano Bing Crosby está de romance sério com a atriz Kathy Grant. Kathy, que filmava para a Columbia, passou-se agora para a Universal-International. Seu primeiro filme na Universal será «Mister Cory». — Em primeira mão para todo o Brasil, dou uma notícia que até bem pouco dias era mantida em segredo no próprio lar do casal Gregory Peck. A bela Veronique Passine (ex-jornalista francesa) e atual esposa do conhecido astro, espera para muito breve a visita da cegonha. — A princesa egípcia Tawhida Midht está no momento se divorciando em Washington de Franck Rediter. E' acusada por este de abandono do lar e adultério. — Acabo de receber de Nova York a confirmação da notícia que dei no número anterior para vocês, de que Jeff Chandler vai filmar sua primeira produção independente, batizada de «Drongo». — Salvador Dali desenhou em Nova York um vestido para a modelo Maruzia, de Hollywood. O desenho do conhecido pintor tem sido muito comentado. — Até a próxima com novos furos internacionais.

mente um ano que Jeanne e Paul estiveram aqui por ocasião do vôo inaugural da Varig. — O veterano Bing Crosby está de romance sério com a atriz Kathy Grant. Kathy, que filmava para a Columbia, passou-se agora para a Universal-International. Seu primeiro filme na Universal será «Mister Cory». — Em primeira mão para todo o Brasil, dou uma notícia que até bem pouco dias era mantida em segredo no próprio lar do casal Gregory Peck. A bela Veronique Passine (ex-jornalista francesa) e atual esposa do conhecido astro, espera para muito breve a visita da cegonha. — A princesa egípcia Tawhida Midht está no momento se divorciando em Washington de Franck Rediter. E' acusada por este de abandono do lar e adultério. — Acabo de receber de Nova York a confirmação da notícia que dei no número anterior para vocês, de que Jeff Chandler vai filmar sua primeira produção independente, batizada de «Drongo». — Salvador Dali desenhou em Nova York um vestido para a modelo Maruzia, de Hollywood. O desenho do conhecido pintor tem sido muito comentado. — Até a próxima com novos furos internacionais.

Gossips



Diva Dolabela escoltada no Sacha's por determinado senhor.

◆ O «society» paulista não sabe que determinadas jovens que recentemente estiveram aqui no Rio estão se vulgarizando. Aliás confesso a vocês que não gostei de ver o comportamento das (determinadas jovens) de que estou falando, quando numa «boite». E as companhias? Quanto a estas prefiro da mesma maneira não mencionar nomes. Muita gente não sabe que o colonista social em certas ocasiões é e deve ser também vigilante. — O colonista Torreão, de Niterói, estava numa recente noite no Beguin inteiramente de romance com a jovem Maria Lina Falcão. Aliás, o Torreão me pediu para desmentir uma notícia dada por certo colonista, dizendo da sua provável ida para a Canadá de Luxo, em substituição ao monsieur Zacarias. — Terezinha Simões Soares já deve estar de volta da Argentina, onde com certeza esteve com o diplomata Daniel Sabadini. Também de volta Lígia Coutinho. — Se determinada senhora continuar dançando «cheek to cheek» com um cidadão muito conhecido, que não é seu esposo, sou obrigado a contar. Cuidado! — O «garotão» chegou há dias de Nova York, onde não namorou ninguém. O «garotão» voltou vulgarmente americanizado, usando (até de noite) «blue jeans». — Continuo aconselhando Zaida Saldanha a SNOBAR determinadas pessoas. — Estou desejoso de saber quem é o romance do elegante Mauro Vasconcelos. — Vocês sabem quem é o «play-boy» carioca que está a ponto de ser internado num hospital devido ao uso excessivo de bebida? Cuidado, meninas! — A simpática Clio Politis está sem namorado. Onde anda o Camacho? — Noticiei há bem poucos dias que Glorinha Capanema estava sem par constante. Mas sábado passado Glorinha jantou no «Bispo» devidamente escoltada por um jovem senhor. Será romance? — O jovem Luís Felipe Índio da Costa anda circulando sozinho. Pode ser visto no bar do Sacha's de copo na mão. Não sei se o rapaz está afogando alguma máguia. — Atenção «boneca»! Dia 23 (sábado) estou chegando em São Paulo. Vocês sabem quem é a boneca? — Diva Dolabela estava uma noite no Sacha's escoltada por determinado senhor. Será romance? — No próximo número tenho um grande romance a noticiar para vocês.

Pequenos Flashes

● No próximo sábado estarei voando pela VARIG para São Paulo, a fim de assistir ao "Casamento do Ano". Meu caro colega Tavares de Miranda, já estou fazendo as malas e escovando meu chapéu "Gélot" para passar uns dias aí. Estou aguardando ainda sua resposta sobre a figura de Seville Row. Daqui também vai um grupo que ficará hospedado no Hotel Comodoro. Estou lembrado que da vez anterior o meu amigo Geraldo Nóbrega ofereceu ao grupo carioca, que ficou no Comodoro, um elegante "party". — O embaixador da Índia, sr. L. S. R. Singh recebeu a imprensa carioca na outra semana para um "cock-tail". — No Beguin com uma "bola na rede" muito positiva, continua casa cheia o "show" "E o Espetáculo Continua", do produtor Carlos Machado. Esta coluna criou o título de Embaixador do Rei da Noite (Carlos Machado) para "public-relations" do Beguin, sr. Chuck Woodward. Prestem bem atenção: Embaixador do Rei da Noite. — Foi com um "cock-tail" que o sr. e sra. Roberto Sinyery receberam um pequeno grupo. — Tam-

bém receberam para "cock-tail" o sr. e sra. Luís Morgan Snell, em honra do con-



O elegante paulista Geraldo Nóbrega.

de e condessa Albert de Moustier. — A Festa Junina, que esta coluna está organizando para o próximo dia 22 no Lagoinha Country Club, vai de "bola na rede". — O restaurante francês "La Cremaillère" está atualmente com uma boa e elegante frequência e muito concorrido. Foi no último domingo que jantei no "Cremaillère" com um grupo. Ao lado de minha mesa jantavam: O embaixador e sra. James Dunn (os Dunn estão de partida para a Itália), dos Estados Unidos, e os marqueses D'Ajeta, da Itália. O sr. Luís Bartelote (novo dono) está de parabéns. — Depois de Ester de Abreu o "Mid-Night" do Cona deverá apresentar a cantora "colored" Eartha Kitty. O resto é com o mr. Oscar. — Nessa minha ida a São Paulo vou ter o prazer de encontrar o meu amigo Silvano Henrique Davids, proprietário da casa mais britânica de São Paulo: a Old England. — No Clube 36 foi inaugurada uma exposição de pintura moderna de Dorival Caymmi. — Outro lugar de boa frequência é a "boite" Carolina no Pósto 6. "Bola na rede", Pontual.

Social Set

♦ **SENHORAS DE SOCIEDADE** — Vou focalizar nesta coluna três senhoras que fazem notícias no Rio e nos dois mais importantes Estados da Federação, socialmente falando. Como todos vocês sabem, o Rio é o lugar onde mais se faz vida social no Brasil. Além das Embaixadas e a despeito do pouco turismo que temos, o «high society» carioca é o que mais recebe, e as colunas sociais daqui são as mais lidas e as mais comentadas de todo o Brasil. Mas, como o assunto é sobre senhoras, apresento dona Léa Duvivier. Sua atividade em sociedades é o Patronato da Gávea, que é o seu «hobby». Dona Léa organiza todos os anos a festa da «Glamour-Girl» no Golden-Room do Copacabana. Também está sempre encabeçando listas de patronesses de acontecimentos de cunho filantrópico. Na opinião do colunista é a que melhor sabe organizar uma festa de caridade no Rio. Depois do Rio temos São Paulo, onde o movimento social é grande e está sempre em con-



Senhora Tânia Kowarick, a melhor «hostess» de São Paulo.

tato com o daqui. O «high society» paulista parece dividir-se em dois grupos: o quatrocentão, e o moderno que é focalizado mais nas colunas de Tavares de Miranda e Matos Pacheco. O grupo moderno é o que recebe muito e é o «movimentado», chamado pelos colunistas de Nova York de «calé-society». Temos aí a «hostess» de maior classe e que melhor recebe em São Paulo, sra. Tânia Kowarick, que juntamente com seu esposo o «businessman» Felix Kowarick foram eleitos os melhores anfitriões do ano que passou. Com certeza este ano serão reeleitos. Temos agora Salvador (Bahia), que socialmente falando é a terceira cidade do Brasil. Há mais ou menos dois anos que aconteceu esse grande impulso no movimento social da Terra do Senhor do Bonfim. Movimento esse feito por iniciativas de turismo do sr. Alberto Bianchi e do prefeito da capital. Ano passado, duas senhoras da sociedade baiana figuraram na lista das «dez mais elegantes» do Brasil, sendo uma a elegante senhora Maria do Carmo Corrêa Ribeiro atualmente em grande evidência. Quando estive em Salvador verifiquei de perto que a simpática Maria do Carmo é a líder da sociedade local. Sua maneira de saber receber os cariocas e paulistas é perfeita.

♦ **NOTÍCIAS** — Meu amigo Harry Stone, embaixador de Hollywood no Brasil, jantando com um grupo no Bife de Ouro. — O organista Jor-

ge Henrique fazendo um sucesso dos diabos no Sacha's. Jorge Henrique chegou há poucos meses de Miami, onde atuou nos mais famosos «night-clubs» da colorida cidade. — O pintor francês Jacques Fromonot terminou domingo sua exposição de quadros (super-modernos) no Copacabana Palace. — Aristides (barman) do Sacha's é realmente o melhor do Rio. — Vai para Londres a senhorita Neide de Souza (ex-bailarina clássica); ali deverá ficar dois meses. — Voltei aos banhos de piscina no Copacabana, apesar do frio. — No próximo dia 21, noite de gala no Teatro Dulcina pela Companhia Celi-Tônia-Autran, com a peça «Viúva Astuciosa». — Fui informado que a festa das debutantes em Santos, organizada pela colunista Cecília Dulce foi de BOLA NA REDE. — Parece que o sr. Oscar Ornstein não vai mais para Paris. — O colunista Gilberto Trompowsky fez 20 anos de crônica social. Aguardem reportagem.

PS.: Meu caro Paulo Roberto. Quero agradecer-lhe as boas referências que fez a este modesto colunista no seu veterano programa «Nada Além de Dois Minutos». Principalmente em você ter citado o meu nome como um dos mais comentados colunistas sociais do Rio, atualmente. Com apenas um ano e poucos meses de coluna social, não esperava ter neste curto espaço de tempo tamanha evidência. Mas vejo agora que o produto do meu trabalho é realmente uma BOLA NA REDE muito positiva de sucesso. Toneladas de «mercis» para você. — Até a próxima. Meu chapéu GÉLOT está em cima.

A sra. Gilda Sampaio está organizando para o dia 29 a «avant-première» no Cinema Astória do filme «Vinte Mil Léguas Submarinas», em benefício das Bandeirantes. Na quarta-feira passada a embaixatriz da França recebeu as patronesses para um chá nos salões da Embaixada. — Recebi com tristeza a notícia do falecimento do Conselheiro João Pinheiro Filho, pertencente a tradicional e importante família da política mineira. — O simpático casal Arnaldo Brenha está organizando um grupo para assistir ao «casamento do ano» em São Paulo. O referido grupo ficará todo hospedado no Hotel Comodoro. E eu também. — Carlyle, o conhecido jogador de futebol que o ano passado encerrou a carreira no Botafogo, está agora com uma luxuosa casa de artigos para homens em Copacabana. Bola na rede, Carlyle. — O jovem Antônio José, filho do casal Aluísio Muniz Freire, teve «mudança de idade» dia 13. «Pecô» me disse que o Antônio José comemorou devidamente o acontecimento. Parabéns, bambino. — Estou informado de que o casal Hélio Souto vai receber um pequeno grupo para um «cocktail» na próxima semana. Como vocês sabem Hélio e Maria Helena o ano passado foram os noivos do ano. O Hélio prepara-se para fazer breve, o filme «Arara Vermelha», sob a direção de Tom Payne. Parece que esse filme não terá galã.

ELEGANTES — Perguntei ao jovem, moderno e já famoso alfaiate Elmo quais os cinco mais assíduos e elegantes freguêses de sua luxuosa casa. Elmo consultou seu muito atencioso «public relations» Oscar da Rocha, e me deu os seguintes nomes: Flávio Ramos, Cesário Melo Franco Sena, José Augusto Godoy, Sacha e Joaquim Miranda. Conheço todos eles. A lista está aprovada.



Senhora Léa Affonseca Duvivier, a que melhor organiza uma festa de caridade no Rio.



A elegante Maria do Carmo Corrêa Ribeiro lidera o «society» baiano.

Loira ou morena...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser belas e atraentes
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



bia as marcas dos látigos deixados por Quintin no seu rosto. Gluckmeister reconheceu também o cigano que saiu correndo pelas ruas, saltou no lombo do cavalo e procurou fugir daquele sítio, como se cem mil demônios o estivessem perseguindo.

Gluckmeister fez um sinal aos seus sequazes e todos de um salto saíram da taberna em perseguição ao cigano. Hayraddin não havia ido muito adiante quando uma bala lhe atravessou o coração, dobrando-o sobre o assento da sua montaria. O cavalo, já sem guia, dirigiu-se lentamente para o castelo de Liège, levando sobre o lombo o cadáver do cigano. Estavam as sentinelas preparadas para desmontar o corpo quando um terrível rugido de canhões se fez ouvir no fundo da noite e uma chuva de projéteis caiu entre as alamêdas da fortaleza. O ataque de De La Marck havia começado.

O castelo, que não esperava um ataque dessa natureza contava apenas com uma reduzida guarnição e muito escassos armamentos, insuficientes para a sua defesa. Ao fim de duas horas de canho-neio intenso, a grande praça estava inteiramente reduzida a ruínas.

Entre os escombros da capela central o bispo rezava com fervor, enquanto os homens de De La Marck se entregavam a fortes libações alcoólicas. Esvaziavam tonéis e garrações de vinhos e licores que haviam encontrado nas adegas do castelo, dando largas aos seus furiosos instintos e destruindo o que aparecia pela frente e que ainda estava intacto.

De La Marck, em completo estado de embriaguês, mandou que Isabel fôsse conduzida à sua presença. Aterrorizada, trêmula, envolveu-se em seu manto, enquanto o renegado se deliciava em contemplar sua formosura.

— Tragam um padre imediatamente! gritou De La Marck aos seus soldados. Procurem, encontrem e tragam à minha presença um bispo... Sim, quero um bispo sem demora, porque vou me casar com essa mulher! E é já!

O bárbaro falava sem poder manter-se de pé, cambaleando, levando o copo à boca, e, já sem forças, trêmulo, entornava o vinho da boca para o queixo, manchando as vestes, e desatando em estrondosas gargalhadas que pareciam sacudir as paredes seculares...

Horrorizada, sentindo que nada poderia fazer contra o brutamontes, Isabel perdeu os sentidos. E resvalou pelo solo.

— QUEM PODERÁ IR EM SOCORRO DE ISABEL? E QUALQUER SOCORRO CHEGARÁ A TEMPO, ANTES QUE ELA SE TENHA CONVERTIDO — EMBORA À FÔRÇA — A ESPÔSA DE DE LA MARCK?

A COROA E A ESPADA

(Cont. da página 29)

Hayraddin acompanhava Quintin quando ele partiu do castelo em direção a Peronne para apresentar-se ante a corte de Carlos de Borgonha. Ao cruzar pelas ruas de Liège ambos se detiveram à porta de uma taberna.

— Preciso beber um gole, meu amo, disse o cigano dando um salto do seu cavalo. Eu pagarei a dose, vamos?

Quintin riu de boa vontade.

— Mas não devolveste o dinheiro ao rei?

— Bem... ainda estou refletindo sobre o assunto.

— Sinto muito, Hayraddin... mas preciso continuar a jornada.

O cigano prendeu-lhe a mão:

— Oh, como sou desventurado! disse. Como pode o seu coração deixar que continue o seu caminho e me deixe ao abandono? Eu... que sou um espião e sei de tantos segredos... Por exemplo: Que «ela» o ama...

— Já sei disso.

— E sei muito mais... Sim, eu sei de tudo... Sei, também, que o senhor a ama, retribui-lhe o afeto.

— Sim, também isso é verdade. E depois?

— Então, como é possível que se afaste da pobre moça, Senhor Louco Varrido?

— Adeus, Hayraddin! Trata de zelar por ela, com todo cuidado, é o que te peço... — e partiu.

Quando Quintin se havia afastado, Hayraddin entrou na taberna e começou a beber, com o propósito de se embriagar. A princípio, não havia notado que um indivíduo de ar suspeito o olhava e o examinava de alto a baixo. A cara desse homem apresentava horríveis cicatrizes e ele estava sentado em meio a um grupo de sujeitos vestidos de preto, com a aparência de facínoras. Pouco a pouco, por entre os vapores de álcool, Hayraddin se fixou no estranho homem e começou a lembrar-se do seu semblante. Era Gluckmeister, que exi-

A MODA MASCULINA ROMPE TRATADOS ...

GUERRA ENTRE A ITÁLIA E OS ESTADOS UNIDOS

REAÇÃO ITALIANA CONTRA O TRADICIONALISMO BRITÂNICO E A FUNCIONALIDADE IANQUE ★ AGITA-DO O AMBIENTE DA MODA MASCULINA NO BRASIL ★ O «NOVO ESTILO» NA OPINIÃO DOS ENTENDIDOS ★ O ALFAIATE DE JUSCELINO E O CHAPELEIRO DE GETÚLIO ★ A INDUMENTÁRIA DO NEGRO BRASILEIRO, COMO PADRÃO DE ELEGÂNCIA, MOTIVO DE INTERESSE NA PÁTRIA DE ROOSEVELT.

Reportagem de W. GUARNIERI

◆ O mundo elegante do Brasil vem sendo abalado pela introdução de novos estilos de vestimenta na moda masculina. O comércio de roupas feitas de várias capitais do país, vem secundando campanha idêntica em capitais européias, para propor ao homem elegante a adoção de um novo tipo de roupa, desenhada especialmente para fazer frente ao seu classicismo no modo de vestir.

Da Itália vem o novo grito de elegância. E para muitos, acaba de romper-se o tradicional eixo da moda masculina — Londres-Roma — para fixar-se na pátria do finado Duce — a capital da elegância do homem.

Seria uma espécie de «grito de independência» dos italianos, contra o tradicionalismo britânico e a exagerada «funcionalidade» do estilo americano. É um meio-térmo: sóbrio, como o inglês e «funcional», como o americano. A princípio, a coisa foi tomada como uma espécie de «retorno» ao classicismo, com a volta

das camisas de peito duro, abotoaduras de madrepérolas e (quem sabe?) o uso do monóculo... Mas, não é nada disso. O que os italianos estão fazendo, já começaram também na indústria cinematográfica, aliás com certo êxito, deve-se reconhecer. De resto, o novo «estilo italiano» é apenas caracterizado por algumas modificações feitas nas linhas de contorno do paletó, e ainda outros detalhes de menor importância, como, por exemplo, o abandono do emprêgo de «enchimentos» nas ombreiras... Mas, de qualquer forma o objetivo principal foi alcançado — a guerra «não declarada» contra a influência «ianque» teve início. Agora, vem a fase de arregimentação de «aliados»... Por isso, vale bem a incursão que fizemos pelos domínios da moda masculina, aqui na capital da República, registrando como reagem certos setores que influenciam e são influenciados pela nova tendência que nos chega da pátria de Dante. Quem conseguirá vencer? Itália ou os Estados Unidos?

VENCEM OS ITALIANOS — Como um dos grandes responsáveis pela controvérsia que assalta o mundo elegante brasileiro, nessa guerra «não declarada» ao tradicionalismo em nosso modo de trajar, destaca-se o sr. José Cândido Monteiro de Souza, das organizações Sparta — que recentemente empreenderam ampla e barulhenta campanha publicitária para lançamento de uma «nova roupa».

Falando com desenvoltura, diz-nos aquele conhecido industrial:

— Vencem os italianos em toda a linha... A revolução começou não faz muito tempo lá na pátria de Dante, com a chamada roupa esportiva (jaquetas, camisas, «shorts», etc.). Foi um

movimento de reação contra o «berrantismo» das confecções ultimamente apresentadas pela indústria norte-americana — blusões floridos, gravatas com cobras e lagartos, «shorts» com palmeiras, e «outras cositas más»... O fenômeno foi notado, particularmente, durante a realização dos últimos Festivais Cinematográficos na Europa; pois, como é sabido, a par da mostra de arte cinematográfica naqueles certames, exibem-se as novas tendências da moda, não só feminina como também da silhueta do homem elegante.

A «ROUPA FUNCIONAL»

Acrescenta o sr. José Cândido que no setor da «roupa feita» — ou «meia-confecção» — a nova moda já está definitivamente sendo adotada:

— Não existe na Itália nenhum novo Christian Dior lançando a moda para o homem. O que lá existe é um trabalho de equipe visando dar maior conforto ao homem moderno — e todas as vistas se voltam para a chamada «roupa funcional». Aqui no Brasil, nas organizações de que faço parte, estudamos o assunto a fundo. Mantivemos intercâmbio de informações e contatos diretos com os maiores fabricantes de roupas do mundo e chegamos, finalmente, à conclusão de que tanto na Europa e mesmo nos Estados Unidos o denominado «estilo italiano» vem tendo uma aceitação fora do comum.

COMO É A «NOVA ROUPA»

— Foi por isso — continua o sr. José Cândido — que nossos desenhistas chegaram à conclusão de que também o brasileiro veria com satisfação uma roupa que lhe desse maior conforto e «funcionalidade».

«Caracteriza-se a nova roupa pelo adelgaçamento da linha da cintura, objetivando contornar a linha do corpo, e pela supressão de enchimentos e outros aviamentos supérfluos. Em suma, é uma vestimenta que segue os traços anatómicos de quem a usa — conservando a sobriedade e realçando mais a elegância da figura do homem. Leveza e funcionalidade, muito de acordo com as características do homem moderno e em especial do nosso clima tropical.

ROMA — A CAPITAL DA ELEGÂNCIA MASCULINA

Concluindo, frisa o conhecido industrial: — Está definitivamente desfeito o tradicional

eixo da moda masculina — Londres-Roma — deslocando-se para a Itália a capital da elegância do homem moderno. Os ingleses — como sempre conservadores por excelência — ainda mantêm aquela sobriedade que lhe caracteriza o modo de trajar e que dificilmente será mudada.

A França — como acontece com a maioria dos países europeus — vem sofrendo consideravelmente a influência dos italianos — daí a enorme popularidade que o novo traje vem conquistando entre os homens elegantes daquela parte do mundo.

Agora, resta saber como reagirão os norte-americanos, que sempre viram com muito agrado e satisfação tudo o que possa assemelhar-se



Marise Graça Couto, esposa de um dos «10 mais»: «Admiro os homens que se trajam completos: chapéu, colete, luvas e... bengala. Mas, o nosso clima não compensa».



O casal Brenha também acha que o novo estilo italiano não conseguirá fazer adeptos no Brasil. «Prefiro os homens que se vestem no estilo clássico» — diz Elena Brenha.

A moda masculina

com dinamismo e funcionalidade — dois termos tão próprios do temperamento vibrante e veloz do seu povo. Quanto a outros setores — como por exemplo o cinema — já se encontra bem definida a adesão dos norte-americanos à técnica italiana do «realismo», mandando inclusive equipes completas para produzirem filmes na própria Itália, a fim de conservar o «sabor» especial do «estilo italiano»... Quanto à roupa, também, creio que o rumo será o mesmo...

O ALFAIATE DE JUSCELINO

Para o sr. Trotta — filho e continuador do «velho Trotta», um dos mais antigos e conceituados mestres da tesoura aqui no Rio de Janeiro — «a moda masculina tem evoluído muito pouco nesses últimos 20 anos». Dentre os seus mais afamados clientes, figura de longa data — desde os tempos da governança de Minas Gerais — o atual Presidente Juscelino Kubitschek. Aliás, mantém o sr. Trotta em lugar destacado de seu estabelecimento, fotografia oficial do Presidente, com a dedicatória que lhe fez Juscelino — «Ao meu velho amigo Trotta, cordialmente, Juscelino Kubitschek».

Homem de falar agradável e rápido, o sr. Osvaldo Trotta expressa-se com muita personalidade e convicção, quando nos fala:

— A moda masculina tem evoluído muito pouco nesses últimos 20 anos. Apenas certos detalhes de confecção vem sendo modificados paulatinamente, como acontece, por exemplo, com o contorno da gola do paletó. A tendência para suprimir o enchimento das ombreiras foi o que mais rápido se pode observar, e deve-se, principalmente, à influência norte-americana.

O «TOQUE DE ELEGÂNCIA»

Depois de acentuar que «cada alfaiate tem o seu estilo próprio», acrescenta:

— Cada profissional procura conservar o seu talhe especial, que o distingue dos demais. O nosso, por exemplo, pode ser caracterizado pelo contorno da gola, pelo estreitamento da largura das mangas, pela disposição dos botões, pelo recortamento da linha de cintura, e ainda por algumas inovações que dão à silhueta masculina o «toque de elegância» que a clientela busca com exigência.

NÃO CREIO NA INFLUÊNCIA ITALIANA...

Apesar de sua descendência napolitana, não parece o sr. Trotta muito inclinado a aceitar, sem relutância, a influência da moda italiana nessa nova guerra pela supremacia da elegância masculina:

— Não creio nisso. A moda masculina em nosso país evolui mais em relação ao clima tropical em que vivemos, do que mesmo em função da moda ditada pelos figurinistas europeus. Não acredito, por isso, numa influência exagerada do chamado «estilo italiano» no nosso modo de vestir.

SUPREMACIA DO «TIPO CLÁSSICO»...

Trocando rápidos informes com seu irmão Mário Trotta — que é quem supervisiona toda a parte técnica de sua firma — volta o sr. Osvaldo a falar:

— Uma circunstância de inegável importância é a de que todas as discretas modificações que vimos introduzindo na indumentária masculina deve-se, em grande parte, ao tipo físico do cliente. Há os tipos baixos, gordos, magros, altos, curvos, erectos, etc. — e para cada um deles aplicamos um corte especial, num estilo próprio, objetivando sempre apurar o traje.

«Mas, não obstante, o freguês da «roupa sob medida» prefere adotar o «tipo clássico», conservando a elegância sóbria e discreta, dos figurinos ingleses.

ALGUMA INFLUÊNCIA NORTE-AMERICANA

— A moda norte-americana — continua o sr. Trotta — concorreu para que deixássemos de adotar o algodão nas ombreiras, o que mere-

ceu aceitação, em face justamente das condições de nosso clima que favoreciam o uso de roupas mais leves.

«Mas, mesmo quanto a essa influência em nosso modo de vestir, reagem sempre os homens de bom gosto. Por isso, não acredito que «novos estilos» possam vir a quebrar a linha de tradição da roupa brasileira, pelo menos no setor da roupa «sob medida»...

O ALFAIATE «GENTE BEM»

Dentre os numerosos profissionais da tesoura, destaca-se o sr. Antônio (faixa-preta) Alves — que conseguiu despertar, através de um cliente seu de visita ao Louvre de Paris, o interesse do príncipe Ali Khan, que manifestou desejo de conhecê-lo quando aqui esteve recentemente.

«SEMPRE USOU O ESTILO ITALIANO...»

Falando sobre a nova tendência da moda masculina, concorda o sr. Antônio Alves (que aliás é campeão carioca de Judô) com a influência do denominado «estilo italiano» e da sua predominância no setor da roupa sob medida aqui no Brasil:

— De minha parte, aliás, de há muito que venho empregando a técnica do «corte anatômico» com plena satisfação para os meus clientes. E esse «corte anatômico» nada mais é, afinal, do que a feitura da roupa de acordo com as características físicas do freguês. Para o tipo gordo e baixo, por exemplo, procuro evitar os paletós cintados, ocorrendo o inverso para os tipos altos e magros. São essas também as inovações introduzidas pelos alfaiates italianos em seus novos lançamentos, e que tanto sucesso vêm alcançando ultimamente.

«MAS, É O FREGUÊS AINDA QUEM MANDA...»

Discreto nas suas manifestações, a muito custo consegue-se arrancar a palavra do alfaiate «gente bem» de Copacabana:

— Ao alfaiate compete evidentemente — continua o sr. Antônio Alves — manter o seu freguês a par das tendências da moda, mas, na maioria das vezes, é ainda o freguês quem manda... Pois aqueles que gostam de apurar-se no modo de trajar sabem muito bem que tipo de vestimenta e que corte lhe «cai bem»... e disso não abrem mão com facilidade...

O USO DO COLETE

— Acredito mesmo — prossegue o sr. Alves — que a reação italiana contra o exagero das confecções norte-americanas, principalmente quanto à excessiva liberalidade na escolha de seus padrões — alguns até chocantes — está sendo de certa forma bem recebida aqui no

Brasil. Quanto aos demais aspectos, como por exemplo o uso do colete, não se poderá dizer que a «moda venha a pegar»... O colete, que evidentemente, dá um toque de mais elegância à silhueta do homem, não pode ser considerado de uso generalizado. No inverno, como o de agora, cerca de 80% da clientela ao encomendar suas roupas fazem questão de incluir o colete. Mas, para o verão... não é possível. Não se compreende mesmo um terno leve de tropical, com colete «abafador»...

O CLIENTE BUSCA CONFORTO

Concluindo suas declarações, afirma o sr. Antônio Alves:

— De um modo geral, pode-se dizer, nesses últimos anos vem-se notando que cada vez mais cresce o número de pessoas que buscam mais conforto nas roupas que vestem — e naturalmente essa tendência vem de encontro ao movimento dos profissionais italianos pela aplicação da «funcionalidade» ao desenho do novo estilo.

O USO DO CHAPÉU

Como um dos complementos indispensáveis à elegância do homem que se presa em vestir bem, o uso do chapéu vem sendo observado com mais frequência entre a «gente bem» das rodas elegantes.

Ouvindo um dos distribuidores de uma das maiores fábricas da América do Sul, a Prada — que se localiza no interior de S. Paulo — fala o sr. Altino Mário dos Santos:

— De fato, apesar das severas restrições cambiais impostas à indústria de fabricação de chapéus, o uso dessa importante peça da indumentária masculina vem-se tornando, dia a dia, mais acentuado.

A PREFERÊNCIA DOS ELEGANTES

— Sem contar os nossos clientes tradicionais, cujo hábito jamais abandonaram — e que se constituem de gente de bom gosto, representada pelo que de mais expressivo tem o nosso mundo elegante — ultimamente, vimos notando, é certo, alguma preferência para o uso de determinado tipo de chapéu. No caso, o chapéu «roller» ou «gelot» como é mais conhecido.

«Mas, de um modo geral, o que mais caracteriza a preferência de nossa clientela é a escolha do tipo de chapéu de abas curtas e altura de copa variável (do tipo presidencial). Varia, entretanto, essa preferência com o tipo físico de quem vai usá-lo. As pessoas altas preferem copas mais baixas e vice-versa.

FORNECEDOR DE GETÚLIO

— A nossa fábrica — prossegue o sr. Altino Santos — que produz mensalmente 100.000 cha-



Um dos responsáveis pelo lançamento do «novo estilo», o industrial José Cândido: «Os italianos começaram pelo cinema... E foi, também, nos Festivais que começou a «revolução» atual...»



Os alfaiates de Juscelino — José (pai) e Osvaldo Trotta: «A moda masculina tem evoluído pouco, por isso não acredito na influência repentina do novo «estilo italiano».

péus dos mais variados tipos, foi durante muitos anos fornecedora dos chapéus do Presidente Getúlio Vargas. Ultimamente, nem era preciso consultá-lo mais, pois, já que estávamos a par de seu gosto, os remetíamos, periodicamente para o palácio, nas épocas de renovação de seu estoque. O chapéu que o Presidente usava é o do tipo clássico, facilmente identificado nas suas fotografias.

JUSCELINO E O CHAPÉU LONDRINO

Quizemos saber do sr. Altino Santos se o novo Presidente era também freguês de sua casa.

— Até o momento, creio que não. Pois, ao que soube pelos jornais, o atual Presidente quando da sua recente excursão teria adquirido em Londres 4 ou 5 chapéus de que faz uso constante. Aliás, é o mesmo chapéu do tipo clássico que nós também fabricamos.

O MAIOR CONSUMIDOR DE CHAPÉUS

Finalizando, acrescenta o nosso entrevistado: — Cerca de 95% de nossa produção total de chapéus destina-se ao homem do interior. As razões são óbvias, pois condições climáticas, aliadas ao conservadorismo do nosso homem do campo, o obrigam a proteger-se das intempéries.

«No momento — a nossa indústria atravessa uma crise muito séria, lutando contra a falta de cambiais para importação da matéria prima necessária ao fabrico do chapéu (pele de coelho e feltro), mas, não resta dúvida que o homem brasileiro vem novamente voltando suas atenções para o chapéu, que inegavelmente sempre deu ao homem elegante a nota predominante de distinção e bom gosto.

A INDUMENTÁRIA DO NEGRO

Do conhecido industrial de roupas, sr. Euclides Magalhães, ouvimos detalhes inéditos e pitorescos com relação ao modo de trajar do nosso elemento negro, que vem criando — segundo afirma — «um tipo de elegância completamente à parte das evoluções da moda mundial».

— Muito embora a grande maioria ainda o ignore, o nosso negro tem contribuído em muito para a formação de um tipo clássico de elegância, que já despertou o interesse até de grandes fabricantes de roupas dos Estados Unidos. Criando o seu próprio padrão de elegância, pela introdução de peculiaridades que hoje já se fazem tradicionais — mantêm os negros os seus próprios alfaiates, que se aprimoram na confecção de ternos de acordo com os bizarros e exóticos desenhos tão ao gosto da maioria.

«Nota-se, por exemplo, — continua o sr. Eu-

clides Magalhães — a preocupação pelo estreitamento da largura da boca da calça (que em alguns casos exagerados chega a medir apenas 9 centímetros... e que mal dá para introduzir o pé descalço...) Quanto ao comprimento do paletó, vê-se também, com certo exagero, chegarem, não raro, à altura da canela...

O CHAPÉU «GIGOLÔ»...

— Agora — prossegue o conhecido industrial — o mais curioso sucede com relação ao chapéu que resolveram adotar, como suprema manifestação de elegância negra: o chamado chapéu «gigolô», que se caracteriza pelo excessivo comprimento da aba e pela especial conformação da copa.

«Aliás — continua — dos Estados Unidos estêve há pouco tempo entre nós um grupo de técnicos de um sindicato de fabricantes de chapéus a fim de realizar estudos sobre a curiosa maneira de apresentação de seus trajes, notadamente quanto ao peculiar jeito de modelar o chapéu... Grande foi a decepção daqueles senhores, quando pensaram em encontrar fábricas especiais para aquele tipo de chapéu e souberam que eram apenas transformações engenhosas, feitas, individualmente por eles mesmos...

A TRANSFORMAÇÃO...

— Não existia, como não existe — continua o sr. Euclides Magalhães — nenhuma fábrica que mantenha em suas linhas de produção, tipos exclusivos para aquele fim. O que se dá é que fazem eles de um determinado tipo de chapéu, de abas um pouco mais largas, transformações curiosas, dando-lhes aquelas aparências exóticas, pelo abaulamento da copa e erguimento da parte posterior da aba, complementada pela inclusão de uma fita de colorido mais vivo... Nada mais.

O NEGRO NÃO DÁ BOLA... PARA A MODA DO BRANCO

Finalizando, diz-nos o sr. Magalhães:

— Não creio que as inovações que se fazem sentir na moda masculina venha a ter repercussão entre os elementos de cor. Eles simplesmente não dão bola para a moda do branco. Fixaram-se naquele tipo exótico de elegância e dali só tendem a evoluir para acentuar ainda mais o exotismo que caracteriza o seu modo de trajar.

FALA «UM DOS MAIS ELEGANTES»

Procurando ouvir a palavra do homem que se veste bem, consultamos o sr. Adolfo da Graça Couto, que figura na lista «dos 10 mais elegantes do Brasil». Eis o que nos diz:

— Embora reconhecendo que em alguns países da Europa, principalmente na Itália, vêm-se manifestando inovações que se caracterizam por detalhes de corte na vestimenta masculina, não creio que o brasileiro — um tanto conservador nessa questão de modo de trajar — venha a «inovar» também de forma brusca... Há certos detalhes da moda masculina que em alguns países por exemplo se observa tradicional, como nos Estados Unidos, onde, praticamente, todo mundo usa chapéu. Fica assim o chapéu como complemento indispensável da elegância masculina. Já no Brasil, inversamente, é o que se observa, isto dado às nossas condições climáticas, onde de há muito deixou de ser hábito o uso do chapéu.

«O mesmo se poderá dizer — continua o sr. Graça Couto — com relação ao uso do colete. Durante as estações frias, é muito comum complementar-se a indumentária com o uso desta peça. Já o mesmo porém não acontece no verão.

«Sou tradicionalmente adepto da roupa sob medida, e creio mesmo que só acompanhando a feitura de um traje possa alguém corrigir a tempo certos detalhes de confecção, impondo também seu gosto pessoal, sem deixar de manter rigorosamente em dia com os figurinos da moda.

«Por isso — conclui — não creio que o novo «estilo italiano» venha a sobrepor-se à preferência do homem brasileiro».

A OPINIÃO DA MULHER

D. Marize Graça Couto afirma estar perfeitamente de acordo com as considerações de seu espôso, acrescentando ainda:

— Prefiro sempre que os homens se vistam no estilo clássico. Isto é, conservando o chapéu, o colete e também as luvas... Mas, com o nosso clima, dizem eles que não é possível... De qualquer forma, admiro a figura da elegância do homem que se veste com sobriedade, muito embora não possa deixar de frisar que certos trajes esportivos fugindo um pouco ao tradicionalismo, dão um ar de distinção à sua silhueta.

A OPINIÃO DE OUTRO ELEGANTE

Do senhor Arnaldo Brenha, freqüentador assíduo das colunas sociais de nossos órgãos de imprensa, anotamos as seguintes impressões:

— O conceito de elegância no homem é muito elástico. Há certos aspectos tradicionais na vestimenta que não chegaram a atingir o «revolucionário» como na moda feminina... Mas, de qualquer forma, a meu ver, a moda masculina varia de acordo com o clima da região em que vive. Melhoramos muito desde que nos desfizemos de alguns complementos perfeitamente dispensáveis como por exemplo o uso das ligas, do colarinho duro e da camisa engomada... Buscou o homem, com isso, adaptar-se ao clima, procurando maior conforto em suas roupas.

«Aceito como verdadeiro o movimento que na Itália se vem fazendo pela alteração de novos estilos, como uma reação às exageradas tendências para o padrão espetacular oriundo dos Estados Unidos. Mas, não creio que o brasileiro venha a adotá-lo assim de pronto. Em todo caso esperemos que se manifestem os entendidos no assunto, que não eu...

A VOZ DA ESPÓSA

D. Eleninha Brenha, pos sua vez, mantém-se conservadora como o espôso, observando apenas:

— A figura do homem que admiro como elegante é o seu tradicional modo de trajar, em que nenhuma peça de sua indumentária venha a ser dispensada. Por isso, sou pelo uso do chapéu, do colete, das luvas e... até da bengala! Acho que o homem que deseja ser elegante não pode prescindir, por exemplo, do colete, que lhe complementa o conjunto de modo tão distinto. Quanto ao chapéu o mesmo acontece. Mas, infelizmente, alegam eles que em nosso clima não é possível conservar-se uma peça incômoda pelo simples fato de que as mulheres assim o admiram...

«Nós, as mulheres, preferimos sempre a figura do elegante clássico, embora sejamos das primeiras a aceitar as modificações a toda hora introduzidas na moda feminina e que tanta diferença faz dos tempos de outrora...



O alfaiate (faixa preta) da «gente bem» já «adeirou»: «Sempre adotei o «corte anatômico» que melhor se adapta ao corpo do freguês. Meus clientes buscam conforto na roupa que vestem».



O chapeleiro de Getúlio: «Ultimamente vimos notando grande preferência pelo uso do chapéu tipo presidencial como este. Mas, a nossa indústria sofre com restrições cambiais».

SÓ AS LÁGRIMAS

♦ Esse é o homem que por ocasião da Segunda Grande Guerra só pôde oferecer ao seu povo sangue, suor e lágrimas. Porque só com esses três sacrifícios poderia conquistar-se a vitória, cujo símbolo ele repetia, a cada passo, erguendo o indicador e o médio da mão direita. A vitória foi alcançada, o suor e o sangue secaram, mas as lágrimas voltam aos olhos que tanto tem visto, desse ancião ilustre. Em novembro passado Winston Churchill, completava 82 anos, e recebia, na Côte d'Azur, as honras de cidadão honorário. Foi ao microfone de Roquebrune - Cap Martin, que o homem de Estado britânico fez uma rápida volta à vida pública, e de tal maneira o emocionaram as homenagens recebidas, que o tornaram incapaz de reprimir a sua emoção. Num gesto aberto, sem nenhum disfarce, Churchill interrompeu as palavras com que agradecia as honrarias, para levar o lenço ao rosto. Ele acabava de colocar a sua assinatura no Livro de Ouro daquela localidade, na presença do general Corniglion-Molinier, deputado pelos Alpes-Marítimos, e de M. Jean Médecin, deputado e «mairie» de Nice. Um cidadão dessa estatura moral não se envergonhou de enxugar as lágrimas diante de centenas de outros homens, e muitos deles fizeram o mesmo nesse instante. De resto, a emotividade de Churchill é uma de suas características, embora muitas vezes saiba disfarçá-la. Nas solenidades da coroação de Elizabeth II, em Westminster, também o primeiro ministro da campanha guerreira exibiu seus olhos marejados de lágrimas, aos convidados que assistiam à cerimônia histórica, e isso quer dizer apenas que Churchill tem coração. Naqueles dias incertos da guerra, ele só podia dar ao seu povo, o sangue, o suor e as lágrimas. Hoje, vergado pela idade mas sem dúvida imortalizado, ele ainda chora. Suas lágrimas são diferentes: são de alegria e felicidade, a felicidade de quem chegou a velho e cumpriu com o seu dever, mesmo quando, tantas vezes, impôs sacrifícios imensos a uma grande nação.

ÚLTIMO FLASH

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO:

AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — Nº 25 — Rio de Janeiro — 23-6-1956

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito
Diretor-Comercial: Ivan Guimarães
Diretor-Gerente: Wenceslau Quintais
Diretor de Publicação: J. M. Costa Júnior
Redatores e corretores: S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Perio simples — Um ano	Cr\$ 250,00
Seis meses	Cr\$ 125,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 800,00
Seis meses	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.
Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

**A FIGURA
EM FOCO**



**ANTÔNIO SANCHEZ
LARRAGOITI JÚNIOR**

Mesmo nascido na Espanha
Já não me lembro em que ano
Podem crer, não é patranha:
Eu sou Sul-Americano!

**MEN
DEZ**



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood

uma tradição de bom gosto

